



**UNIVERSIDADE  
FERNANDO  
PESSOA**

## **Benefícios de uma Intervenção Assistida por Animais no Apoio a Crianças Vítimas de Violência Doméstica**

[Benefits of an Animal-Assisted Intervention in Supporting Children Victims of Domestic Violence]

Dissertação de Mestrado

[Psicologia da Justiça: Vítimas de Violência e de Crime]

Inês da Silva Santos

Orientadora:

Prof. Doutora Ana Isabel Sani

Coorientadora:

Dra. Catarina Cascais

Outubro de 2024



**Benefícios de uma Intervenção Assistida por Animais no Apoio a Crianças Vítimas de Violência Doméstica**

[Benefits of an Animal-Assisted Intervention in Supporting Children Victims of Domestic Violence]

Dissertação de Mestrado

[Psicologia da Justiça: Vítimas de Violência e de Crime]

Inês da Silva Santos

Orientadora:

Prof. Doutora Ana Isabel Sani

Coorientadora:

Dra. Catarina Cascais

Que os sonhos sejam sempre maiores que os medos  
Anónimo

## **Agradecimentos**

A realização desta dissertação contou com apoios essenciais, aos quais estarei eternamente grata:

À Professora Doutora Ana Isabel Sani, pela sua orientação, exigência e disponibilidade para esclarecimento de todas as minhas dúvidas sempre que necessitei. Pelos seus ensinamentos e por fazer-me sentir sempre amparada durante todo o processo de elaboração desta dissertação. Por fim, por todo o seu apoio e palavras de motivação constantes, fazendo-me sempre acreditar no meu potencial.

À Dra. Catarina Cascais, vice presidente da Associação Ânimas, pela sua coorientação e por ter abraçado este projeto com grande entusiasmo, mostrando-se sempre prestável em todos os momentos.

Ao Dr. Abílio Leite, presidente da Associação Ânimas, por ter despendido um pouco do seu tempo para me auxiliar.

À Direção da instituição da Cruz Vermelha Portuguesa – Delegação de Matosinhos, especialmente ao Dr. José Pinto por tornar possível a realização da presente investigação e se ter demonstrado sempre colaborante com tudo aquilo que fosse necessário.

À Dra. Patrícia, Coordenadora da Resposta de Acolhimento de Emergência pertencente à Cruz Vermelha Portuguesa – Delegação de Matosinhos pelas suas palavras de incentivo constantes, pela sua empatia e amabilidade e pelo seu apoio nos momentos mais difíceis.

À Dra. Nídia, Diretora Técnica da Casa de Abrigo “Recomeçar” pertencente à Cruz Vermelha Portuguesa – Delegação de Matosinhos pela sua simpatia, ajuda e disponibilidade imediata para que me fosse possível concretizar esta investigação na máxima brevidade possível.

A todas as mães e crianças que participaram neste estudo, sendo que sem a sua colaboração, interesse e disponibilidade não seria possível realizar esta dissertação.

A todos os professores da Universidade Fernando Pessoa que fizeram parte do meu percurso académico e que contribuíram para o meu crescimento tanto a nível profissional, como pessoal.

Aos meus pais que nunca duvidaram de mim e sempre acreditaram nas minhas capacidades mesmo quando eu própria não acreditava. Foram 5 anos de muitas lágrimas, muitos desafios, muita ansiedade, dúvidas e receios, mas também de muitos sorrisos, muitas alegrias e muitas conquistas, e vocês sem dúvida alguma foram o meu grande suporte. O meu muito obrigado de coração.

Aos meus avós pelo incentivo constante, por nunca me deixarem sozinha nos momentos mais angustiantes e difíceis, por me motivarem a concretizar um dos meus maiores sonhos e me mostrarem que com esforço, sacrifício e dedicação tudo se consegue. Esta dissertação é dedicada a vocês, que mais do que avós sempre foram uns segundos pais para mim e que foram as pessoas que me permitiram ingressar no ensino superior e ter chegado até aqui. Obrigada por nunca me deixarem cair.

Por último mas não menos importante, ao meu namorado Ricardo, por mesmo estando distante ter sido a pessoa mais presente na minha vida, por me fazer ver sempre o lado positivo apesar das adversidades, por me mostrar todos os dias o meu valor, ser o meu maior apoio e o meu porto seguro. O meu obrigada por tirares o melhor de mim e fazeres-me perceber que sou capaz de muito mais que aquilo que sempre achei que seria.

Esta não é apenas uma conquista minha, mas de todos os que estiveram ao meu lado e que foram essenciais para que eu concretizasse este grande objetivo.

## Resumo

Apesar das intervenções assistidas por animais se demonstrarem eficazes para a melhoria da qualidade de vida da população em geral e do aumento do interesse científico sobre a implementação deste tipo de intervenções em diversos contextos, poucos estudos investigaram os benefícios das mesmas em relação ao sistema de justiça, sobretudo em Portugal. O presente estudo, intitulado “Benefícios de uma Intervenção Assistida por Animais no Apoio a Crianças Vítimas de Violência Doméstica” tem como objetivo investigar os benefícios da implementação de um programa de intervenção assistida por animais numa instituição social, no sentido de compreender de que forma poderia contribuir a intervenção assistida por animais para a melhoria do bem-estar de crianças vítimas de violência doméstica acolhidas em Casa Abrigo. A pertinência da problemática justificou a realização da presente investigação que contemplou uma metodologia quantitativa e qualitativa, através da execução de dois estudos. No primeiro estudo participaram 7 crianças/adolescentes de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 8 e os 18 anos e 5 progenitoras, com idades compreendidas entre os 18 e os 50 anos, acolhidas em Casa Abrigo. Para avaliar os índices de bem-estar de crianças expostas à violência doméstica integradas em Casa Abrigo pré e pós intervenção assistida por animais recorreu-se aos instrumentos Kidscreen-52 (versão para pais) e Kidscreen-10 (versão para crianças e adolescentes), administrados após consentimento informado. Os resultados da investigação não permitiram a realização de uma análise diferencial entre pré e pós-teste devido à mortalidade da amostra, porém demonstraram uma cotação elevada relativamente à perceção de Qualidade de Vida relativamente à saúde das/os crianças/adolescentes em ambas as fases. No estudo qualitativo participaram 6 progenitoras, com idades compreendidas entre os 24 e os 48 anos, acolhidas em Casa Abrigo, que foram sujeitas a uma entrevista semiestruturada, com o objetivo de compreender de que forma a intervenção assistida por animais contribuiu para a melhoria do bem-estar de crianças vítimas de violência doméstica acolhidas em Casa Abrigo acedendo às perceções e perspetivas das suas mães. Os resultados demonstraram que as progenitoras revelam melhorias no comportamento dos seus filhos e satisfação com a participação dos mesmos no programa de intervenção assistida por animais. Conclui-se que tanto no estudo empírico como na revisão da literatura que a intervenção assistida por animais pode e deve ser implementada nas diversas respostas sociais, uma vez que promove benefícios ao nível do bem-estar.

**Palavras-chave:** Criança, Violência Doméstica, Intervenção Assistida por Animais, Respostas Sociais

## **Abstract**

Although animal-assisted interventions have proven very effectiveness in improving the quality of life of the general population and increased scientific interest in the implementation of such interventions in various contexts, few studies investigated their benefits in relation to the justice system, especially in Portugal. The present study, entitled 'Benefits of an Animal-Assisted Intervention in Supporting Children Victims of Domestic Violence,' aims to investigate the benefits of implementing an animal-assisted intervention program in a social institution, to understand how such an intervention could contribute to improving the well-being of children who are victims of domestic violence and are housed in a Shelter. The relevance of this issue justifies the present research, which adopted a quantitative and qualitative methodology through the execution of two studies. In the first study, 7 children/teenagers of both gender, aged between 8 and 18 years, and 5 mothers, aged between 18 and 50 years, who were sheltered in a Shelter participated. To evaluate the well-being indices of children exposed to domestic violence housed in the Shelter before and after the animal-assisted intervention, the Kidscreen-52 (parent version) and Kidscreen-10 (child/teenager version) instruments were used, administered after informed consent. The results of the research didnt allow for a differential analysis between the pre- and post-test due to the sample mortality; however, they showed a high score regarding the perception of Quality of Life related to the health of the children/teenagers in both phases. In the qualitative study, 6 mothers, aged between 24 and 48 years, housed in the Shelter, participated and were subjected to a semi-structured interview aimed at understanding how the animal-assisted intervention contributed to the well-being of children who were victims of domestic violence housed in the Shelter, accessing the perceptions and perspectives of the mothers. The results demonstrated that the mothers reported improvements in their children's behavior and satisfaction with their participation in the animal-assisted intervention program. It is concluded, both from the empirical study and the literature review, that animal-assisted intervention can and should be implemented in several social responses, as it promotes benefits of well-being.

Key-words: Child, Domestic Violence, Animal Assisted Intervention, Social Reponses

## Índice Geral

Introdução.....	1
Capítulo I – Enquadramento Teórico .....	3
1.1.Efeitos/Implicações da violência doméstica nas mulheres .....	3
1.2.Efeitos/Implicações da violência doméstica nas crianças.....	5
1.3. Maus-tratos aos Animais de Companhia .....	8
1.4.Obstáculos aos planos de segurança das vítimas .....	10
1.5. Recomendações para os serviços sociais .....	11
1.6.Vínculo Humano-Animal: .....	12
1.7. Intervenções assistidas por animais .....	14
Capítulo II - Estudo Empírico .....	23
2.Estudo Empírico 1 .....	23
2.1 Metodologia da Investigação .....	23
2.2 Objetivos geral e específicos .....	23
2.3. Método .....	25
2.3.1. Participantes.....	25
2.3.2. Instrumentos.....	27
2.3.3. Procedimentos.....	29
2.3.4. Tratamento e Análise de dados .....	33
2.4. Resultados.....	33
2.5. Discussão .....	37
3.Estudo Empírico 2: .....	40
3.1 Metodologia da Investigação .....	40
3.2 Objetivos.....	40
3.3. Método.....	40
3.3.1. Participantes.....	40
3.3.2. Instrumentos.....	43
3.3.3. Procedimentos.....	43
3.3.4. Tratamento e Análise de Dados .....	44
3.4. Resultados.....	45
3.4.1. Perspetiva das Progenitoras .....	45

3.5. Discussão .....	52
Conclusão .....	58
Referências .....	62
Anexos .....	74
Anexo A – Declaração da CVP – Delegação de Matosinhos .....	75
Anexo B – Pedido de autorização para utilização de instrumentos .....	76
Anexo C – Parecer Comissão de Ética .....	77
Anexo D – Consentimento informado para as mães.....	78
Anexo E – Consentimento informado para responsável legal .....	79
Anexo F – Consentimento informado para as crianças .....	80
Anexo G – Protocolo de Cooperação .....	81
Anexo H – Guião de entrevista para as progenitoras.....	84
Anexo I – Categorias e Subcategorias das Progenitoras acerca dos Benefícios de uma Intervenção Assistida por Animais no Apoio a Crianças Vítimas de Violência Doméstica .....	85

## **Índice de Quadros**

Quadro 1. <i>Caraterização das Crianças Participantes</i> .....	26
Quadro 2. <i>Caraterização das Mães Participantes</i> .....	27
Quadro 3. <i>Plano de Sessões da Intervenção</i> .....	31
Quadro 4. <i>Caraterização das Mães Participantes</i> .....	42
Quadro 5. <i>Categorias e Subcategorias das Progenitoras acerca dos Benefícios de uma Intervenção Assistida por Animais no Apoio a Crianças Vítimas de Violência Doméstica</i> .....	45

## **Índice de Tabelas**

Tabela 1. Análises descritivas por dimensões do instrumento KIDSCREEN-10 (versão para crianças e adolescentes) na fase pré e pós-teste..... 34

Tabela 2. Análises descritivas por dimensões do instrumento KIDSCREEN-52 (versão para pais) na fase pré e pós-teste..... 36

## **Lista de Abreviaturas, Siglas, Símbolos ou Acrónimos**

EAA – Educação Assistida por Animais

IAA – Intervenções Assistidas por Animais

PAA – Programas de Apoio Assistidos por Animais

TAA – Tratamento Assistido por Animais

VD – Violência Doméstica

VI – Violência Interparental

## **Introdução**

A intervenção assistida por animais (IAA) é uma intervenção estruturada e orientada de modo a alcançar determinados objetivos, recorrendo a uma equipa multidisciplinar em conjunto com o animal, que é utilizado como apoio terapêutico (IAHAIO, 2018; Liguori et al., 2023; Lima et al., 2020).

Este tipo de intervenção é utilizada em diversos contextos (e.g. hospitalar, escolar) (Guzmán et al., 2022; Lima et al., 2020) e ainda que com menos destaque, tem vindo também a ser implementada no contexto jurídico, demonstrando-se muito útil em locais como tribunais, esquadras e instituições (Phillips & MCQuarrie, 2008). A presença do animal apresenta vários benefícios como o efeito calmante sobre as vítimas e a melhoria do relacionamento entre estas e as equipas jurídicas (Howell et al., 2021); a redução do medo, da ansiedade e do stress, bem como a distração de um processo judicial (Spruin et al., 2019); a promoção de confiança para conversar sobre assuntos sensíveis (Phillips e MCQuarrie, 2008), uma melhoria da satisfação geral com a vida (Bachi et al., 2012).

O tema em questão é de maior importância sendo que, apesar de existirem vários estudos que abordam as intervenções assistidas por animais, ainda existem poucos e escassos estudos acerca deste tipo de intervenção no contexto da justiça. Em concreto os resultados de um estudo piloto de Muela et al. (2019) promovem uma base para a utilização deste tipo de programas para crianças que foram expostas à violência doméstica.

Sendo assim, é necessário um maior aprofundamento desta temática de forma a explorar os benefícios de uma intervenção assistida por animais no apoio a crianças vítimas de violência doméstica, dando atenção aos aspetos positivos desta intervenção.

Esta dissertação é constituída por duas partes. A Parte I versa sobre a revisão da literatura que aborda vários conceitos relacionados com o tema principal, como os efeitos/implicações da violência doméstica nas mulheres e nas crianças, os maus-tratos aos animais de companhia, os obstáculos aos planos de segurança das vítimas, as recomendações para os serviços sociais, o vínculo humano-animal, e, finalmente, as intervenções assistidas por animais.

Na parte II, são descritos dois estudos empíricos, um de natureza quantitativa e outro de natureza qualitativa, uma vez que se revelavam uma mais valia em termos desta investigação. No primeiro estudo recorreu-se a uma metodologia quantitativa, uma vez

que este consistiu na avaliação dos benefícios de uma intervenção assistida por animais no apoio a crianças vítimas de violência doméstica recorrendo a uma medição pré e pós teste através dos instrumentos Kidscreen-52 (versão para pais) e Kidscreen-10 (versão para crianças e adolescentes). No segundo estudo foi utilizada metodologia qualitativa, dado que se pretendia compreender quais os benefícios de uma intervenção assistida por animais no apoio a crianças vítimas de violência doméstica, através das perspetivas das suas mães, permitindo deste modo, uma compreensão mais profunda do tema em questão.

Por um lado, a metodologia quantitativa revela-se pertinente, uma vez que é vista como uma estratégia experimental, que permite ao investigador desenvolver conhecimento recorrendo a dados numéricos recolhidos através de instrumentos, permitindo assim uma medição (e.g. pré, pós-teste) (Creswell, 2003). Essas informações recolhidas são posteriormente analisadas recorrendo às estatísticas, permitindo quantificar e entender a dimensão da temática em estudo.

Por outro lado, a metodologia qualitativa foca-se nas experiências individuais, podendo ser expressas através de ideias, sentimentos, atitudes, perceções... e não em hipóteses pré-definidas e testáveis, o que faz com que se desenvolvam novos conhecimentos baseados nas crenças e vivências dos participantes, compreendendo aspetos mais subjetivos (Creswell, 2003).

Deste modo, a utilização de duas metodologias permite alcançar uma melhor compreensão do tema em estudo e torna possível alcançar novas ideias que um único método não seria capaz de revelar.

O trabalho encerra com uma reflexão crítica dos resultados obtidos dos estudos empíricos, bem como com a exposição das fragilidades e recomendações para investigações futuras.

## **Capítulo I – Enquadramento Teórico**

### **1.1.Efeitos/Implicações da violência doméstica nas mulheres**

A violência doméstica (VD) é caracterizada como um problema social e de saúde pública global com altas taxas de prevalência, cerca de 30 451 participações (Sistema de Segurança Interna [SSI], 2024) e que requer uma atenção significativa (Bender, 2022; Paul, 2023; Silva et al., 2021), dado que pode acarretar graves consequências físicas, psicológicas e emocionais perduráveis (Falak, 2022).

Vários estudos têm vindo a demonstrar que as mulheres vítimas de violência doméstica apresentam uma saúde física, mental, reprodutiva e sexual pobre (Hutchinson et al., 2023; Liu et al., 2021; Navarro-Mantas et al., 2021; Winter et al., 2020). A violência entre parceiros íntimos está ligada a uma maior taxa de problemas de saúde física, envolvendo a diabetes (Stubbs & Szoeki, 2022), asma (Falak, 2022), doenças cardiovasculares e hipertensão (Wright et al., 2019).

No que diz respeito à saúde mental, estas vítimas demonstram altos níveis de stress pós-traumático, depressão e ansiedade (Kulka et al., 2020; Machisa & Shamu, 2022), levando conseqüentemente a uma diminuição da satisfação com a vida (Liu et al., 2021). Estas vítimas estão também mais propensas a desenvolver problemáticas aditivas, tais como consumo de estupefacientes, alcoolismo e tabagismo (Stubbs & Szoeki, 2022; Winter et al., 2020), incluindo mais tendência para tentativas de suicídio (Navarro-Mantas et al., 2021; Sharma et al., 2019).

Relativamente à saúde sexual e reprodutiva, a literatura revelou que mulheres afetadas pela violência entre parceiros íntimos têm maior probabilidade de relatar doenças sexualmente transmissíveis, o que poderá dever-se ao facto de não exibirem grandes competências para se envolverem em práticas sexuais seguras (Stubbs & Szoeki, 2022). Estas vítimas evidenciam ainda uma maior probabilidade de ter um filho nascido antes do tempo e com má formação congénita (Orr et al., 2023), maior probabilidade de relatar endometriose e infertilidade (Hutchinson et al., 2023) e de sofrer de complicações na gravidez, incluindo interrupção e aborto espontâneo (Falak, 2022; Jovanović et al., 2020).

A exposição à violência entre parceiros íntimos para além de afetar frequentemente a saúde física, mental e sexual da mulher, prejudica também o seu funcionamento materno, levando a limitações no que diz respeito às suas práticas parentais (Ahlf-

Dunn & Huth-Bocks, 2016; Hooker et al., 2016). Alguns estudos demonstraram que apesar do contexto de violência doméstica e de todas as dificuldades que ele poderia acarretar, as mulheres vítimas agiam de forma protetora em relação aos seus filhos, de modo a impedir que as agressões pelos seus parceiros fossem perpetradas contra estes, garantindo assim a sua segurança (Buchanan et al., 2013; Lapierre, 2010; Wendt, 2015). Deste modo, as mulheres desenvolviam uma série de estratégias para proteger os seus filhos do ambiente hostil, incluindo ignorar as suas próprias necessidades para cuidar deles, mantendo um comportamento que pensavam não perturbar o parceiro (Lapierre, 2010), evitando qualquer conversa aberta sobre a violência com os seus filhos e, muitas vezes, mantendo o pai como uma figura positiva na vida dos mesmos (Peled & Gil, 2011).

Porém, apesar do desenvolvimento destas estratégias e do esforço por parte das progenitoras para preservar a segurança e proteção dos seus filhos, as crianças não eram impedidas de testemunhar a violência (Wendt, 2015). Segundo a literatura existem vários constrangimentos no exercício da parentalidade destas mães vítimas de VD (Chiesa et al., 2018; Fogarty et al., 2021; Holmes, 2013; Pinto et al., 2019; Sani, 2008).

Muitas vezes o parceiro utiliza o (s) filho (s) como forma de exercer poder e controlo no relacionamento e de magoar a mulher (Fogarty et al., 2021; Lapierre, 2010; Rosser-Limiñana et al., 2020). Para isso, utiliza estratégias como, por exemplo, a limitação dos recursos financeiros para as necessidades dos seus filhos, levando as mães a ficarem com escassos recursos para cuidarem dos mesmos e sentirem que não são capazes de cumprir as responsabilidades familiares (Fogarty et al., 2021; Lapierre, 2010). Outra das estratégias é a utilização da violência contra a mulher, passando a imagem de que a mesma não é capaz de se proteger, muito menos ao seu filho (Lapierre, 2010). A experiência de VD afeta o papel da mulher como progenitora e a maneira como se reconhece como pessoa e como mãe (Edin et al., 2010; Sani, 2008).

A violência perpetrada pelo parceiro íntimo tem efeito negativo na parentalidade das mulheres, interferindo na relação entre mãe e filho (Lapierre et al., 2018; Rosser-Limiñana et al., 2020), uma vez que a experiência de vitimação faz com que as mães se encontrem psicologicamente fragilizadas (Levendosky & Graham-Bermann, 2001), com pouca capacidade e disponibilidade para cuidar dos seus filhos, incluindo mais propensão para sentimentos de ira e frustração (Lapierre et al., 2018).

Estudos mais concretos como um estudo de Casanueva e Martin (2007) demonstrou que mulheres vítimas de violência doméstica durante a gravidez apresentavam 3 vezes mais probabilidade de ter um risco elevado de abuso infantil comparativamente a mulheres que não sofreram VD. Outro estudo de Edin et al. (2010) demonstrou que as mulheres que sofreram de violência entre parceiros íntimos tinham representações significativamente mais negativas dos seus filhos e de si próprias como mães e eram significativamente mais propensas a apresentarem um vínculo inseguro com os seus filhos em comparação com mulheres não vítimas.

Um outro estudo de Sani e Cunha (2011) demonstrou que mulheres vítimas de maus tratos conjugais utilizavam com maior frequência práticas educativas inadequadas na interação com os seus filhos, porém classificavam-nas com maior frequência como adequadas em comparação com mulheres que não experienciaram violência nas suas relações conjugais.

Estando a violência doméstica associada a problemas de saúde mental das progenitoras (Holmes, 2013) e, conseqüentemente, a práticas parentais negativas das mesmas (Chiesa et al., 2018), as crianças são afetadas por esta condição e pela violência exercida pelo agressor às suas mães (Levendosky & Graham- Bermann, 2001; Sullivan et al., 2008) ao ponto de afetar o seu bem-estar (Miranda et al., 2013).

A exposição da criança à VD entre os seus cuidadores é em si uma forma de maus-tratos infantis (Kulka et al., 2020) e um dos mais evidentes fatores de risco para o desenvolvimento integral de uma criança (Cunha et al., 2024).

## **1.2.Efeitos/Implicações da violência doméstica nas crianças**

A exposição das crianças à violência entre parceiros íntimos, por vezes definida como violência interparental (VI) quando perpetrada, por progenitores ou cuidadores (Holden, 2003; Jouriles et al., 2014), constitui uma forma de maus tratos da criança, podendo traduzir-se numa experiência múltipla de vitimação (Sani, 2021).

A exposição à violência interparental, de uma forma direta (e.g. negligência, abuso físico ou emocional) ou indireta (e.g. testemunhar a violência), está associada a consequências negativas em todos os domínios do desenvolvimento da criança (Bender, 2022; Orr et al., 2022), incluindo impactos debilitantes no seu funcionamento físico, psicológico, emocional, social e académico (Almeida et al., 2022; Berger & Meltzer,

2021; Reid et al., 2022), podendo persistir na idade adulta e surtir efeitos negativos a longo prazo na saúde das mesmas (Barrett et al., 2024; Bo & Yating, 2023; Orr et al., 2022).

Os efeitos do trauma infantil podem ser transmitidos de geração em geração, sendo que crianças descendentes de pais que foram expostos à violência interpaparental demonstraram pior desempenho físico e saúde mental, bem como baixos resultados socioemocionais e de desenvolvimento comparativamente a crianças descendentes de pais não expostos à violência interpaparental (Forke et al., 2019). A literatura revela ainda que crianças que experienciam a violência interpaparental desde tenra idade tendem a demonstrar mais sintomas clínicos do que crianças que são expostas numa idade mais tardia durante a infância (Paul, 2023).

Relativamente à saúde física, as crianças expostas à violência entre parceiros íntimos tendem a apresentar maior probabilidade de desenvolver lesões acidentais e piores níveis de qualidade de vida (Bo & Yating, 2023). Num estudo de Reid et al. (2022) revelou que as crianças maltratadas por exposição à violência doméstica padeceram de complicações ao nível da deficiência física, incluindo deficiência visual e auditiva. As crianças expostas à VD apresentam também um maior risco de uso indevido de álcool e consumo de substâncias comparativamente a crianças não expostas à violência doméstica (Barrett et al., 2024; Herbert, 2023; Menon et al., 2018).

A exposição infantil à violência doméstica está também relacionada a uma série de problemas de saúde mental (Barrett et al., 2024), englobando o desenvolvimento de sintomas de stress pós-traumático (Galano et al., 2021), e problemas de internalização (e.g. ansiedade e depressão) (Almiş, 2020; Herbert, 2023; Jouriles et al., 2014) e externalização (Almeida et al., 2008; Weir et al., 2021)

O facto de a criança ser expectadora de cenários violentos e essa violência ser exercida por pessoas de referência (e.g. progenitores) que legitimam atos agressivos pode levar a que a criança apresente um vínculo mais fraco e um menor nível de relacionamento para com estes (Almeida et al., 2022), incluindo que esta apresente problemas de externalização (e.g. agressividade, delinquência) (Li et al., 2023; Steketee et al., 2021)

Esses problemas por sua vez acabam por afetar capacidades da criança tais como o reconhecimento e a expressão de emoções (Assed et al., 2020; Gruhn & Compas, 2020),

o estabelecimento de relações interpessoais e o desempenho acadêmico (Almeida et al., 2022; Cage et al., 2022).

Crianças que foram vítimas de abusos exteriorizam condutas e atitudes agressivas, apresentando níveis reduzidos de competência social e regulação emocional (Bender, 2022), o que por sua vez revela uma atitude hostil relativamente aos outros, causando extremos obstáculos no relacionamento interpessoal (Poole et al., 2018). Para além disto, a prevalência da violência doméstica apresenta também um impacto negativo nas amizades destas crianças (Berger & Meltzer, 2021; Hlavaty & Haselschwerdt, 2019), uma vez que estas estão mais propensas a ter problemas comportamentais, incluindo intimidação dos seus pares, mais tendência para conflitos, comportamentos antissociais (Barrett et al., 2024), menores competências empáticas (Bender, 2022), comportamentos agressivos e perpetração de bullying (Orr et al., 2022).

No que se refere ao desempenho académico, a exposição à violência interparental prejudica a motivação escolar (Berger & Meltzer, 2021), afeta até determinado ponto o desenvolvimento cognitivo da criança, perturbando as suas competências intelectuais e a sua memória, podendo contribuir para que a mesma apresente dificuldades de aprendizagem. As dificuldades apresentadas fazem com possa existir um menor desempenho educacional e que o nível de escolaridade da criança seja prejudicado (Barrett et al., 2024; Bo & Yating, 2023). Um estudo de Berger e Meltzer (2021), que abordou a experiência dos profissionais de saúde mental e bem-estar nas escolas de alunos expostos a esta problemática, demonstrou que os mesmos são hiperativos. Também Orr et al. (2022) identificou que estas crianças vítimas apresentam um comportamento hiperativo e desatento.

A exposição das crianças à violência doméstica pode levar a variadas consequências na idade adulta, incluindo problemas de álcool (Caetano et al., 2003), fracas oportunidades de emprego e baixo rendimento, fraca saúde física e mental (Barrett et al., 2024), e maior probabilidade de serem vítimas (Shields et al., 2020) ou perpetradores de violência entre parceiros íntimos (Roberts et al., 2010).

A investigação tem vindo a demonstrar que em habitações onde existe um histórico de violência entre parceiros íntimos, que por sua vez vitimiza também as crianças através da sua exposição, de igual forma prevalece uma alta taxa de coocorrência de maus-tratos a animais de companhia (Campbell et al., 2021; Muri et al., 2022).

### **1.3. Maus-tratos aos Animais de Companhia**

A literatura tem vindo a defender que os maus-tratos exercidos a animais em contextos onde existe violência doméstica são uma extensão da violência contra o parceiro íntimo (Cleary et al., 2021).

Diversos estudos (Alleyne & Parfitt, 2019; Cleary et al., 2021; Collins et al., 2018; Fitzgerald et al., 2019) discutem como principais motivadores para o abuso de animais de estimação, a pretensão de controlar o animal, a retaliação contra o mesmo, o divertimento, o preconceito, o medo ou a falta de empatia pelo animal, os atos de raiva e fúria, assim como, o desejo do perpetrador da violência de destabilizar o parceiro íntimo e/ou os seus filhos e exercer poder e controlo coercivo sobre eles.

Como formas mais comuns de maus-tratos a animais, com o propósito de intimidar e manipular as vítimas, têm vindo a ser relatados vários comportamentos tais como: as ameaças de um parceiro para se livrar do animal de companhia; a intimidação e susto propositado ao animal; a prática da violência física sobre o mesmo; o arremesso de objetos; a ameaça de o ferir; a ameaça de perseguir o animal de companhia com intenção de o magoar, mas seguidamente não fazer nada ao animal; a recusa de o alimentar e pontapear o animal (Barrett et al., 2020; Fitzgerald et al., 2019). Como formas mais graves de maus-tratos pode referir-se matar o animal ou ferir o mesmo, mais concretamente partir os ossos do animal ou até mesmo afogá-lo (Barrett et al., 2020; Fitzgerald et al., 2019).

Os perpetradores de violência doméstica frequentemente ameaçam, prejudicam ou matam os animais de companhia, como forma de reprimir ou vingar-se dos comportamentos indesejados do cônjuge ou até mesmo do próprio animal (Cleary et al., 2021). Comportamentos típicos dos animais como, por exemplo, miar ou ladrar quando estão com fome, ou até mesmo comportamentos relacionados com o medo (e.g., esconder-se), acabam por ser motivo para punir o animal (Collins et al., 2018).

Outro dos exemplos que se liga de forma estreita com episódios de violência doméstica, é quando o animal é vítima de maus-tratos físicos por ter agido de forma a tentar proteger a parceira do agressor durante um episódio violento. Muitas vezes o ciúme que o agressor sente associado à relação da companheira com o animal acarreta ameaças e/ou ferimentos ao mesmo por parte do ofensor. Por sua vez, este tipo de atitudes poderá

levar a consequências como o abandono dos animais e falta de competências por parte das vítimas de violência para cuidar adequadamente dos mesmos (Collins et al., 2018).

Torna-se importante referir que os maus-tratos graves a animais de companhia apresentam uma grande probabilidade de estar relacionados com a violência entre parceiros íntimos grave, sendo considerado um sinal de alarme significativo (Barrett et al., 2020). As vítimas de violência doméstica (tanto adultas como crianças) que residem em ambientes de violência e estão expostas ao abuso dos seus animais de companhia, apresentam um risco extremamente elevado de sofrer lesões ou danos físicos e/ou emocionais (Campbell et al., 2021).

As crianças que residem em habitações onde ocorre violência doméstica e existe presença de animais de companhia no agregado familiar, simultaneamente estão expostas à crueldade contra esses animais e evidenciam riscos associados a essa problemática (Hawkins et al., 2019). O testemunho e a exposição das crianças aos maus-tratos ao animal de estimação apresentam-se como um fator de risco para o futuro envolvimento em crueldade para com os animais por parte destas (Ladny & Meyer, 2020). A experiência direta com os maus-tratos ao animal prejudica não só os vínculos das crianças, mas também faz com que estas dessensibilizem todos os tipos de violência (Bright et al., 2018).

A crueldade para com os animais, incluindo uso de ameaças e violência, é utilizada pelo ofensor como estratégia coerciva para persuadir e disciplinar os filhos (Fitzgerald et al., 2019), podendo ser utilizada conjuntamente para manipular e controlar a companheira (Cleary et al., 2021). O agressor faz uso dos vínculos estabelecidos entre a parceira e as crianças com o animal de estimação para penalizá-las pelos seus comportamentos e/ou impor as suas vontades (McDonald et al., 2015).

As crianças que vivenciam maus-tratos para com os animais de companhia manifestam um extremo sofrimento emocional e vivenciam uma série de emoções negativas (e.g. tristeza), chorando durante e após a ocorrência do episódio violento. Porém algumas delas acabam por envolver-se nos acontecimentos de violência contra o animal de estimação, com o objetivo de o proteger, o que por sua vez pode colocá-las em perigo (McDonald et al., 2019).

Em suma, a crueldade para com os animais de companhia em situações de violência entre parceiros íntimos prejudica o bem-estar físico e psicológico das vítimas humanas e

animais, uma vez que o ofensor se aproveita do vínculo emocional estabelecido entre as mesmas como uma forma de violência (Cleary et al., 2021). Esta situação agrava o trauma psicológico e expõe-se como um obstáculo complementar nos planos de segurança de muitas vítimas (Giesbrecht, 2022).

#### **1.4. Obstáculos aos planos de segurança das vítimas**

É evidente que não só os animais correm um maior risco de maus-tratos em casas onde ocorre violência, mas também que a presença desses animais de companhia pode tornar as vítimas ainda mais vulneráveis (Campbell et al., 2021; Cleary et al., 2021). No que diz respeito ao abandono da relação abusiva por parte das vítimas, importa referir que os elos de ligação estabelecidos entre as mesmas e os seus animais de estimação têm um grande impacto na sua tomada de decisão, especialmente, em situações em que o ofensor exerce maus-tratos ao animal (Barrett et al., 2020; Fitzgerald et al., 2022).

A preocupação com a segurança dos animais de companhia revela-se um motivo de atraso no abandono das relações de intimidade abusivas e um dos obstáculos a um planeamento de segurança eficaz para as vítimas (Cleary et al., 2021). Daí que mulheres cujos seus animais de estimação foram gravemente feridos pelos seus companheiros apresentaram um número significativo de tentativas fracassadas de abandono da relação (Barrett et al., 2020) e referiram que adiaram deixar o agressor com receio de que acontecesse algo ao seu animal como retaliação pelas suspeitas e/ou tentativas e/ou concretizadas para abandonar a mesma (Collins et al., 2018; Giesbrecht, 2022).

No caso de vítimas de violência que optam por sair da relação violenta e solicitar apoio às estruturas de resposta social, a aceitação ou não de acolhimento residencial poderá depender da possibilidade de trazerem ou não consigo os seus animais (Campbell et al., 2021; Cleary et al., 2021). Isto acaba por levar a que mulheres acompanhadas ou não de crianças permaneçam em ambientes abusivos por mais tempo que o desejado e/ou fiquem desalojadas devido à sua incapacidade de aceder a este tipo de serviços (Barrett et al., 2020; Collins et al., 2018).

Em Portugal, destaca-se a existência no panorama legislativo de um conjunto de princípios informadores que possibilitam a prevenção da crueldade contra os animais, incluindo o decreto-lei nº 69/2014 de 29 de agosto, presente no código penal, segundo os artigos 387º e 388º respetivamente, que criminalizam os maus-tratos e o abandono

dos animais de companhia (Diário da República, 2014). Contudo, a situação das vítimas titulares de animais de companhia não é acautelada pela lei relativamente às redes de acolhimento, não lhes sendo possível ficar com o seu animal acolhidas e não lhes sendo fornecidas soluções de encaminhamento dos animais em situações que a vítima não possa obter ajuda de familiares, amigos ou conhecidos para acolher o seu animal (Horta, 2022).

Outros dos obstáculos ao planeamento de segurança das vítimas são as preocupações por parte das mesmas em relação a serem capazes de sustentar financeiramente tanto os seus filhos como os seus animais de companhia e, também, o vínculo dos seus filhos aos animais em casa (Collins et al., 2018). O vínculo emocional que as crianças estabelecem com os seus animais de estimação pode ter influência em relação ao planeamento contínuo de segurança das vítimas, nomeadamente em situações em que os filhos são separados dos seus animais devido à transição para abrigos por razões de segurança e apresentam posteriormente grande sofrimento emocional devido a essa separação (McDonald et al., 2019). As mães acabam por pensar retornar ao contexto abusivo para bem dos seus filhos (Collins et al., 2018).

Ainda referente a fatores de complexidade de abandono da relação, quando as vítimas possuem um animal de companhia juntamente com o agressor, tornando-se difícil comprovar a propriedade do mesmo, assim como quando os animais são um meio de sustento (e.g. gado), pois deixar a relação implica perder o sustento financeiro, podendo levar à negligência dos animais (Giesbrecht, 2022).

Assim, os animais de companhia devem ser objeto de consideração (Barrett et al., 2020; Hartman et al., 2018) pois pode influenciar a decisão das vítimas de abandonarem ou não o relacionamento abusivo (Cleary et al., 2021), sendo por isso considerado um componente necessário para uma intervenção eficiente (Campbell et al., 2021).

### **1.5. Recomendações para os serviços sociais**

Estudos demonstraram que se torna importante para as vítimas de violência doméstica encontrar abrigos seguros, que inclusive respeitem a decisão delas de permanecerem juntas com o seu animal (Hageman et al., 2018; Matsuoka & Sorenson, 2023). Para tal é recomendável que as respostas sociais para vítimas de violência doméstica construam redes colaborativas com serviços locais de apoio a animais (Collins et al., 2018).

Os profissionais de fundações comunitárias destacam que seria importante para as vítimas, quando estas abandonam o relacionamento para dar entrada em casas abrigo e se têm de deixar os seus animais de estimação para trás, encontrar formas alternativas de verificar o bem-estar dos mesmos (Hageman et al., 2018).

Um estudo de Matsuoka e Sorenson (2023), demonstrou que abrigos envolvidos em programas HAT (“Humans and Animals Together”), ou seja, que respeitavam a escolha das vítimas de terem ao seu lado o animal de estimação, eram mais sensíveis a questões como o financiamento para este tipo de programas e os riscos como é o caso das alergias, o que no caso de abrigos não aderentes a este tipo de programa justificariam a não aceitação dos mesmos nas instituições. Abrigos aderentes aos programas HAT demonstraram ainda ser mais compreensivos relativamente ao vínculo emocional entre a vítima e o animal de companhia, considerando que não seria de todo justo nem um apoio às mulheres pedir que escolhessem entre a sua própria segurança ou a dos seus animais.

Da mesma forma, programas piloto que têm sido desenvolvidos na América permitiram que as vítimas tivessem oportunidade de visitar os seus animais de estimação enquanto se encontravam acolhidas. Isto acontecia uma vez que existiria uma cooperação entre as casas abrigo e centros de abrigo para animais de companhia. Após a autonomização das vítimas, o animal poderia regressar à sua família em segurança (Paulino, 2016).

Torna-se também fundamental para ajudar crianças expostas à violência interpaparental que estas, após a sua entrada numa resposta social, como é o caso de uma casa abrigo, tenham a possibilidade de interagir com um animal. Esta interação pode revelar-se bastante positiva não só para manter o agregado seguro, mas também para promover a adaptação das crianças ao novo contexto. A intervenção assistida por animais pode ser eficaz no tratamento do trauma das crianças e conseqüentemente pode promover atitudes e comportamentos positivos, incluindo o desenvolvimento de várias competências nas crianças (McDonald et al., 2019).

### **1.6. Vínculo Humano-Animal:**

De facto, o vínculo humano-animal apresenta vários benefícios não só ao nível da saúde mental, mas também no que diz respeito ao bem-estar, apresentando resultados bastante positivos (Barcelos et al., 2020; Cherniack & Cherniack, 2015; McConnell et al., 2019).

O envolvimento positivo de crianças com animais de companhia leva a uma melhoria das suas capacidades de regulação emocional e a uma menor probabilidade de apresentarem problemas de conduta (Hawkins et al., 2022). Para além disso esse envolvimento faz com que as crianças se vejam a si próprias e respondam aos outros de forma mais compreensiva e afável (Bosacki et al., 2022; Callaghan et al., 2023).

A relação com animais de estimação, quer para os adultos quer para as crianças, proporciona uma fonte de positividade e um apoio incondicional, sendo os animais vistos como importantes fontes de conforto, segurança e aceitação (Callaghan et al., 2023; Murphy et al., 2022; Powell et al., 2019), que podem reduzir a solidão, monotonia e a preocupação com julgamentos morais (Brooks et al., 2019).

Especialmente para as crianças que estão expostas à violência doméstica, o animal de companhia pode ter um papel poderoso, pois fornece um bem-estar e pode ser visto como uma força de cura, amortecendo o impacto da exposição à violência interpaparental (Bosacki et al., 2022; Murphy et al., 2022). O animal de estimação permite que as crianças mantenham uma fonte próxima de relacionamento, apesar do contexto violento e permite uma libertação do stress e ansiedade vivenciado pela exposição à violência em casa (Hawkins, 2019). Além disso, o facto de estar perto do animal é visto como reconfortante e calmante e o envolvimento positivo com este pode moderar sintomas de ansiedade e depressão e stress pós-traumático (Bosacki et al., 2022).

Segundo Kruger et al. (2004), a aceitação incondicional que, em particular, os cães proporcionam, promovem determinados elementos de apoio social no contexto das intervenções assistidas por animais. Os cães de intervenção exprimem uma natureza carinhosa e afável, sendo que as crianças e adolescentes atribuem-lhes um carácter de “confidentes” reforçando o seu valor como provedores de apoio social. Posto isto, o apoio emocional é fortalecido em breves interações entre as crianças e os animais, dado que as crianças procuram neles protecção em momentos de stress.

Compreender o vínculo existente entre as crianças e os animais torna-se fulcral para acreditar que a intervenção assistida por animais pode beneficiá-las, uma vez que o aconchego sem julgamento que o animal proporciona a uma criança traumatizada permite que ela desabafe episódios difíceis ajudando no seu processo de cura (Phillips & McQuarrie, 2008).

## **1.7. Intervenções assistidas por animais**

As intervenções assistidas por animais (IAA) são definidas por intervenções estruturadas e orientadas de modo a alcançar determinados objetivos, recorrendo a uma equipa multidisciplinar em conjunto com o animal, que é utilizado como apoio terapêutico (IAHAIO, 2018; Liguori et al., 2023; Lima et al., 2020).

Existem três tipos de intervenções assistidas por animais (Binder et al., 2024, pp.4-6), sendo elas: i) “O tratamento assistido por animais (TAA), terminologia alterada recentemente, que substitui a terapia assistida por animais (AAT), referindo-se a uma classe de modalidades de tratamento profissional de saúde física ou mental para as quais a inclusão de animais, direta ou indiretamente, é um componente essencial da abordagem de tratamento profissional”; ii) “A educação assistida por animais (EAA), que se refere a qualquer programa educativo em que os animais sejam incluídos, direta ou indiretamente como um componente crítico de um processo educacional contínuo”; iii) “Os programas de apoio assistidos por animais (PAA), substituindo as atividades assistidas por animais (AAA), incluindo apenas programas nos quais os animais estão envolvidos, direta ou indiretamente, em atividades destinadas a apoiar e melhorar o bem-estar dos seres humanos”.

Importa mencionar que as intervenções assistidas por animais são amplamente introduzidas em vários contextos, incluindo hospitais (Guzmán et al., 2022; Rodriguez et al., 2022), escolas (Lima et al., 2020), lares de idosos (Ambrosi et al., 2019; Nordgren & Engström, 2014), prisões (Smith et al., 2023), tribunais (Howell et al., 2021; Spruin et al., 2019) e instituições (Bachi et al., 2012). Este tipo de intervenções acarreta inúmeras vantagens, porém estudos demonstraram também a existência de alguns riscos na implementação deste tipo de programas, incluindo o medo/fobia a animais, atitudes culturais e a utilização de um animal inadequado para a intervenção (e.g. que apresente um comportamento inconsistente), o que poderia levar a consequências como lesões (e.g. mordidas e arranhões) para os beneficiários do programa (Bert et al., 2016; Liguori et al., 2023).

Dado que a maioria dos estudos realizou intervenções assistidas por animais em locais de saúde, grande parte dos riscos estavam relacionados com reações alérgicas (e.g. pêlo dos animais) (Schmidt et al., 2022), preocupações em relação à higiene/sanitização, e sobretudo, com a transmissão de infeções e/ou doenças zoonóticas (e.g. doenças naturalmente transmitidas de animais para humanos) (Santaniello et al., 2020; Simonato

et al., 2020). Outro dos riscos destacados foi relativamente ao bem-estar do animal (e.g. stress que o animal acarreta por causa do trabalho) (Fine et al., 2019). Desvantagens mencionadas por parte dos tratadores dos animais relativamente a este tipo de intervenção destacaram o aumento da responsabilidade e deveres no local de trabalho/intervenção e também o facto de que a atenção que o animal recebia, por vezes acabava por desviar o foco da intervenção não a tornando tão eficaz (Rodriguez et al., 2022).

A par de todas estas preocupações, a literatura teve vindo a demonstrar aspetos a ter em consideração de forma a prevenir os eventuais riscos, nomeadamente fornecer instrução aos tratadores de animais sobre o controlo e prevenção de infeções, a implementação de protocolos de higiene simples (e.g. higienização das mãos individualmente antes e depois de tocar no animal) (Boyle et al., 2019), a implementação de protocolos sanitários para os animais envolvidos, incluindo a documentação de vacinação e visitas regulares ao veterinário para avaliação da saúde física, comportamento e bem-estar (Bert et al., 2016; Gerardi et al., 2018; Meers et al., 2022) e de forma a evitar reações alérgicas tornava-se importante os participantes realizarem um despiste antecipadamente de possíveis alergias (Jalongo et al., 2023).

Outros dos aspetos que se devem ter em consideração antes de iniciar uma intervenção assistida por animais são a seleção do animal em função dos objetivos terapêuticos a atingir (Fine et al., 2019) e do grupo que irá usufruir da intervenção (e.g. no caso de crianças ter em consideração se existe algum receio a animais de grande porte devido a experiência traumática) (Jalongo et al., 2023), e sobretudo, o bem-estar animal, tendo sempre em conta fatores como a idade do cão, a frequência de trabalho a que o animal está submetido (Glenk & Foltin, 2021) e necessidades do animal em termos de higiene e descanso (Rodriguez et al., 2022).

De facto, a literatura revelou que as IAA acarretam alguns riscos, porém os benefícios ultrapassam e muito essas dificuldades (Meers et al., 2022; Walden et al., 2020). A IAA pode ser deveras proveitosa numa abrangente série de ambientes e faixas etárias, com uma variedade de condições médicas e psicológicas, incluindo nas diversas patologias (e.g. perturbação de stress pós-traumático; perturbação do espectro de autismo), levando a melhorias quer ao nível da saúde mental, quer a nível da saúde física (Beavers et al., 2023; Gehrke et al., 2018).

Destaca-se que a maioria dos estudos tem vindo a debruçar-se maioritariamente sobre as intervenções assistidas por cães, porém as intervenções assistidas por cavalos demonstraram-se também um campo em ascensão (Liguori et al., 2023; White-Lewis, 2020). Estudos revelaram que as intervenções assistidas por cavalos apresentam benefícios no que diz respeito à melhoria dos sintomas de stress pós-traumático em veteranos de guerra, incluindo melhoras ao nível da autoestima, um aumento da paciência, confiança e relaxamento, redução do stress e da ansiedade e aprendizagem de estratégias de *coping* para lidar com a raiva e frustração. Este tipo de intervenções demonstrou ser também eficaz para uma visão de vida mais otimista, levando desta forma a um aumento da qualidade de vida (Burton et al., 2019; Gehrke et al., 2018).

Estudos relativos à população sénior demonstraram que a intervenção assistida por animais proporcionava melhorias na saúde mental, incluindo a redução dos seus sintomas de depressão assim como melhorias no que diz respeito à interação social, pois o contacto com os animais permitia desviar o foco dos sintomas de angústia, provocando uma sensação de calma e tranquilidade (Ambrosi et al., 2019), o que por sua vez levaria também a alterações positivas de humor (e.g sensação de alegria e bem-estar) (Nordgren & Engström, 2014). Para além disso, este tipo de intervenção demonstrou uma alta taxa de envolvimento e participação por parte dos idosos, incluindo benefícios no que diz respeito à saúde/capacidade física dos mesmos, sendo também eficaz na promoção de uma melhor qualidade de vida (Badin et al., 2022; Nordgren & Engström, 2014).

A intervenção assistida por animais revelou ser eficaz também na melhoria da saúde mental na população adulta com evidências de efeito imediato relativamente à redução da ansiedade com apenas uma sessão de terapia para pacientes com transtornos psicóticos, perturbações de humor e outras perturbações (Barker & Dawson, 1998) e revelou também ser benéfica no aumento de aspetos de competência social, aumento das emoções positivas e da motivação para o tratamento, melhorias no humor e na comunicação verbal e não verbal de pacientes com lesão cerebral adquirida (Hediger et al., 2019).

No que se refere à população pediátrica estudos realizados em ambientes de saúde demonstraram que as intervenções assistidas por animais permitiram normalizar o ambiente hospitalar (Rodriguez et al., 2022), tornando-o um ambiente mais positivo, seguro e protetor que relembresse às crianças o ambiente doméstico e,

consequentemente, que fizesse com que estas quisessem retornar ao local (Sarman & Günay, 2023). Permitiram também uma diminuição do stress, medo e ansiedade durante a experiência de hospitalização (López-Fernández et al., 2023), incluindo na realização de exames ou procedimentos difíceis, uma vez que o animal fornecia uma presença calmante às crianças (Uglow, 2019). Para além disto a IAA contribuía como uma distração da doença, melhorando o relacionamento entre as crianças e a sua família (Rodriguez et al., 2022). Outro dos benefícios foi que a intervenção serviu também motivar as crianças, promovendo o cumprimento dos procedimentos terapêuticos e levando-as a alcançar metas (Walden et al., 2020). Através da IAA foi possível verificar uma melhoria no que diz respeito ao internamento hospitalar (López-Fernández et al., 2023), tornando o processo mais prazeroso, fazendo com que as crianças descrevessem sentimentos de felicidade, alívio da dor e satisfação após a intervenção (Nilsson et al., 2020).

Um estudo realizado num hospital de dia de saúde mental, demonstrou que a terapia assistida por animais beneficiava as crianças com perturbações de saúde mental, melhorando a sua autorregulação emocional, reduzindo o número de explosões emocionais, levando a uma melhoria da capacidade de autocontrolo e facilitando a aderência ao tratamento terapêutico (Guzmán et al., 2022). Mais concretamente, estudos que investigaram os benefícios deste tipo de terapia para crianças com perturbação do espectro do autismo corroboram a afirmação anterior referindo que este tipo de intervenção promove melhorias a nível comportamental, no que diz respeito à autorregulação (London et al., 2020), melhoria do autocontrolo, melhoria da responsabilidade (Beavers et al., 2023) e redução da agressividade (Buck & Lavery, 2020). Para além disto a IAA promove a estas crianças melhorias a nível socioemocional, incluindo na comunicação e interação social, motivação e linguagem expressiva (Buck & Lavery, 2020; London et al., 2020) e a nível da saúde física incluindo nas habilidades motoras e funcionamento físico geral (Beavers et al., 2023).

Relativamente ao contexto escolar, as intervenções assistidas por animais demonstraram-se eficazes na promoção da motivação para a realização de tarefas (Baird et al., 2023), bem como para o aumento da concentração em aula (Lima et al., 2020). Revelam-se igualmente benéficas no que diz respeito à melhoria das competências sociais, regulação emocional e empatia das crianças, promovendo a compreensão das emoções na escola primária (Scandurra et al., 2021). Além disto, em concreto, a IAA

promoveu melhorias na competência acadêmica, conduta comportamental e autocompetência percebida de crianças com perturbação de hiperatividade e déficit de atenção (Schuck et al., 2018).

As intervenções assistidas por animais, ainda que com menos destaque neste tipo de ambiente, têm vindo também a ser implementadas no contexto jurídico, apresentando igualmente vários benefícios (Bachi et al., 2012; Balluerka et al., 2014; Dietz et al., 2012; Hamama et al., 2011; Howell et al., 2021; Smith et al., 2023).

Num contexto hostil, como é o caso de um estabelecimento prisional, um estudo realizado numa prisão psiquiátrica forense canadiana que implementou um programa de terapia assistida por animais, demonstrou que os cães podem servir como uma figura substituta de vínculo, promovendo o desenvolvimento de ligações interpessoais, atenuando dessa forma as experiências de desconexão dos reclusos (Smith et al., 2023). Os prisioneiros relataram que a interação com os cães promoveu sentimentos de amor, conforto e apoio e permitiu-lhes abandonar o “disfarce” que tinham que utilizar para se proteger do ambiente hostil. Para além disso mencionaram que se sentiram cuidados pelos animais, uma vez que estes apresentavam um carácter de aceitação incondicional sem julgamento e sem discriminação independentemente das suas histórias, transmitindo-lhes compreensão e empatia (Smith et al., 2023).

No caso de crianças que foram vítimas de violência, lidar com o sistema de justiça pode ser um processo complexo e difícil, por isso as intervenções assistidas por animais podem ser muito vantajosas em locais como: esquadras de polícia, tribunais e instituições (Phillips & McQuarrie, 2008). De facto, algumas crianças devido à vivência de episódios difíceis, incluindo experienciar problemas com a lei (e.g. ter testemunhado um cuidador a ser preso) poderão percecioner a esquadra como um local aterrador, por isso para ajudar as crianças a tranquilizar neste tipo de situações torna-se fundamental a presença de um animal de terapia. O mesmo acontece com os tribunais, pois entrar em tribunal e ter que testemunhar publicamente sobre temas sensíveis e aspetos íntimos pode ser opressivo para uma criança, daí a necessidade de recorrer a estes animais (Phillips & McQuarrie, 2008). Estudos que analisaram o envolvimento de cães de terapia nos tribunais, demonstraram que os mesmos acarretam vantagens, tais como a melhoria do ambiente em sala de espera, tornando-o mais positivo, especialmente para as vítimas de violência sexual e/ou familiar (Spruin et al., 2019), em que o cão apresentou um efeito calmante sobre estas (sobretudo nas crianças), e muitas vezes

sobre os familiares e outras pessoas presentes no processo legal (Howell et al., 2021). Outras das vantagens foram: a redução do medo, da ansiedade e do stress das testemunhas; o apoio emocional que o animal fornece e o facto de o cão proporcionar distração às mesmas do processo judicial, levando a um aumento do relaxamento, incitando sentimentos de alegria e felicidade (Spruin et al., 2019). Concretamente nas vítimas de violência sexual e/ou familiar o cão de terapia permitia que estas se sentissem mais seguras para prestar declarações e contar a sua história, em especial as crianças conseguiam abrir-se mais facilmente com o animal. Para além disto, a presença do cão melhorava o relacionamento entre a vítima e a equipa jurídica (Howell et al., 2021).

Recorrer a animais de terapia revela-se igualmente proveitoso no que diz respeito às entrevistas forenses, pois para as crianças conversar sobre as suas experiências traumáticas com um desconhecido pode ser um fator inibidor, sendo que os animais acabam por proporcionar um conforto às crianças, deixando-as mais tranquilas nos momentos em que têm que partilhar algo complicado (Phillips & McQuarrie, 2008).

Estudos que investigaram os efeitos de uma intervenção assistida por animais nas entrevistas forenses para alegação de abuso sexual infantil, revelaram que a presença do cão durante a entrevista funcionou como um amortecedor para as crianças na comunicação dos detalhes de abuso sexual, reduzindo os sintomas de stress e a frequência cardíaca, uma vez que o animal revelava ser uma fonte segura em quem a criança confiava os seus pensamentos íntimos (Krause-Parello & Friedmann, 2014; Krause-Parello & Gulick, 2015)

É importante mencionar que a eficácia das intervenções pode ser prejudicada pelo vínculo inseguro que muitas vezes as crianças que foram vítimas de violência (e.g. física, psicológica e/ou sexual) e/ou sofreram de negligência apresentam, caracterizando-se pela desconfiança em relação aos adultos (Parish-Plass, 2008). Assim, torna-se importante incluir intervenções assistidas por animais, uma vez que podem facilitar o processo de cura, pois as crianças sentem-se mais confortáveis e abertas para conversar devido à presença dos animais (Phillips & McQuarrie, 2008).

A intervenção assistida por animais tem vindo a ser uma terapia bastante eficaz no que concerne ao tratamento de crianças que vivenciaram situações traumáticas e que apresentam problemas de saúde mental (Balluerka et al., 2014). Estudos que avaliaram programas de intervenções assistidas por animais com crianças vítimas de abuso sexual,

demonstraram que as mesmas foram eficazes na redução dos sintomas da perturbação de stress pós-traumático (Hamama et al., 2011), incluindo ansiedade e depressão (Dietz et al., 2012), apresentando melhorias significativas no comportamento (Kemp et al., 2014) e no humor numa série de contextos incluindo no ambiente familiar e escolar (Signal et al., 2017).

Um estudo de Bachi et al. (2012) realizado numa unidade residencial de tratamento para adolescentes em risco demonstrou que o grupo de jovens beneficiários da terapia assistida por animais revelou um aumento da sua confiança e autoimagem, bem como uma melhoria do seu autocontrolo, incluindo um aumento da satisfação geral com a vida. Os resultados deste estudo sustentam que a terapia assistida por animais seria uma intervenção vantajosa para a melhoria de áreas essenciais na vida dos adolescentes, uma vez que após um ano da intervenção, quando comparado com o grupo que não beneficiou desta intervenção, foram encontradas diferenças nos delitos e uso de substâncias.

Por fim, é de salientar que um estudo piloto de Muela et al. (2019) relativamente a um programa de intervenção assistida por animais para crianças expostas à violência de género, procurando avaliar o seu efeito nos sintomas clínicos associados, demonstrou que a participação das crianças neste tipo de programa reduziu os sintomas internalizantes e os sintomas associados à perturbação de stress pós-traumático. Os resultados proporcionam também um apoio no que diz respeito à utilização deste tipo de programas para crianças que foram expostas à violência doméstica.

Quando as vítimas são forçadas a sair das suas casas pelo ciclo interminável de agressões, deixando não só os seus bens mas também os seus animais de companhia para trás, os cães de terapia podem fornecer às vítimas de violência doméstica um amor e afeto incondicional (TDI, 2024). A Therapy Dogs International possui um programa em que cães de terapia visitam Casas Abrigo e proporcionam uma distração da realidade, levando mulheres e crianças a acariciar os animais e partilhar os seus sentimentos e as suas histórias. A organização destaca que levar um cão para este tipo de instalações é um modo recompensador de fazer as pessoas sentirem-se bem, porém não é uma tarefa fácil de concretizar (TDI, 2024).

Compreende-se a grande variedade de estudos a nível internacional relativamente à temática das intervenções assistidas por animais, sobretudo no que diz respeito ao contexto clínico (Guzmán et al., 2022; Hediger et al., 2019; Walden et al., 2020). Porém

existem poucos e escassos estudos acerca deste tipo de intervenções no contexto da justiça, havendo a necessidade de uma maior investigação nesta área (Dietz et al., 2012; Muela et al., 2019; Spruin et al., 2019).

A nível nacional, um estudo investigou a eficácia deste tipo de intervenções relativamente à saúde mental, no qual demonstrou que, de facto, a intervenção assistida por animais demonstrava-se eficaz na redução da severidade e frequência de comportamentos agressivos de doentes psiquiátricos agudos hospitalizados, reduzindo também o recurso a psicofármacos, promovendo também comportamentos de bem-estar socioemocional aos doentes, bem como uma relação de confiança e segurança emocional nos mesmos (Marques et al., 2021).

No caso de alunos com necessidades educativas especiais, a intervenção assistida por animais demonstrou-se benéfica, pois aumentava a motivação e estimulava os mesmos para o cumprimento e alcance dos objetivos propostos nos planos educativos individuais (Paixão et al., 2015).

Um estudo realizado numa casa de acolhimento temporário com crianças entre os seis e os nove anos, institucionalizadas que apresentavam problemas de comportamento, avaliou uma intervenção assistida por animais demonstrando que a mesma era benéfica para uma melhoria das competências socioemocionais, possibilitando o domínio de competências intrapessoais, como a autorregulação e o autocontrolo, que consecutivamente permitiam o desenvolvimento de estratégias de *coping* e pensamentos positivos. Para além disto, foram destacadas melhorias na perceção emocional das crianças, bem como na relação afetiva e na adesão a regras (Matias et al., 2023).

É possível compreender uma escassez de estudos, sobretudo portugueses que abordem a temática da intervenção assistida por animais, sobretudo no contexto da justiça, daí a existência da necessidade de aprofundamento de investigação nesta área.

Neste sentido, o estudo desenvolvido nesta investigação procurou compreender de que forma poderá a intervenção assistida por animais contribuir para a melhoria do bem-estar de crianças vítimas de violência doméstica acolhidas em Casa Abrigo.



## Capítulo II - Estudo Empírico

### 2. Estudo Empírico 1

#### 2.1 Metodologia da Investigação

A investigação a realizar fará uso de uma metodologia quantitativa, dado ser a mais adequada, uma vez que serão testados os benefícios de uma intervenção assistida por animais no apoio a crianças vítimas de violência doméstica, através de uma medição pré e pós teste recorrendo aos instrumentos Kidscreen-52 (versão para pais) e Kidscreen-10 (versão para crianças e adolescentes).

#### 2.2 Objetivos geral e específicos

Esta investigação tem como principal objetivo compreender de que forma poderá contribuir a intervenção assistida por animais para a melhoria do bem-estar de crianças vítimas de violência doméstica acolhidas em Casa Abrigo.

Relativamente aos objetivos específicos delinear-se os seguintes:

- (1) Avaliar por *heterorrelato* (das mães) os índices de bem-estar de crianças expostas à violência doméstica integradas em Casa Abrigo pré e pós intervenção assistida por animais, nomeadamente examinar:
  - a) a capacidade para a criança/adolescente praticar a atividade física, brincar e viver energeticamente, avaliar sentimentos de mal-estar e queixas de uma saúde pobre;
  - b) o bem-estar psicológico da criança e adolescente, incluindo emoções positivas e satisfação com a vida;
  - c) quanto é que a criança/adolescente experiencia sentimentos e emoções depressivas e stressantes
  - d) o quão segura e satisfeita a criança/adolescente se sente consigo próprio e com a sua aparência;
  - e) o nível de autonomia da criança/adolescente;
  - f) a relação com os pais e o ambiente em casa da criança/adolescente;
  - g) a perceção da criança/adolescente acerca da qualidade dos recursos financeiros;

- h) a qualidade das interações entre a criança/adolescente e os seus pares, bem como o suporte percebido das mesmas;
  - i) a percepção que a criança/adolescente tem da sua capacidade cognitiva, de aprendizagem e de concentração;
  - j) sentimentos de rejeição pelos pares na escola e explorar os sentimentos de ser rejeitado pelos outros, bem como a ansiedade para com o grupo de pares no conhecimento das opiniões subjetivas e experiências pessoais dos participantes.
- (2) Avaliar por *autorrelato* (das crianças) os índices de bem-estar de crianças expostas à violência doméstica integradas em Casa Abrigo pré e pós intervenção assistida por animais nomeadamente examinar:
- a) a capacidade para a criança/adolescente praticar a atividade física, brincar e viver energeticamente;
  - b) o bem-estar psicológico da criança e adolescente, incluindo emoções positivas e satisfação com a vida;
  - c) quanto é que a criança/adolescente experiencia sentimentos e emoções depressivas e stressantes;
  - d) o quão segura e satisfeita a criança/adolescente se sente consigo próprio e com a sua aparência;
  - e) o nível de autonomia da criança/adolescente;
  - f) a relação com os pais e o ambiente em casa da criança/adolescente;
  - g) a percepção da criança/adolescente acerca da qualidade dos recursos financeiros;
  - h) a qualidade das interações entre a criança/adolescente e os seus pares, bem como o suporte percebido das mesmas;
  - i) a percepção que a criança/adolescente tem da sua capacidade cognitiva, de aprendizagem e de concentração
  - j) sentimentos de rejeição pelos pares na escola e explorar os sentimentos de ser rejeitado pelos outros, bem como a ansiedade para com o grupo de pares no conhecimento das opiniões subjetivas e experiências pessoais dos participantes.

## 2.3. Método

### 2.3.1. Participantes

Para a realização deste estudo foram utilizadas duas amostras ligadas ao sistema de apoio social em Portugal. Uma das amostras foi constituída pelas crianças e adolescentes acolhidas em Casa Abrigo, com idades compreendidas entre os 8 e os 18 anos (cf. Quadro 1). O limite dos 18 anos tem por referência a Convenção dos Direitos da Criança, que no seu artigo 1º considera criança todo o ser humano até essa idade (UNICEF, 2019).

Por outro lado, a segunda amostra foi composta pelas suas mães, com idades compreendidas entre os 18 e os 50 anos que se encontravam, junto com os seus filhos/as em acolhimento residencial em casa abrigo (cf. Quadro 2).

O processo de amostragem ficou concluído quando houve saturação teórica, sendo a amostra fechada quando não se verificou mais informação diversa, não adicionando conteúdo novo à análise efetuada.

O Quadro 1 referente à amostra de crianças ( $n=7$ ) mostrou que estas eram maioritariamente do sexo masculino (71.4%). A média de idades foi de 13.29 ( $DP = 3.73$ ) tendo sido a idade mínima 8 anos e a idade máxima 18 anos. Relativamente à escolaridade das crianças participantes 28.6% pertencia ao ensino básico (1ºciclo), 14.3% ao ensino básico (2ºciclo), 28.6% ao ensino básico (3ºciclo) e 28.6% ao ensino secundário. No que diz respeito à nacionalidade 28.6% correspondia à nacionalidade portuguesa, 14.3% à nacionalidade brasileira, outros 28.6% à angolana e igualmente 28.6% à santomense.

## Quadro 1

### *Caraterização das Crianças Participantes*

<b>Código</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Nacionalidade</b>	<b>Escolaridade</b>
C1	F	18	Angolana	Ensino secundário
C2	F	15	Angolana	Ensino básico (3ºciclo)
C3	M	10	Brasileira	Ensino básico (1ºciclo)
C4	M	8	Portuguesa	Ensino básico (1ºciclo)
C5	M	17	Santomense	Ensino secundário
C6	M	14	Santomense	Ensino básico (3ºciclo)
C7	M	11	Portuguesa	Ensino básico (2ºciclo)

Decorrente da composição da amostra de crianças foi constituída uma amostra de cinco mães, de diferentes nacionalidades (Portugal, Brasil, Angola e São Tomé e Príncipe), com idade entre os 36 e os 48 anos, sendo a média de idades de 43.40 (DP = 6.31). A amostra era composta por mulheres solteiras (20%), casadas/união de facto (40%) e divorciadas (40%). Relativamente à sua escolaridade, as participantes tinham maioritariamente o ensino secundário (40%), seguidamente o 2º ciclo (20%), o 3ºciclo (20%) e ensino superior (20%). No que diz respeito à situação de emprego, a maioria das mães encontra-se empregada (60%), com profissões correspondentes a auxiliar de geriatria, empregada de limpeza e funções de tratamento de roupa. As restantes mães encontram-se desempregadas (40%). O tempo de permanência destas mulheres na instituição varia desde acolhimentos recentes a acolhimentos de 1 ano e 1 mês. Quanto ao número de filhos varia entre 1 e 2, sendo mulheres com 1 filho (40%) e com 2 filhos (60%). A idade dos filhos encontra-se no intervalo dos 8 aos 18 anos (cf. Quadro 2).

## Quadro 2

### *Caraterização das Mães Participantes*

<b>Código</b>	<b>Idade</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Nacionalidade</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Profissão</b>	<b>Tempo na instituição</b>	<b>Nº de filhos</b>	<b>Idade dos filhos</b>
M1	48	União de facto	Angolana	Ensino secundário	Auxiliar de geriatria	17 dias	2	15 e 18
M2	48	Divorciada	Brasileira	Ensino superior	Empregada de limpeza	1 ano 1 mês e 19 dias	1	10
M3	37	Solteira	Portuguesa	Ensino secundário	-----	1 ano e 29 dias	1	8
M4	48	Casada	Santomense	Ensino básico (2ºciclo)	Tratamento da roupa	8 meses e 29 dias	2	14 e 17
M5	36	Divorciada	Portuguesa	Ensino básico (3ºciclo)	-----	4 meses e 18 dias	2	1 ano e 6 meses e 11 anos

### 2.3.2. Instrumentos

Para a recolha de dados foi usado um breve questionário para obtenção de informação sociodemográfica. Para avaliar o bem-estar foram também administrados dois questionários (Kidscreen-52- versão para pais; Kidscreen-10- versão para crianças e adolescentes).

O Kidscreen-52 é um instrumento que se encontra aferido para a população portuguesa e que mede a saúde geral associada à qualidade de vida para crianças e adolescentes. Foi desenvolvido no âmbito do projeto Europeu “Screening and Promotion for Health-Related Quality of Life in Children and Adolescents – A European Public Health Perspective” criado pela Comissão Europeia (Gaspar & Matos, 2008). É um instrumento genérico, que pode ser usado para monitorização, medição e avaliação, podendo ser aplicado em diversos contextos, incluindo hospitais, estabelecimentos médicos e em escolas, por profissionais da área da saúde pública, epidemiologia, medicina, psicologia, enfermagem e investigação clínica. O questionário (versão para crianças e adolescentes e versão para pais) foi traduzido para a língua portuguesa por dois técnicos especialistas na área da psicologia da saúde e saúde pública e incluiu um procedimento de tradução “forward-backward-forward” com processos de harmonização (Gaspar & Matos, 2008).

O instrumento Kidscreen-52 é aplicável a diferentes amostras, nomeadamente, crianças e adolescentes entre os 8 e 18 anos de idade, aos seus pais ou outros cuidadores, no âmbito da saúde e da doença crónica. É um questionário de autopreenchimento e o seu tempo de aplicação é de 10 a 15 minutos. O mesmo é composto por 52 itens que estão organizados em 10 dimensões que descrevem a qualidade de vida relacionada com a saúde, incluindo: (1) saúde e atividade física (5 itens); (2) sentimentos (6 itens); (3) estado de humor geral (7 itens); (4) auto-perceção (sobre si próprio) (5 itens); (5) autonomia/tempo livre (5 itens); (6) família e ambiente familiar (6 itens); (7) questões económicas (3 itens); (8) amigos (6 itens); (9) ambiente escolar e de aprendizagem (6 itens); (10) provocação (3 itens). A escala é composta por itens de resposta fechada e resposta aberta e itens que são avaliados por meio de uma escala do tipo *Likert* (1-Nada/Nunca; 2-Pouco/Raramente; 3-Moderadamente/Algumas vezes; 4-Muito/Frequentemente e 5-Sempre/Totalmente). Para cotar o instrumento será necessário recodificar alguns itens no sentido inverso, designadamente na dimensão “Saúde e Atividade Física” o item 1, na dimensão “Estado de Humor Geral” todos os itens, na dimensão “Sobre si próprio” os itens 3,4 e 5 e na dimensão “Provocação” todos os itens, de forma a que todos sejam formulados positivamente, o que significa que uma pontuação maior reflete uma maior qualidade de vida. A escala de pontuação do Kidscreen-52 é de 0 a 100. Importa mencionar que no presente estudo o Kidscreen-52 foi aplicado apenas aos pais. O instrumento apresenta consistência interna (alfa de Cronbach) nas dez dimensões que variam entre 0.64 e 0.87, com um valor médio global de 0.82, o que confere a elevada consistência interna da escala, apresentando uma fiabilidade adequada (Gaspar & Matos, 2008).

O instrumento Kidscreen-10 é uma versão reduzida do Kidscreen-52, que deriva da versão Kidscreen-27, do qual foram selecionados 10 itens, que constituem um instrumento unidimensional, representando um resultado global de todas as dimensões das versões Kidscreen maiores. O Kidscreen-10 é composto por 10 itens, sendo estes: 1- “Sentiste-te bem e em forma?”; 2- “Sentiste-te cheio(a) de energia?”; 3- “Sentiste-te triste?”; 4- “Sentiste-te sozinho(a)?”; 5- “Tiveste tempo suficiente para ti próprio(a)?”; 6- “Foste capaz de fazer actividades que gostas de fazer no teu tempo livre?”; 7- “Os teus pais trataram-te com justiça?”; 8- “Divertiste-te com os teus amigos(as)?”; 9- “Foste bom/boa aluno(a) na escola?”; 10- “Sentiste-te capaz de prestar atenção?”. As escalas de resposta são do tipo *Likert* (1-Nada/Nunca; 2-Pouco/Raramente; 3-

Moderadamente/Algumas vezes; 4-Muito/Frequentemente e 5-Sempre/Totalmente). Um valor baixo neste instrumento reflete sentimento de infelicidade, insatisfação e desadequação face aos diversos contextos da vida das crianças e adolescentes, incluindo, família, grupo de pares e escola. Uma cotação elevada revela uma sensação de felicidade, perceção de adequação e satisfação com os seus contextos (Gaspar & Matos, 2008).

### **2.3.3. Procedimentos**

A concretização deste estudo passou, primeiramente, pela submissão do protocolo de investigação juntamente com os documentos relevantes anexados (e.g., declaração da entidade colaboradora com o estudo, autorização das autoras para utilização dos instrumentos, instrumentos na íntegra, consentimentos informados e parecer da orientadora) à Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa.

Previamente foi realizado o pedido de participação no estudo à entidade da Cruz Vermelha Portuguesa – Delegação de Matosinhos, através da marcação de uma reunião com o adjunto executivo da direção Dr. José Pinto, onde foram fornecidos e esclarecidos os objetivos do presente estudo, assim como os procedimentos deste mesmo. Após toda a explicação relativamente ao projeto de investigação foi fornecida pela entidade a declaração de colaboração no mesmo (cf. Anexo A – Declaração da CVP- Delegação de Matosinhos).

Seguidamente foi requerida a autorização para utilização dos instrumentos de avaliação por correio eletrónico, através do envio de um email a uma das autoras (cf. Anexo B – Pedido de autorização para utilização de instrumentos).

Posto isto, após a obtenção de um parecer positivo por parte da Comissão de ética (cf. Anexo C – Parecer da Comissão de Ética) e já com a devida autorização da entidade para aplicação do estudo, foi solicitada a divulgação do mesmo junto dos diversos participantes e foi marcado o primeiro contacto com os mesmos, em dia da semana que permitisse alcançar todas as pessoas acolhidas na instituição.

Precedentemente à recolha de dados, conhecidos os objetivos e esclarecidas todas as dúvidas colocadas, foi obtido o consentimento informado por parte das mães das crianças que participaram no estudo (cf. Anexo D – Declaração de Consentimento Informado), as quais deram também a autorização para a participação das crianças (cf. Anexo E - Declaração de Consentimento Informado Responsável Legal). O mesmo

cuidado foi considerado na prestação de informação às crianças (> 12 anos), em que foi obtido o seu consentimento para a participação nas sessões (cf. Anexo F - Declaração de Consentimento Informado Criança).

Os instrumentos foram aplicados após obtidos os consentimentos informados, de forma a avaliar os índices de bem-estar das crianças expostas à violência doméstica integradas em Casa Abrigo por auto e heterorrelato pré intervenção assistida por animais. A recolha pré-teste foi elaborada dia 15 de fevereiro, na Casa Abrigo “Recomeçar” pertencente à Cruz Vermelha Portuguesa – Delegação de Matosinhos, e demorou cerca de 8 horas.

Para a concretização da intervenção foi estabelecido um protocolo entre a Associação Ânimas e a entidade da Cruz Vermelha Portuguesa – Delegação de Matosinhos, por forma a dar início à implementação da dita intervenção em contexto de Casa Abrigo (cf. Anexo G – Protocolo de Colaboração).

Após estabelecido o protocolo, deu-se então início à intervenção pela data de 10 de março de 2024. Esta intervenção prolongou-se pelo período de 3 meses, tendo sido finalizada a 12 de maio de 2024. Foi realizada uma vez por semana, durante o fim de semana, mais especificamente ao domingo por volta das 10 horas da manhã, por forma a garantir a presença de todos os participantes.

A intervenção pautou-se por 4 grandes objetivos gerais: (1) Estabelecimento de um Ambiente Seguro - criar um ambiente acolhedor e seguro para as crianças se expressarem; (2) Promoção da Expressão Emocional - facilitar competências de expressão e processamento emocional; (3) Desenvolvimento de Competências Sociais - aprimorar as habilidades sociais, como empatia, comunicação e cooperação; (4) Promoção da Autoestima - contribuir para o aumento da autoestima e autoconfiança.

A intervenção foi dividida em 10 sessões e teve a duração de cerca de 40 minutos a 1 hora. O programa de terapia assistida por animais visou criar um ambiente terapêutico seguro, promovendo o desenvolvimento emocional e social das crianças na casa abrigo, capacitando-as para uma transição mais suave para o futuro.

O primeiro mês de intervenção foi dedicado ao estabelecimento de vínculos e relações positivas, o segundo ao desenvolvimento emocional e social, sendo que o terceiro foi dedicado ao empoderamento e preparação para a transição (cf. Quadro 3) que se segue, referente ao plano de sessões da intervenção.

### Quadro 3

#### Plano de Sessões da Intervenção

Nº sessão	Data	Objetivos	Atividade
1	10/03/24	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover uma visão geral sobre o programa Cãofidente;</li> <li>- Explicar o papel da Psicóloga e do cão no programa;</li> <li>- Apresentar a Psicóloga;</li> <li>- Promover a apresentação dos participantes;</li> </ul>	<p><b>Cão curioso:</b> Os participantes estarão sentados em círculo (em cadeiras ou no chão). Para cada criança, o cão irá buscar uma bola, que no seu interior, terá perguntas que o cão curioso quer saber.</p>
2	17/03/24	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estimular a motivação para o programa.</li> <li>- Iniciar a criação de uma relação securizante e de confiança;</li> <li>- Promover e valorizar o autoconhecimento.</li> </ul> <p>Promover a apresentação do cão de terapia;</p>	<p><b>Sentir para Conhecer:</b> Os participantes serão convidados a interagir com o cão livremente, tentando perceber onde este gosta mais de receber mimos. Seguidamente, pintarão o guia de mimos, no qual através ao recurso de cores identificarão os sentimentos vivenciados pelo cão enquanto recebia os mimos.</p>
3	24/03/24	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover o conhecimento e a interação positiva com o cão de terapia;</li> <li>- Estimular a motivação para o programa;</li> <li>- Criar um ambiente seguro e uma relação de confiança com a Dupla Terapêutica.</li> </ul> <p>-Estimular o autoconhecimento e a autoestima;</p>	<p><b>Grupo de pessoas muito especiais:</b> O cão terá no seu colete de velcro colados vários adjetivos e imagens. Cada participante terá de selecionar, à vez, uma imagem/adjetivo para entregar a outro participante que considere adequado.</p>
4	31/03/24	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fomentar a importância do reconhecimento de forças pessoais;</li> <li>- Desenvolver competências de comunicação verbal;</li> <li>- Promover a atenção;</li> <li>-Incentivar interações sociais positivas.</li> </ul>	<p><b>Jogo da Busca:</b> Cada participante deverá esconder alguns brinquedos ou recompensas num espaço seguro e deixar as crianças e o cão trabalharem em conjunto juntos para encontrá-los. Isso não apenas estimula a interação entre eles, mas também promove a cooperação e a comunicação</p>
5	07/04/24		<p><b>Pista de Obstáculos:</b> Em conjunto, criar uma pista de obstáculos simples. As crianças terão de guiar o cão pela pista, incentivando-os a superar os obstáculos juntos. Isso pode ajudar as crianças a enfrentar desafios de forma lúdica e</p>

			desenvolver habilidades de resolução de problemas
6	14/04/24	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover a atenção;</li> <li>- Controlar a impulsividade e respeitar a troca de turnos;</li> <li>- Estimular a tolerância à frustração;</li> <li>- Incentivar a interação positiva com o cão de terapia;</li> </ul>	<p><b>Circuito de Treino em Dupla:</b> Montar um circuito de treino com várias estações, nas quais o cão terá de realizar habilidades pedidas pelo participante. Completando uma estação, poderá passar para a seguinte.</p>
7	21/04/24	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reforçar a relação de confiança com a Dupla Terapêutica;</li> <li>- Promover momento de bem-estar.</li> <li>- Aprender a dar e a receber elogios;</li> </ul>	<p><b>O que queres ensinar:</b> Cada participante poderá escolher uma habilidade para ensinar ao cão. Serão dadas as instruções para o conseguir realizar.</p>
8	28/04/24	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sensibilizar os participantes para a importância e necessidade de nos sentirmos apreciados/amados pelos outros;</li> <li>- Estimular a dádiva dos carinhos, sorrisos e elogios no dia-a-dia;</li> <li>- Estimular a autoestima;</li> </ul>	<p><b>Apresentação das habilidades:</b> Cada participante deverá apresentar ao restante grupo, as habilidades que conseguiu ensinar ao cão.</p>
9	05/05/24	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Preparar os participantes para a finalização da implementação do Programa.</li> <li>- Recordar as atividades desenvolvidas ao longo do Programa;</li> </ul>	<p><b>Os Dois:</b> A sessão será individual, onde serão abordadas questões relativas a cada criança em contexto com o cão.</p>
10	12/05/24	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Incentivar a expressão emocional e a partilha intragrupo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O caminho;</li> <li>- Até já.</li> </ul>

\*Programa Cãofidente desenvolvido pela Associação Ânimas

Após a finalização do programa, foram novamente aplicados os instrumentos de forma a avaliar os índices de bem-estar das crianças expostas à violência doméstica integradas em Casa Abrigo por auto e heterorrelato pós intervenção assistida por animais. A recolha pós-teste foi realizada dia 13 de maio na Casa Abrigo e demorou cerca de 6 horas. Importa mencionar que os participantes M2, M4, C3, C5 e C6 presentes na recolha pré-teste realizando o preenchimento do questionário, não realizaram o

preenchimento do mesmo na recolha pós-teste devido à sua saída da instituição social antes da conclusão do programa de intervenção.

Os registos efetuados foram guardados num local seguro, salvaguardando-se a confidencialidade e o anonimato das participantes, inclusive aquando do tratamento da informação e apresentação dos resultados. Após a conclusão do estudo, os registos obtidos nos questionários foram então destruídos.

#### **2.3.4. Tratamento e Análise de dados**

Primeiramente procedeu-se à construção da base de dados no programa estatístico “Software Statistical Package for the Social Sciences” (SPSS, versão 29). Após a inserção dos dados recolhidos pelo questionário sociodemográfico, prosseguiu-se com o tratamento estatístico onde foram calculadas estatísticas descritivas (frequências, percentagens, médias e desvio padrão) para efeitos de caracterização da amostra.

#### **2.4. Resultados**

Primeiramente importa referir que os resultados não permitem a realização de uma análise diferencial entre pré e pós-teste devido à mortalidade da amostra.

Em relação aos resultados obtidos pelas crianças/adolescentes que participaram na respetiva intervenção assistida por animais na fase de pré-teste, verificou-se que estas apresentaram uma cotação elevada nas dez dimensões do instrumento. Consequentemente apresentaram também um alto valor global de Qualidade de Vida relacionada com a Saúde, o que revela uma sensação de felicidade, perceção de adequação e contentamento com os ambientes em que estão inseridas (Gaspar et al., 2008). Ainda que os valores obtidos nas dez dimensões sejam elevados, referem-se as dimensões 5. *Autonomia/Tempo Livre*; 6. *Família e Ambiente Familiar* e 7. *Questões Económicas* como sendo dimensões em que existe uma perceção de qualidade de vida ligeiramente mais positiva (cf. Tabela 1). A dimensão 3. *Estado de Humor geral* foi a que obteve cotação mais baixa relativamente a todas as outras dimensões.

Relativamente aos resultados obtidos pelas crianças/adolescentes que participaram na intervenção assistida por animais na fase de pós-teste, verificou-se que estas apresentaram uma cotação elevada nas nove dimensões, apresentando um alto valor global de Qualidade de Vida relacionada com a Saúde, à exceção da dimensão 8.

*Amigos (as)* que revelou uma cotação inferior ( $M=53.4$ ). A dimensão 1. *Saúde e Atividade Física* foi a dimensão que revelou maior cotação.

Verificou-se que os valores obtidos na maioria das dimensões, incluindo as dimensões 4. *Auto-perceção (Sobre si próprio)*; 5. *Autonomia/Tempo Livre*; 6. *Família e Ambiente Familiar*; 7. *Questões Económicas*; 8. *Amigos (as)* e 10. *Provocação (Bullying)* foram inferiores aos valores obtidos na fase de pré-teste.

**Tabela 1.** Análises descritiva por dimensões do instrumento KIDSCREEN-10 (versão para crianças e adolescentes) na fase pré e pós-teste.

Dimensões (cotação de 1 a 5)	pré-teste			pós-teste		
	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
1. Saúde e Atividade Física	7	80.0	20.0	4	95.0	10.0
2. Sentimentos	7	82.8	13.8	4	90.0	11.5
3. Estado de Humor Geral	7	71.4	15.7	4	90.0	11.5
4. Auto-perceção (Sobre si próprio)	6	90.0	11.0	3	86.6	11.5
5. Autonomia/Tempo Livre	7	91.4	10.7	4	90.0	20.0
6. Família e Ambiente Familiar	7	91.4	10.7	4	70.0	38.3
7. Questões Económicas	7	91.4	10.7	4	75.0	37.9
8. Amigos (as)	6	80.0	25.3	3	53.4	41.6
9. Ambiente escolar e aprendizagem	7	80.0	20.0	4	85.0	30.0
10. Provocação (Bullying)	7	80.0	23.1	4	75.0	19.1

No que diz respeito aos resultados obtidos pelas progenitoras das crianças/adolescentes que participaram na respetiva intervenção assistida por animais na fase de pré-teste, verificou-se que as mães apresentaram uma boa perceção de Qualidade de Vida ( $>80$ ) relativamente à saúde dos/as seus/suas filhos/as nas dimensões 1. *Saúde e Atividade Física*; 4. *Auto-perceção (Sobre si próprio)*; 9. *Ambiente escolar e aprendizagem* e 10. *Provocação*. As dimensões 7. *Questões Económicas* e 8. *Amigos(as)* são as que apresentam valores inferiores.

Em relação aos resultados obtidos pelas progenitoras das crianças/adolescentes que participaram na respetiva intervenção assistida por animais na fase de pós-teste, verificou-se que as mães apresentaram uma boa perceção de Qualidade de Vida ( $>80$ ) relativamente à saúde dos/as seus/suas filhos/as nas dimensões 2. *Sentimentos*; 3. *Estado de Humor Geral*; 4. *Auto-perceção (Sobre si próprio)*; 5. *Autonomia/Tempo livre*; 9. *Ambiente escolar e aprendizagem* e 10. *Provocação (Bullying)*. As dimensões 6. *Família e Ambiente Familiar* e 7. *Questões Económicas* são as que apresentam valores inferiores.

Na fase pós-teste, as progenitoras apresentaram valores totais mais altos que o momento anterior à intervenção nas dimensões 2. *Sentimentos*; 3. *Estado de Humor Geral*; 4. *Auto-perceção (Sobre si próprio)*; 5. *Autonomia/Tempo Livre*; 7. *Questões Económicas* 8. *Amigos*; 9. *Ambiente escolar e aprendizagem*, e perceção de menor de Qualidade de Vida nas restantes dimensões 1. *Saúde e Atividade Física*; 6. *Família e Ambiente Familiar*; 10. *Provocação*, em relação aos resultados obtidos na fase de pré-teste (cf. Tabela 2).

Relativamente aos resultados obtidos pelas progenitoras das crianças/adolescentes que participaram na respetiva intervenção assistida por animais na fase de pré-teste, verificou-se que as mães apresentaram uma perceção menor de Qualidade de Vida dos/as seus/suas filhos/as na maior parte das dimensões do questionário, face às médias estimadas para cada dimensão, em Portugal e na Europa obtidas no processo de validação e tradução do respetivo questionário (Gaspar et al., 2008), exceto nas dimensões 1. *Saúde e Atividade Física*; 4. *Auto-perceção (Sobre si próprio)*; 9. *Ambiente escolar e aprendizagem* e 10. *Provocação*, em que as médias obtidas na fase de pré-teste são superiores às médias estimadas para estas dimensões (cf. Tabela 2). Importa mencionar que na fase pré-teste, a dimensão 2. *Sentimentos*, ainda que tenha apresentado uma média inferior relativamente à média estimada para Portugal, demonstrou ser superior à média estimada a nível Europeu.

Referente à fase pós-teste, as mães apresentaram melhorias na perceção de Qualidade de Vida dos/as seus/suas filhos/as nas dimensões 1. *Saúde e Atividade Física*; 2. *Sentimentos*; 3. *Estado de Humor Geral*; 4. *Auto-perceção (Sobre si próprio)*; 5. *Autonomia/Tempo Livre*; 8. *Amigos*; 9. *Ambiente escolar e aprendizagem*, sendo estes resultados superiores à média estimada para cada dimensão em Portugal e na Europa (Gaspar et. al., 2008). Importa referir que a dimensão 10. *Provocação*, ainda que tenha apresentado uma média superior relativamente à média estimada para Portugal, demonstrou ser um pouco inferior à média estimada a nível Europeu.

Mostra-se ainda relevante destacar os valores obtidos na dimensão 1. *Saúde e Atividade Física*, uma vez que esta é a única dimensão em que apesar de se verificar uma diminuição na perceção de qualidade de vida na fase pós-teste, em relação à fase pré-teste, apresenta uma perceção de maior qualidade de vida quer na fase pré-teste, quer na fase pós-teste, em relação à média estimada para esta dimensão em Portugal e na Europa.

**Tabela 2.** Análises descritiva por dimensões do instrumento *KIDSCREEN-52* (versão para pais) na fase pré e pós-teste.

Dimensões (cotação de 1 a 5)	Nº itens	pré-teste			pós-teste			Portugal			Europa		
		<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
1. Saúde e Atividade Física	5	7	90.8	7.4	4	74.0	13.2	2182	71.82	18.03	15696	72.08	17.75
2. Sentimentos	6	7	78.6	11.5	4	88.4	11.3	2115	80.96	14.68	15777	74.94	15.40
3. Estado de Humor Geral	7	7	71.4	11.6	4	95.0	10.9	2131	81.25	15.87	15723	81.38	13.39
4. Auto-perceção (Sobre si próprio)	5	7	82.8	16.8	4	84.0	9.0	2147	77.46	16.04	15816	76.72	16.75
5. Autonomia/Tempo Livre	5	7	74.8	21.8	4	86.6	23.4	2137	79.21	17.65	15897	75.32	18.01
6. Família e Ambiente Familiar	6	7	73.8	20.8	4	45.6	6.0	2106	83.66	14.89	15709	77.70	15.60
7. Questões Económicas	3	7	58.0	11.0	4	65.0	4.7	2140	71.10	25.27	15595	66.71	25.57
8. Amigos	6	7	63.4	17.7	4	80.0	8.2	2061	71.05	18.61	15485	67.93	18.09
9. Ambiente escolar e aprendizagem	6	7	82.4	14.8	4	93.4	9.5	2111	73.24	16.81	15697	69.43	17.87
10. Provocação (Bullying)	3	7	89.6	8.3	4	87.2	9.7	2117	80.70	20.59	15871	88.43	15.15

## 2.5. Discussão

Primeiramente determina-se que os resultados podem ter várias leituras, uma vez que não existe um contínuo entre os participantes que iniciaram e posteriormente terminaram o programa de intervenção assistida por animais.

Posto isto, relativamente aos resultados obtidos pelas crianças/adolescentes que participaram na respetiva intervenção assistida por animais na fase de pré-teste, verificou-se que estas apresentaram uma cotação elevada em todas as dimensões do instrumento, revelando um alto valor global de Qualidade de Vida relacionada com a Saúde. Em contradição, a literatura revela que a exposição à violência interpaparental está associada a consequências negativas em todos os domínios do desenvolvimento da criança (Bender, 2022; Orr et al., 2022), acabando estas por apresentar piores níveis de qualidade de vida (Bo & Yating, 2023).

Ainda que os valores obtidos nas dez dimensões sejam elevados, em concreto na dimensão 6. *Família e Ambiente Familiar* as crianças/adolescentes apresentaram uma perceção de qualidade de vida ligeiramente mais positiva, o que significa maior contentamento com o contexto doméstico. Este resultado opõe-se ao mencionado na literatura em que o facto de a criança ser expectadora de cenários violentos e essa violência ser exercida por pessoas de referência (e.g. progenitores) pode levar a que a criança apresente um vínculo mais fraco e um menor nível de relacionamento para com estes (Almeida et al., 2022).

De facto, os resultados obtidos pelas crianças/adolescentes na fase de pré-teste são uma antítese ao referido na literatura, uma vez que todas as dimensões avaliadas apresentam valores elevados e a literatura revela que a experiência de vitimação por exposição à violência interpaparental inclui impactos debilitantes no funcionamento físico, psicológico, emocional, social e académico das crianças/adolescentes (Almeida et al., 2022; Berger & Meltzer, 2021; Reid et al., 2022).

Relativamente aos resultados obtidos pelas crianças/adolescentes que participaram na intervenção assistida por animais na fase de pós-teste, verificou-se que estas apresentaram uma cotação elevada nas nove dimensões, apresentando um alto valor global de Qualidade de Vida relacionada com a Saúde, à exceção da dimensão 8. *Amigos (as)* que revelou uma cotação inferior ( $M=53.4$ ), o que significa que a qualidade das interacções entre a criança/adolescente e os seus pares, bem como o suporte

percebido pelas mesmas é mais baixo. Em conformidade a literatura evidencia que a exposição das crianças/adolescentes à violência interpaparental causa extremos obstáculos no relacionamento interpessoal (Poole et al., 2018) e apresenta também um impacto negativo nas amizades destas (Berger & Meltzer, 2021; Hlavaty & Haselschwerdt, 2019).

Verificou-se que os valores obtidos na maioria das dimensões, incluindo as dimensões 4. *Auto-percepção (Sobre si próprio)*; 5. *Autonomia/Tempo Livre*; 6. *Família e Ambiente Familiar*; 7. *Questões Económicas*; 8. *Amigos (as)* e 10. *Provocação (Bullying)* foram inferiores aos valores obtidos na fase de pré-teste. Estes resultados podem ser explicados pelo surgimento de fatores externos que poderiam ter interferido com o nível de bem-estar das crianças/adolescentes (e.g. problemas familiares; testemunho em tribunal). Por sua vez, os valores obtidos nas dimensões 1. *Saúde e Atividade Física*; 2. *Sentimentos*; 3. *Estado de Humor Geral* e 9. *Ambiente escolar e aprendizagem* foram superiores aos valores obtidos na fase de pré-teste, o que não podemos justificar como efeitos efetivos do programa de intervenção dado a existência de variações na respetiva amostra.

No que diz respeito aos resultados obtidos pelas progenitoras das crianças/adolescentes que participaram na respetiva intervenção assistida por animais na fase de pré-teste, verificou-se que as mães apresentaram uma boa percepção de Qualidade de Vida relativamente à saúde dos/as seus/suas filhos/as. Resultado este que poderá dever-se ao fator da desejabilidade social, em que as progenitoras ao encontrarem-se inseridas numa resposta social tenderam a responder ao instrumento com o que consideravam ser o mais correto/desejável socialmente, de forma a alcançarem a aprovação social.

Refere-se que algumas participantes presentes na recolha pré-teste realizando o preenchimento do questionário, não realizaram o preenchimento do mesmo na recolha pós-teste como mencionado anteriormente, tornando o número de participantes do pós-teste inferior, influenciando a análise dos resultados.

Em relação aos resultados obtidos pelas progenitoras das crianças/adolescentes que participaram na respetiva intervenção assistida por animais na fase de pós-teste, verificou-se que as mães apresentaram novamente uma boa percepção de Qualidade de Vida relativamente à saúde dos/as seus/suas filhos/as.

Na fase pós-teste, as progenitoras apresentaram valores totais mais altos que o momento anterior à intervenção nas dimensões 2. *Sentimentos*; 3. *Estado de Humor Geral*; 4. *Auto-percepção (Sobre si próprio)*; 5. *Autonomia/Tempo Livre*; 7. *Questões Económicas* 8. *Amigos*; 9. *Ambiente escolar e aprendizagem*, e percepção de menor de Qualidade de Vida nas restantes dimensões 1. *Saúde e Atividade Física*; 6. *Família e Ambiente Familiar*; 10. *Provocação*, em relação aos resultados obtidos na fase de pré-teste (cf. Tabela 2). Posto isto, a melhoria da percepção da qualidade de vida dos seus filhos não se poderá justificar pela intervenção, devido à mortalidade da amostra (e.g. fatores externos).

## **3. Estudo Empírico 2:**

### **3.1 Metodologia da Investigação**

A investigação a realizar fará uso de uma metodologia qualitativa, uma vez que se pretende compreender quais os benefícios de uma intervenção assistida por animais no apoio a crianças vítimas de violência doméstica, através das perspetivas das suas mães, permitindo deste modo, uma compreensão mais profunda do tema em questão.

### **3.2 Objetivos**

Esta investigação teve como principal objetivo compreender de que forma a intervenção assistida por animais contribuiu para a melhoria do bem-estar de crianças vítimas de violência doméstica acolhidas em Casa Abrigo acedendo às perceções e perspetivas das suas mães.

Relativamente aos objetivos específicos delinearão-se os seguintes:

- 1) Conhecer as perceções das progenitoras acerca do contacto prévio entre os seus filhos com um animal de estimação.
- 2) Saber quais as expectativas iniciais das progenitoras quanto à participação dos seus filhos na intervenção.
- 3) Explorar com as progenitoras aquilo que foram observando durante as sessões de intervenção com os animais.
- 4) Conhecer as perceções das progenitoras relativamente ao comportamento dos seus filhos durante o período de participação na intervenção.
- 5) Saber, através das progenitoras, se efetivamente observaram algum tipo de alteração nos seus filhos após a intervenção.

### **3.3. Método**

#### **3.3.1. Participantes**

Para a realização deste estudo foi utilizada uma amostra ligada ao sistema de apoio social em Portugal. A amostra foi constituída pelas mães acolhidas em Casa Abrigo, com idades compreendidas entre os 18 e os 50 anos, que tivessem direta ou

indiretamente tido algum contacto com o programa, ou seja, que os seus filhos integraram o grupo de intervenção.

Assim, foi constituída uma amostra de seis mães, de diferentes nacionalidades (Portugal, Brasil e Angola), com idades entre 24 e 48 anos (*Média*=37.17); (*DP* = 8.35). A amostra foi composta por mulheres solteiras (33.3%), casadas (33.3%) e divorciadas (33.3%). Relativamente à sua escolaridade, as participantes tinham maioritariamente o ensino secundário (66.7%), e as restantes o ensino básico (3ºciclo) (33.3%). No que diz respeito à situação laboral, a maioria das mães encontrava-se desempregada (83.3%), e apenas uma participante estava empregada (16.7%), sendo esta auxiliar de geriatria. O tempo de permanência destas mulheres na instituição variava desde acolhimentos recentes a acolhimentos de 1 ano e 3 meses. Quanto ao número de filhos variava entre 1 e 2, sendo mulheres com 1 filho (33.3%) e com 2 filhos (66.7%). A idade dos filhos encontrava-se no intervalo dos 2 aos 19 anos (cf. Quadro 4).

**Quadro 4***Caraterização das Mães Participantes*

<b>Código</b>	<b>Idade</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Nacionalidade</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Situação de emprego</b>	<b>Profissão</b>	<b>Tempo de permanência na instituição</b>	<b>Nº de filhos</b>	<b>Idade dos filhos</b>	<b>Sexo dos filhos</b>
M1	34	Casada	Brasileira	Ensino secundário	Desempregada	-----	9 meses e 5 dias	2	6	M e F
M2	37	Solteira	Portuguesa	Ensino secundário	Desempregada	-----	1 ano 3 meses e 27 dias	1	8	M
M3	24	Solteira	Portuguesa	Ensino básico (3ºciclo)	Desempregada	-----	9 meses e 5 dias	2	3 e 2	M e F
M4	44	Divorciada	Brasileira	Ensino secundário	Desempregada	-----	2 meses e 22 dias	1	4	M
M5	36	Divorciada	Portuguesa	Ensino básico (3ºciclo)	Desempregada	-----	7 meses e 16 dias	2	2 e 11	M e F
M6	48	Casada	Angolana	Ensino secundário	Empregada	Auxiliar de geriatria	3 meses e 15 dias	2	15 e 19	F

### **3.3.2. Instrumentos**

Para a recolha de dados, após consentimento informado, foi aplicado um breve questionário para obtenção de informação sociodemográfica. Foram também realizadas entrevistas individuais às progenitoras, que permitiram, assim como os questionários, uma partilha mais natural dos dados. Dado que o estudo foca na perspetiva das mães relativamente à forma como a intervenção assistida por animais poderá contribuir para a melhoria do bem-estar das crianças vítimas de violência doméstica em Casa Abrigo, foi elaborado um guião de entrevista (cf. Anexo H – Guião de entrevista para as progenitoras). Este guião foi construído com base no estudo europeu de Richard et al. (2022) "Occupational therapy incorporating dogs for autistic children and young people: Parent perspectives", que explorou a perspetiva dos pais sobre a Terapia Assistida por Animais (TAA) numa intervenção de terapia ocupacional que crianças/adolescentes receberam em cinco sessões semanais.

### **3.3.3. Procedimentos**

A concretização deste estudo passou, primeiramente, pela submissão do protocolo de investigação juntamente com os documentos relevantes anexados (e.g., declaração da entidade colaboradora com o estudo, guião de entrevista, consentimento informado e parecer da orientadora) à Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa.

Assim, os procedimentos para a realização deste estudo qualitativo são os já elencados anteriormente para o estudo quantitativo referente ao pré e pós teste de intervenção assistida por animais, exceto no que se refere à recolha de dados.

Importa referir que foram novamente fornecidos os devidos consentimentos informados às progenitoras que não haviam participado na intervenção.

Após a assinatura dos consentimentos e esclarecidas todas as dúvidas foram, então, questionadas as participantes se estas consentiam a gravação do áudio da entrevista.

O período de realização das entrevistas com as progenitoras decorreu desde o dia 14 até 26 de maio devido às dificuldades de agendamento com as utentes. Relativamente à sua duração, as entrevistas possuíram uma duração máxima de 15 minutos e foram realizadas presencialmente na instituição, de forma a garantir que as participantes estivessem num local mais seguro assim como confortável para estas mesmas.

As entrevistas decorreram de acordo com o interesse manifestado por cada participante, de modo individual, no contexto onde se garantiu a confidencialidade e privacidade necessárias à participação. O anonimato das participantes foi garantido, podendo as mesmas iniciar e desistir do estudo a qualquer momento, sem possuir qualquer consequência. Esta informação consta ainda na declaração de consentimento informado (cf. Anexo D) no qual se menciona ainda que as entrevistas serão gravadas em áudio, para posterior transcrição e análise. Os registos foram guardados num local seguro, salvaguardando-se a confidencialidade e o anonimato das participantes, inclusive aquando do tratamento da informação e apresentação dos resultados. Após a conclusão do estudo, os registos obtidos nas entrevistas foram então destruídos.

#### **3.3.4. Tratamento e Análise de Dados**

Primeiramente, todas as gravações efetuadas foram ouvidas atentamente e transcritas de forma cuidadosa sendo de seguida estas destruídas. Após a análise dos dados obtidos nas entrevistas, estes foram sujeitos à técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), de forma a sintetizar e reduzir a quantidade de informação disponível construindo categorias e subcategorias de conteúdo. Mais precisamente, esta técnica consiste em dividir e classificar o conteúdo em unidades de codificação, ou seja, transformar os dados das entrevistas em categorias, sendo estas percebidas como representações mais simples dos dados. Deste modo, este tipo de análise permite apresentar o discurso dos participantes, respondendo às questões de investigação definidas e facilitando na comparação da informação obtida, sublinhando os pontos similares e distintos (Bardin, 1977).

### 3.4. Resultados

A apresentação dos resultados corresponde à análise do conteúdo obtido nas entrevistas realizadas às progenitoras.

#### 3.4.1. Perspetiva das Progenitoras

Através das perspetivas e observações de cada progenitora foi possível obter distinções e semelhanças no tema dos benefícios de uma intervenção assistida por animais no apoio a crianças vítimas de violência doméstica.

De seguida será exposto o quadro 5 referente às categorias e subcategorias das progenitoras acerca da participação dos seus filhos num programa de intervenção assistida por animais (Anexo I). Foram criadas 4 categorias de acordo com os objetivos do estudo e um total de 12 subcategorias consoante as perguntas utilizadas nas entrevistas com as progenitoras. Após a tabela serão descritos os principais resultados da tabela, apresentando alguns excertos exemplificados do discurso das participantes.

#### Quadro 5

*Categorias e Subcategorias das Progenitoras acerca dos Benefícios de uma Intervenção assistida por Animais no Apoio a Crianças Vítimas de Violência Doméstica*

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>
A. Perceções das progenitoras acerca do contacto prévio entre os seus filhos com um animal de estimação	A1. Existência ou inexistência de contacto com animal de estimação A2. Ligação ao animal
B. Expectativas iniciais das progenitoras quanto à participação dos seus filhos na intervenção	B1. Expectativas positivas B2. Expectativas negativas
C. Observações das progenitoras durante as sessões de intervenção com os animais	C1. Descrição dos cães C2. Atividades C3. Comportamento do/s filho/s C4. Participação do/s filho/s
D. Observações das progenitoras após a intervenção com os animais	D1. Alterações no comportamento do/s filho/s D2. Alterações nos relacionamentos D3. Dificuldades após a intervenção D4. Intervenção assistida por animais

### **A. Perceções das progenitoras acerca do contacto prévio entre os seus filhos com um animal de estimação**

Relativamente ao **contacto prévio entre as crianças com animais de estimação (A1)** uma das participantes, proprietária de um terreno, afirma que os seus filhos tiveram contacto com animais de gado, como ovelhas, cabras, galinhas, enquanto que a maioria das progenitoras afirma que os seus filhos já tiveram como animal de estimação um cão.

*“Sim, com ovelhas, cabras, galinhas” (M1)*

*“Sim teve, antes de irmos para cá tínhamos uma cadela” (M5)*

*“Sim, já tiveram contacto com animal de estimação em Angola, em casa tínhamos um cachorro” (M6)*

Em relação à **ligação entre as crianças com esse animal (A2)** todas as mães referiram muito boa/boa ligação entre os seus filhos e os animais. Duas das participantes revelam que os seus filhos são bastante afetuosos chegando a mencionar atos de ternura e de carinho dos seus filhos para com o animal (e.g. abraçar o animal). Uma das participantes menciona também atos de cuidado que as suas filhas tinham para com o animal (e.g. alimentação, higiene, saúde). Por outro lado, uma das progenitoras afirma presença de medo por parte do seu filho perante animais de grande porte.

*“Se forem cães grandes o mais novo teria medo, agora se forem pequenos já não” (M3)*

*“Ele tem muito boa ligação, gosta bastante de cães, ele amava a cadela, dava beijinho, dava abraço (...)” (M4)*

*“(...) elas lidavam bem com o cãozinho, cuidavam do cãozinho, quando eu digo cuidavam, davam banho, davam de comer, levavam à veterinária” (M6)*

## **B. Expectativas iniciais das progenitoras quanto à participação dos seus filhos na intervenção**

No que diz respeito às **expectativas positivas (B1)** iniciais acerca da intervenção assistida por animais, as participantes apontam que estavam à espera que o programa implementado trouxesse mais felicidade às crianças, inclusive uma das mães afirma que pretendia que os seus filhos não sentissem tanta falta dos animais, uma vez que na Casa Abrigo não era permitido o acolhimento dos mesmos. Por outro lado, uma das progenitoras, cujo filho apresenta perturbação do espectro do autismo, tinha como expectativa que através do programa o seu filho apresentasse mais interesse pelos animais.

*“Para eles serem mais felizes porque como eu sei que eles gostam muito de animais e a gente veio para cá e eles não tinham esperava vê-los mais alegres, eles sentiam muito a falta do contacto com os animais por isso também esperava que com a intervenção não sentissem tanta falta” (M1)*

*“Quando soubemos que ia haver uma intervenção assistida por animais foi uma alegria para eles, então a minha expectativa foi que ficassem mais felizes e criassem um vínculo especial com os animais” (M5)*

*“Como você sabe ele é autista, a minha expectativa era que ele tivesse um pouco mais de interesse pelo cão (...)” (M6)*

No que concerne às **expectativas negativas (B2)** iniciais relativamente à intervenção assistida por animais, algumas participantes revelaram ter receio de que os animais presentes na intervenção, sendo alguns de grande porte, provocassem desconforto e medo nos seus filhos, dado que as crianças estavam habituadas a interagir com animais de pequeno porte, porém mencionaram também que no decorrer do programa essas crenças não se evidenciaram.

*“(...) estava com um pouco de medo porque o outro cãozinho que o meu filho estava habituado era menor, mas para mim foi muito positivo para ele ver que existem vários tipos de cães, então ele pode ter oportunidade de conhecer outras raças (...) eu achei muito válida a experiência” (M4)*

*“Ao princípio estava com receio, pensei que os cães como são grandes e o cachorro que tínhamos era pequenininho que elas iam sentir um certo medo mas não aconteceu, logo à priori na primeira experiência aqui que tiveram com o cachorro foi boa, interagiram bem” (M6)*

### **C. Observações das progenitoras durante as sessões de intervenção com os animais**

Quando questionadas sobre o que foram observando durante as sessões de intervenção com os animais, grande parte das participantes fizeram uma **descrição dos cães (C1)** presentes no programa, algumas delas revelando ter sido bastante positivo e benéfico o facto de em cada sessão ser trazido um cão de raça e porte diferente. Outras participantes manifestaram a sua opinião relativamente ao temperamento (e.g. instinto protetor, meigo) e treino destes animais, que a seu ver fez com que as crianças se sentissem muito mais à vontade, demonstrando um comportamento mais tranquilo, que fez com que as mesmas desfrutassem da intervenção na sua totalidade e que o programa corresse da melhor forma possível.

*“(...) vocês fizeram tipo um rodízio, trazendo animais de vários tamanhos e no geral eu acho que isso foi muito positivo, o animal tinha um instinto muito protetor, os cães têm esse instinto protetor e as crianças, pelo menos a maioria que eu vi se sentiram muito à vontade” (M4)*

*“(...) o cãozinho foi muito meigo com todas as crianças, elas estavam muito tranquilas, já por isso se diz que os cães são os melhores amigos do Homem” (M5)*

*“(...) eles estavam muito bem treinados então tudo foi muito bem feito, todas as sessões com o cão e as crianças e até com os adultos, achei muito gratificante” (M6)*

Ainda relativamente às observações realizadas pelas progenitoras, algumas delas fizeram referência às **atividades (C2)** desenvolvidas entre os seus filhos e a dupla de intervenção, descrevendo o tipo de jogo desempenhado e considerando as tarefas executadas interessantes para as crianças. As participantes revelaram satisfação relativamente ao programa e uma das progenitoras destacou ainda o facto dos seus filhos após a intervenção sonharem com o que tivera sido realizado.

*“(...) acredita que eles estão dormindo e de vez em quando dormindo eles falam ervilha não sei quê pega a bola pega a bola, estão sonhando com o que fizeram com a cadelinha no programa” (M1)*

*“(...) houve jogos com o cachorro, um jogo foi esconder os biscoitos e as minhas filhas foram escondendo o alimento que depois foi encontrado pelo cachorro e correu bem, gostei eu como mãe e elas também gostaram da intervenção” (M6)*

As participantes ao longo das sessões de intervenção foram observando também o **comportamento dos seus filhos (C3)** e mencionaram uma enorme alegria vivenciada por estes com cada chegada dos animais para a intervenção, inclusive uma das progenitoras mencionou o facto de uma das filhas se encontrar muito mais tranquila nas sessões, pois ajudavam-na a distrair-se da ansiedade de terminar o projeto escolar final. Algumas participantes referiram também a agitação e inquietude dos filhos durante as sessões, explicando-a através das condições especiais dos mesmos ou simplesmente devido à alegria vivenciada por estarem com o animal. Por fim, as mães mencionaram ainda que as sessões permitiram aos seus filhos uma melhor comunicação, bem como um melhor relacionamento para com as outras crianças.

*“(...) via-se mesmo a alegria deles no olhar mesmo, aquele brilho de estar ali no meio do animal, aquele contacto que eles não tinham e voltaram a ter, era uma alegria total sempre que viam o cão eles pulavam de alegria” (M1)*

*“(...) o meu filho não parava, queria sempre muito participar em tudo o que estavam a fazer, sempre agarrado à cadela ervilha, gostou muito não a queria largar” (M2)*

*“(...) o meu filho é bastante tímido então na minha opinião durante as sessões ele sentiu-se mais à vontade e relacionou-se mais também com as outras crianças” (M5)*

*“As minhas filhas ficavam muito tranquilas durante as intervenções, uma delas está a acabar o projecto para terminar a escola e ela tem andado muito ansiosa mas nesses momentos conseguia distrair-se um pouco” (M6)*

Durante as sessões de intervenção assistida por animais, as progenitoras mencionaram também a **participação dos seus filhos (C4)**, que de uma forma geral foi vista como

sendo uma ótima participação. As mães referiram um grande interesse por parte das crianças em cooperar com as atividades, inclusive a participante cujo filho apresenta dificuldades especiais e que não se mostrou tão participativo, referiu que dentro das limitações dele, a experiência dentro do programa revelou-se bastante válida.

*“(...) foi muito participativo, queria sempre fazer tudo” (M2)*

*“(...) eu não posso obrigar ele a interagir mais, tem que ser com calma, mas eu achei que ele foi bem com a relação ou o contacto com o animal, claro que não foi igual às outras crianças mas dentro das limitações dele foi bem válido” (M4)*

*“(...) elas participaram muito bem, foram muito participativas, em todos os jogos elas mostravam-se sempre muito interessadas” (M6)*

#### **D. Observações das progenitoras após a intervenção com os animais**

Atendendo às observações das progenitoras após a intervenção com os animais, a grande maioria referiu **alterações no comportamento dos filhos (D1)**, revelando que os mesmos se encontravam muito mais felizes depois de estarem em contacto com os animais, inclusive uma das participantes revelou que a ansiedade das suas filhas diminuiu substancialmente. Por outro lado, algumas participantes mencionaram não denotar quaisquer alterações nos seus filhos.

*“Eles já eram assim animados então não mudou muita coisa” (M3)*

*“Alterou completamente, ele parecia estar sempre infeliz até o cão aparecer, depois disso foi uma alegria” (M5)*

*“(...) a ansiedade delas diminuiu substancialmente, elas eram meninas muito ansiosas e isto ajudou muito eu acho” (M6)*

Ainda referente às observações das progenitoras após a intervenção, algumas participantes mencionam também **alterações nos relacionamentos (D2)**, incluindo relacionamento entre mãe e filho e relacionamento entre irmãos, destacando uma maior aproximação, interação e partilha, bem como melhorias ao nível da comunicação.

*“ - A intervenção fez com que ficássemos ainda mais próximos, às vezes acontecia alguma coisa e eu não podia estar ali com eles, mas é porque a gente cá tem tarefas que a gente tem que fazer dentro do horário, então eles qualquer*

*coisa chamavam logo mãe vem aqui e eu corria (...) eu ficava ali admirando eles, sorrindo, brincando, ah depois quando precisavam de mim corriam mãe vem cá vem cá e eu saía correndo” (M1)*

*“(...) ele saía da intervenção e vinha a correr contar-me tudo o que se tinha passado, foi muito bom nesse sentido, ajudou a falarmos mais” (M2)*

*“(...) ela e a irmã interagiam muito mais, conversavam sobre o que aconteceu lá, então ajudou muito na aproximação entre as duas (...)” (M6)*

As participantes destacam também **dificuldades após a intervenção (D3)** sobretudo as saudades vivenciadas pelos filhos em relação aos animais na hora da despedida, como sendo um momento delicado.

*“(...) a última vez que viu a ervilha, o meu filho foi chorando ali à sala, mãe a ervilha não vem mais e eu então porquê? Já acabou mãe ela já não vem mais e chorando, chorando desesperado e eu ai filho não chora ela volta” (M1)*

*“(...) Eu tenho estado a gostar muito, mas a parte da despedida é que é complicado, porque o meu mais novo depois não quer que ela vá embora e fica ali a chorar tenho que o acalmar, as saudades...” (M3)*

Após a intervenção assistida por animais, algumas participantes destacam a necessidade de **implementação do programa em Casa Abrigo (D4)**, justificando que seria bastante benéfico para as crianças o contacto com os animais, pois estes transmitem-lhes alegria e além disso, elas podem adquirir bastantes aprendizagens através dessa interação. Para além disto, uma das participantes menciona ainda que o programa seria igualmente benéfico para as mães.

*“Eu acho que deve ser implementado este programa, é muito bom esse contacto com animais sabe, as crianças adoram e eles acabam aprendendo assim, os animais têm sempre alguma coisa a ensinar, principalmente os cachorros, a questão da lealdade e entre outras coisas, eu acho muito importante esse contacto com as crianças, é diferente e vale muito a pena eu acho, na minha opinião” (M4)*

*“Acho que este programa devia de ser implementado, acho que seria benéfico para as mães e para as crianças” (M5)*

Outras participantes após a finalização do programa sugeriram ser bastante benéfico a **adoção de um animal de estimação para Casa Abrigo** não só devido às alterações experienciadas nos seus filhos, mas também com o objetivo das crianças adquirirem um sentido de responsabilidade desde pequenas. Para além disto, uma participante refere ser também uma mais valia para as mães.

*“Uma coisa, uma sugestão minha porque eu vi a diferença deles, o antes e o depois, o antes porque eles não tinham animal nenhum cá e depois desde que começou a vir os cães, faz muita diferença mesmo então o que é que eu sugeria, porque é que numa Casa Abrigo não se adotava, nem que fosse aqueles cãezinhos pequeninos chiuwawua ou yorkshire terrier para ter na própria Casa Abrigo para as crianças cuidarem, darem água, banho, acho que era uma coisa interessante para eles terem responsabilidade desde pequenos” (M1)*

*“(...) Era muito bom que as Casas Abrigo tivessem um animal de estimação, ia ser ótimo para as crianças e mesmo para nós mães” (M6)*

### **3.5. Discussão**

Todas as participantes mencionaram que em algum momento da vida, os seus filhos tiveram contacto com um animal, ainda que não fosse um animal doméstico (e.g., animais de rua, de quinta). Para além deste contacto, todas as progenitoras confirmaram uma boa ligação entre os seus filhos e os animais, mencionando-os como crianças bastante afetuosas. De facto, os animais fazem indiscutivelmente parte do mundo infantil, pois desde tenra idade as crianças encontram-se rodeadas de animais, frequentemente presentes em livros, filmes, programas de televisão, peluches, nas ruas... (Phillips & McQuarrie, 2008).

Foram evidenciadas expetativas positivas e expetativas negativas por parte das progenitoras relativamente à participação dos seus filhos no programa de intervenção. A expetativa mais positiva das participantes relativamente à participação dos seus filhos na intervenção assistida por animais (IAA) foi de facto para que esta proporcionaria felicidade para as suas crianças. Vários estudos confirmaram que a presença de cães de intervenção em vários locais contribui para a melhoria do humor de todas as pessoas presentes (Machová et al., 2019; Nilsson et al., 2020; Rodriguez et al., 2022).

Uma das participantes refere que pretendia com o programa de intervenção que os seus filhos não sentissem tanta falta dos animais, uma vez que na Casa Abrigo não era permitido o acolhimento dos mesmos. Demonstrou-se também preocupada, pois afirma que os seus filhos sempre estiveram rodeados de animais e que após a entrada na instituição que notara que com a perda de contacto com os animais eles se encontravam mais tristes. A literatura revela que a situação das vítimas titulares de animais de estimação não é acautelada pela lei portuguesa relativamente às redes de acolhimento, não lhes sendo possível ficar acolhidas com o seu animal e não lhes sendo fornecidas soluções de encaminhamento destes em situações em que esta não possa obter ajuda de familiares, amigos ou conhecidos para acolher o animal (Horta, 2022). Assim, existe uma preocupação por parte das mães relativamente à quebra do vínculo dos seus filhos com o animal doméstico (Collins et al., 2018). Esta separação entre as crianças e o animal de companhia devido à transição para casas abrigo por razões de segurança, causa grande sofrimento emocional nestas (McDonnald et al., 2019).

Precedentemente ao início do programa de intervenção foram tidos em consideração uma série de parâmetros tais como: (1) o questionamento e verificação da existência ou não de alergias aos animais por parte dos participantes; (2) protocolos sanitários para os animais envolvidos; (3) a garantia do bem-estar do animal (e.g. condições de higiene, alimentação, períodos necessários de descanso...) e (4) seleção do animal em função dos objetivos da intervenção de modo a impedir possíveis riscos.

A literatura sugere, ainda, tendo em conta a iniciação de uma intervenção assistida por animais, que vários aspetos devem ser considerados de forma a evitar possíveis riscos, tais como protocolos de higiene simples e despiste de possíveis alergias para os participantes (Boyle et al., 2019; Jalongo et al., 2023), protocolos sanitários para os animais envolvidos (Gerardi et al., 2018; Meers et al., 2022), o bem-estar animal (Glenk & Foltin, 2021) e as necessidades deste em termos de higiene e descanso (Rodriguez et al., 2022).

Como expectativas negativas algumas participantes mencionaram o seu receio relativamente à participação dos seus filhos no programa de intervenção devido à possível presença de animais de grande porte, dado que as suas crianças estariam habituadas ao convívio com animais de porte mais pequeno e a presença de animais de grande porte poderia causar-lhes medo ou desconforto.

A literatura revelou que, de facto, torna-se importante a seleção do animal em função dos objetivos terapêuticos do programa (Fine et al., 2019), incluindo do grupo que iria usufruir da intervenção, uma vez que no caso das crianças se deve ter em consideração se existe algum receio a animais de grande porte devido a experiência traumática (Jalongo et al., 2023). Um estudo de Baird et al., (2023), demonstrou também que os professores revelaram como preocupação para a implementação de uma IAA em ambientes escolares, o facto de que estudantes com medo generalizado de cães poderiam sentir pânico e ansiedade na presença de cães de intervenção. Este foi um ponto que não foi explorado no presente estudo, uma vez que não existiu um cuidado relativamente à verificação de existência de medo ou ansiedade em relação a animais de grande porte por parte das crianças participantes, o que deveria ter sido tomado em consideração.

As participantes acabam por referir nas suas observações ao longo da intervenção assistida por animais o temperamento meigo e protetor dos cães, o seu treino/obediência, que a seu ver fez com que as crianças se sentissem muito mais à vontade, demonstrando um comportamento mais tranquilo, que fez com que as mesmas desfrutassem da intervenção na sua totalidade e que o programa corresse da melhor forma possível. Um estudo de Howell et al. (2021) demonstrou que profissionais que trabalham em ambientes legais para sobreviventes de violência revelaram que para esses contextos, os cães de intervenção deveriam possuir como características desejáveis um temperamento calmo, serem afetuosos e terem um alto nível de obediência.

As participantes destacaram também nas suas observações a satisfação com o programa devido ao carácter interessante das tarefas propostas pela dupla de intervenção, fazendo uma descrição dos jogos realizados com as crianças, mencionando o enorme entusiasmo dos seus filhos para a participação em todas as atividades. A maioria dos estudos demonstrou também um elevado grau de satisfação com as intervenções assistidas por animais quer pelos participantes, quer pelos familiares e profissionais (Nilsson et al., 2020; López-Fernández et al., 2023).

Uma das participantes refere que dentro das limitações do seu filho (diagnosticado com perturbação do espectro do autismo) achou que ele esteve bem no contacto com o animal, tendo a experiência dentro do programa de intervenção demonstrando-se bastante válida apesar de não se poder comprovar as alterações. Segundo a literatura, em particular as intervenções assistidas por animais no apoio a crianças com perturbação do espectro do

autismo promovem melhorias a nível comportamental (London et al., 2020), a nível socioemocional (Buck & Lavery, 2020) e a nível da saúde física (Beavers et al., 2023), o que não foi possível comprovar neste estudo.

As progenitoras destacam nas suas observações durante e após o programa de intervenção o contentamento dos seus filhos com a chegada dos animais à instituição, salientando o facto das crianças se encontrarem muito mais felizes depois de estarem em contacto com os animais. Deste modo, confirmou-se a expectativa inicial. A literatura evidencia também como vantagens que a IAA acarreta, a melhoria no humor dos beneficiários da intervenção (Hediger et al., 2019; Nordgren&Engström, 2014; Sarman & Günay, 2023; Signal et al., 2017), incluindo a promoção de sentimentos de alegria e felicidade através do contacto com os animais (Nilsson et al., 2020; Rodriguez et al., 2022; Smith et al., 2023; Spruin et al., 2019).

Uma das participantes revelou que a ansiedade das suas filhas diminuiu substancialmente com a participação no programa de intervenção assistida por animais, inclusive, que uma das suas filhas se encontrava muito mais tranquila nas sessões, pois ajudavam-na a distrair-se da preocupação de terminar o projeto escolar final. O programa de intervenção assistida por animais revelou ser um distrator dos momentos stressantes da vida desta criança, pois nos contactos com o animal era capaz de relaxar.

De facto, segundo a literatura outro dos benefícios da IAA foi o facto de o animal ter sido visto como uma presença reconfortante e calmante (Ambrosi et al., 2019; Bosacki et al., 2022; Howell et al., 2021; Uglow, 2019). A IAA demonstrou ser eficaz no tratamento de crianças que vivenciaram situações traumáticas (Balluerka et al., 2014), promovendo uma diminuição da ansiedade e depressão (Dietz et al., 2012). Em situações em que locais como uma instituição podem ser vistas como um lugar assustador para as crianças, a presença de um animal de intervenção pode proporcionar serenidade e ajudar a acalmar as mesmas (Phillips & McQuarrie, 2008). Outro dos exemplos é que a intervenção assistida por animais pode também proporcionar uma distração em situações stressantes (e.g. testemunho num processo judicial) (Spruin et al., 2019). Vários estudos demonstraram também como a presença do animal de intervenção em ambiente hospitalar acabava por desviar o foco dos sintomas de angústia e ansiedade, atuando como um elemento de distração da doença, melhorando e normalizando a experiência de hospitalização (López-Fernández et al., 2023; Rodriguez

et al., 2022; Sarman & Günay, 2023). No presente estudo, a IAA demonstrou ser um distrator do evento stressante para esta criança que era a entrega do projeto escolar final.

De acordo com as participantes as sessões permitiram aos seus filhos uma melhor comunicação, bem como um melhor relacionamento para com as outras crianças, inclusive uma das progenitoras mencionou que o seu filho era bastante tímido e as sessões fizeram com que se sentisse mais à vontade, o que conseqüentemente fez com que se relacionasse mais com os seus pares. As participantes referem também alterações nos relacionamentos entre si e os seus filhos e também entre os seus filhos e os irmãos, revelando uma maior aproximação, interação e partilha, mencionando que o programa de intervenção permitia uma maior comunicação, uma vez que após as sessões se dialogava acerca do que se teria passado nas mesmas.

O envolvimento positivo entre as crianças e os animais de companhia faz com que as mesmas tenham uma perceção de si próprias e respondam aos outros de uma forma mais compreensiva e afável (Bosacki et al., 2022; Callaghan et al., 2023). De facto, estudos que investigaram os benefícios das intervenções assistidas por animais demonstraram que estas provocam uma melhoria na relação afetiva (Matias et al., 2023; Rodriguez et al., 2022), favorecendo o vínculo (Guzmán et al., 2022; Sarman & Günay, 2023) e acabando também por facilitar mais oportunidades para desenvolver competências sociais de comunicação e de estabelecimento de amizades com os pares (Baird et al., 2023; Guzmán et al., 2022; Lima et al., 2020).

A interação com os cães de intervenção promove sentimentos de amor, conforto e apoio emocional (Spruin et al., 2019). Estes animais são vistos como importantes fontes de segurança e aceitação (Callaghan et al., 2023; Murphy et al., 2022; Powell et al., 2019), que podem reduzir a preocupação com julgamentos morais (Brooks et al., 2019), sendo também uma forma de quebrar o gelo e de modelar a confiança mútua, incentivando as conversas (Rodriguez et al., 2020). O aconchego sem julgamento que o animal proporciona a uma criança traumatizada permite que ela se sinta mais confortável para desabafar sobre as suas experiências (Howell et al., 2021).

A maioria das progenitoras denotou efetivamente alterações significativas nos seus filhos durante e após o programa de intervenção assistida por animais, como o facto de estes se encontrarem muito mais felizes, mais tranquilos e menos ansiosos. E além disto, uma melhoria ao nível da comunicação e dos relacionamentos interpessoais, levando a uma maior aproximação, interação e partilha. Por outro lado duas

participantes mencionaram não denotar quaisquer alterações nos seus filhos. Uma delas revelando como motivos o facto de as suas crianças serem animadas desde sempre e a outra, uma vez que o seu filho apresentava perturbação do espectro do autismo, refere que devido à agitação motora do mesmo, este não conseguia manter o foco no animal, não conseguindo usufruir da intervenção como deveria.

No presente estudo as participantes acabam por destacar como dificuldade após a intervenção, as saudades vivenciadas pelos filhos em relação aos animais. A hora da despedida é descrita como sendo um momento delicado. Momento esse em que as progenitoras necessitam de dar todo o seu apoio e carinho e tentar acalmar os seus filhos.

Após a finalização do programa de intervenção assistida por animais, algumas das participantes destacaram a necessidade de implementação do programa na Casa Abrigo, enquanto outras sugeriram a adoção de um animal de estimação para mesma. Salienta-se que nenhuma das participantes dispensou a presença dos animais. As justificativas atribuídas pelas progenitoras foram o facto de a intervenção ter-se demonstrado benéfica para elas mesmas, mas sobretudo para os seus filhos sobre os quais observaram alterações significativas. As participantes revelaram que seria bastante benéfico para as crianças o contacto com os animais, pois estes transmitem-lhes alegria e além disso, elas podem adquirir bastantes aprendizagens através dessa interação. Por fim, mencionam também que a adoção de um animal para a Casa Abrigo poderá fazer com que as crianças adquiram um sentido de responsabilidade desde pequenas.

Em suma, a literatura revelou que os programas de intervenção assistida por animais em ambiente hospitalar são intervenções promissoras que acarretam benefícios para os funcionários, pacientes e as suas famílias, sendo necessárias pesquisas contínuas que descrevam melhor as vantagens deste tipo de intervenção neste contexto (Gúzman et al., 2022; Rodriguez et al., 2022). O mesmo acontece no que diz respeito ao contexto da justiça, são igualmente necessárias mais pesquisas que incorporem e explorem a utilização de animais de intervenção nas diversas áreas (Spruin et al., 2019), incluindo com crianças que sofreram traumas, uma vez que este tipo de programas acarreta vários benefícios (Dietz et al., 2012).

## **Conclusão**

As intervenções assistidas por animais têm surgido como um campo de investigação em ascensão, sendo implementadas em variados locais (e.g. lares, hospitais, escolas) e promovendo benefícios ao nível do bem-estar humano. Diversos estudos demonstraram como este tipo de intervenções proporcionaram melhorias ao nível da saúde física, mental e social da população em geral, incluindo a redução do stress e da ansiedade, melhorias ao nível do estado de humor, da comunicação e dos relacionamentos interpessoais, o que faz com que este tipo de intervenção seja vista como uma abordagem terapêutica eficaz.

Apesar deste tipo de intervenções terem vindo a ser também implementadas no contexto jurídico (e.g. tribunais, instituições) e existirem estudos que demonstraram que a presença de um animal pode ajudar a diminuir a sintomatologia ansiosa, o medo e o stress dos testemunhos em tribunal, proporcionar distração em processos judiciais, ajudar no relacionamento com as equipas jurídicas, melhorar o estado de humor, incluindo fornecer um apoio e um conforto para as vítimas relatarem acontecimentos traumáticos de forma mais eficaz, ainda existe uma minoria e escassez de estudos que abordem os benefícios deste tipo de intervenção nos contextos da justiça, sobretudo em Portugal. A presente investigação intitulada “Benefícios de uma Intervenção Assistida por Animais no Apoio a Crianças Vítimas de Violência Doméstica” demonstrou-se pertinente nesse sentido, permitindo compreender de forma mais clara os impactos positivos que a intervenção assistida por animais com uma população vulnerável acolhida numa resposta social pode ter.

O facto da presente investigação ter recorrido a uma metodologia mista revelou-se bastante pertinente, uma vez que permitiu uma compreensão mais profunda e abrangente do tema em questão. Por um lado através da metodologia quantitativa foi possível obter resultados mensuráveis no que diz respeito aos índices de bem-estar das crianças participantes antes e após a intervenção assistida por animais, por outro a metodologia qualitativa permitiu complementar esses resultados, fornecendo por meio das entrevistas realizadas, as perspetivas e experiências pessoais das progenitoras das crianças participantes em relação aos benefícios da respetiva intervenção. Considera-se que a metodologia mista se demonstrou uma mais valia nesta investigação, uma vez que conseguiu obter novas ideias que um só método não seria capaz de revelar.

Os resultados da presente investigação revelaram que em ambas as fases (e.g. pré e pós teste) as crianças/adolescentes que participaram na intervenção apresentaram um alto valor global de Qualidade de Vida relacionada com a Saúde. Igualmente as progenitoras das crianças participantes apresentaram uma boa perceção de Qualidade de Vida relacionada com a Saúde dos seus filhos em ambas as fases, no entanto apresentaram valores totais mais altos na fase pós-teste na maioria das dimensões, o que infelizmente não se pode justificar pela intervenção devido à mortalidade da amostra. No entanto, foi possível identificar melhorias em termos de humor das crianças/adolescentes acolhidos em Casa Abrigo, incluindo sentimentos de grande felicidade e tranquilidade, melhorias em termos de relacionamento (e.g. pares, progenitoras, irmãos/as), redução da ansiedade, distração de situações stressantes e aumento do seu bem-estar acedendo às perceções e perspectivas das suas mães. As progenitoras referiram uma grande satisfação com o programa de intervenção, sugerindo até a adoção de um animal de estimação para a Casa Abrigo ou até mesmo a implementação deste tipo de programa.

A presente investigação permitiu compreender que a intervenção assistida por animais pode ser um recurso importante nas Casas Abrigo, uma vez que promove melhorias em termos de estado de humor (e.g. sentimentos de felicidade), melhorias nas habilidades sociais (e.g. comunicação), melhorias nos relacionamentos (e.g. proximidade), redução da ansiedade e distração de eventos stressantes nas crianças vítimas de violência. Os resultados desta investigação contribuem para a legitimação da integração deste tipo de programas em outras respostas sociais.

Relativamente às limitações encontradas durante a elaboração da dissertação, foram o facto de os artigos incluídos na revisão da literatura serem na sua maioria de língua inglesa, o que significa que, em Portugal, existe uma escassez de estudos completamente focados nas intervenções assistidas por animais, sobretudo no contexto da justiça. Outra das limitações foi a dimensão da amostra que se revela pouco significativa. A falta de outros estudos que considerem e integrem o Kidscreen-10 é também considerada outra limitação, uma vez que não é possível uma comparação com outros resultados obtidos. Finalmente, mas não menos importante, é o facto dos dados recolhidos serem num registo de autorrelato e heterorrelato, isto é, com base na perceção do sujeito, o que pode causar limitações para o estudo.

Seria importante em estudos futuros uma avaliação mais objetiva do impacto da intervenção assistida por animais quer neste contexto ou mesmo em outros contextos

relacionados com a justiça. Outras sugestões poderiam ser: investigar as perceções de técnicos de apoio à vítima ou até mesmo de outro tipo de profissionais integrantes de uma resposta social relativamente a este tipo de intervenções; explorar os benefícios da intervenção assistida por animais com vítimas adultas ou até mesmo realizar estudos longitudinais para compreender de forma mais aprofundada os efeitos deste tipo de intervenção em relação às vítimas.

Para concluir, este é um tópico necessário de ser explorado de forma consistente e frequente, sendo que, a violência doméstica é uma realidade significativa em Portugal e a necessidade de acolhimento e proteção dos animais de companhia de vítimas de violência se torna um assunto cada vez mais debatido e importante. Sendo assim, é fundamental compreender quais os benefícios da intervenção assistida por animais, de forma a ser possível uma implementação destes programas nas respostas sociais para apoiar as vítimas de violência doméstica ou até mesmo estabelecer protocolos de cooperação entre essas respostas e os serviços locais de apoio a animais, de modo a garantir a segurança e proteção das vítimas.



## Referências

- Ahlfs-Dunn, S. M., & Huth-Bocks, A. C. (2016). Intimate partner violence involving children and the parenting role: Associations with maternal outcomes. *Journal of family violence, 31*, 387-399. <https://doi.org/10.1007/s10896-015-9791-x>
- Alleyne, E., & Parfitt, C. (2019). Adult-perpetrated animal abuse: A systematic literature review. *Trauma, violence, and abuse, 20*(3), 344-357. <https://doi.org/10.1177/1524838017708785>.
- Almeida, T. C., Gonçalves, R. A. & Sani, A. I. (2008). La agresividad en niños que testimonian la violencia de género. *Anuario de psicología jurídica, 18*, 113-118. <https://journals.copmadrid.org/apj/art/9701a1c165dd9420816bfec5edd6c2b1>
- Almeida, T. C., Gonçalves, R.A. & Sani, A. I. (2022). Children exposed to interparental violence: A study of Portuguese children from 7-9 years of age. *Suma psicológica, 29*(1), 69-76. <https://doi.org/10.14349/sumapsi.2022.v29.n1.7>
- Almıř, B. H., Gümüřtař, F., & Kütük, E. K. (2020). Effects of domestic violence against women on mental health of women and children. *Psikiyatride guncel yaklasimler, 12*(2), 232-242. <https://doi.org/10.18863/pgy.567635>
- Ambrosi, C., Zaiontz, C., Peragine, G., Sarchi, S., & Bona, F. (2019). Randomized controlled study on the effectiveness of animal-assisted therapy on depression, anxiety, and illness perception in institutionalized elderly. *Psychogeriatrics, 19*(1), 55-64. <https://doi.org/10.1111/psyg.12367>
- Assed, M. M., Khafif, T. C., Belizario, G. O., Fatorelli, R., Rocca, C. C. D. A., & de Pádua Serafim, A. (2020). Facial emotion recognition in maltreated children: A systematic review. *Journal of child and family studies, 29*, 1493-1509. <https://doi.org/10.1007/s10826-019-01636-w>
- Bachi, K., Terkel, J., & Teichman, M. (2012). Equine-facilitated psychotherapy for at-risk adolescents: The influence on self-image, self-control and trust. *Clinical child psychology and psychiatry, 17*(2), 298-312. <https://doi.org/10.1177/1359104511404177>
- Badin, L., Alibrán, É., Pothier, K., & Bailly, N. (2022). Effects of equine-assisted interventions on older adults' health: A systematic review. *International journal of nursing sciences, 9*(4), 542-552. <https://doi.org/10.1016/j.ijnss.2022.09.008>
- Baird, R., Berger, E., & Grové, C. (2023). Therapy dogs and school wellbeing: A qualitative study. *Journal of veterinary behavior, 68*, 15-23. <https://doi.org/10.1016/j.jveb.2023.08.005>
- Balluerka, N., Muela, A., Amiano, N., & Caldentey, M. A. (2014). Influence of animal-assisted therapy (AAT) on the attachment representations of youth in residential care. *Children and youth services review, 42*, 103-109. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2014.04.007>
- Barcelos, A. M., Kargas, N., Maltby, J., Hall, S., & Mills, D. S. (2020). A framework for understanding how activities associated with dog ownership relate to human well-being. *Scientific reports, 10*(1), 11363. <https://doi.org/10.1038/s41598-020-68446-9>
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70
- Barker, S. B., & Dawson, K. S. (1998). The effects of animal-assisted therapy on anxiety ratings of hospitalized psychiatric patients. *Psychiatric services, 49*(6), 797-801. <https://doi.org/10.1176/ps.49.6.797>
- Barrett, B., Fitzgerald, A., Stevenson, R., & Peirone, A. (2018). Help-seeking among abused women with pets: Evidence from a Canadian sample. *Violence and victims, 33*, 604-626. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-17-00072>

- Barrett, B. J., Fitzgerald, A., Stevenson, R., & Cheung, C. H. (2020). Animal maltreatment as a risk marker of more frequent and severe forms of intimate partner violence. *Journal of interpersonal violence, 35*(23–24), 5131–5156. <https://doi.org/10.1177/0886260517719542>
- Barrett, S., Muir, C., Burns, S., Adjei, N., Forman, J., Hackett, S., ... & McGovern, R. (2024). Interventions to reduce parental substance use, domestic violence and mental health problems, and their impacts upon children's well-being: a systematic review of reviews and evidence mapping. *Trauma, violence, & abuse, 25*(1), 393-412. <https://doi.org/10.1177/15248380231153>
- Beavers, A., Fleming, A., & Shahidullah, J. D. (2023). Animal-assisted therapies for autism. *Current problems in pediatric and adolescent health care, 101478*. <https://doi.org/10.1016/j.cppeds.2023.101478>
- Bender, A. E., McKinney, S. J., Schmidt-Sane, M. M., Cage, J., Holmes, M. R., Berg, K. A., ... & Voith, L. A. (2022). Childhood exposure to intimate partner violence and effects on social-emotional competence: A systematic review. *Journal of family violence, 37*(8), 1263-1281. <https://doi.org/10.1007/s10896-021-00315-z>
- Berger, E., & Meltzer, L. (2021). Qualitative experiences of Australian mental health staff with students exposed to domestic violence. *School psychology international, 42*(3), 285-305. <https://doi.org/10.1177/0143034321994156>
- Bert, F., Gualano, M. R., Camussi, E., Pieve, G., Voglino, G., & Siliquini, R. (2016). Animal assisted intervention: A systematic review of benefits and risks. *European journal of integrative medicine, 8*(5), 695-706. <https://doi.org/10.1016/j.eujim.2016.05.005>
- Binder, A. J., Parish-Plass, N., Kirby, M., Winkle, M., Skwerer, D. P., Ackerman, L., ... & Wijnen, B. (2024). Recommendations for uniform terminology in animal-assisted services (AAS). *Human-animal interactions, 12*(1). <https://doi.org/10.1079/hai.2024.0003>
- Bo, L., & Yating, P. (2023). Long-Term impact of domestic violence on individuals— an empirical study based on education, health and life satisfaction. *Behavioral sciences, 13*(2), 137. <https://doi.org/10.3390/bs13020137>
- Bosacki, S., Tardif-Williams, C. Y., & Roma, R. P. (2022). Children's and adolescents' pet attachment, empathy, and compassionate responding to self and others. *Adolescents, 2*(4), 493-507. <https://doi.org/10.3390/adolescents2040039>
- Boyle, S. F., Corrigan, V. K., Buechner-Maxwell, V., & Pierce, B. J. (2019). Evaluation of risk of zoonotic pathogen transmission in a university-based animal assisted intervention (AAI) program. *Frontiers in veterinary science, 6*, 167. <https://doi.org/10.3389/fvets.2019.00167>
- Bright, M. A., Huq, M. S., Spencer, T., Applebaum, J. W., & Hardt, N. (2018). Animal cruelty as an indicator of family trauma: Using adverse childhood experiences to look beyond child abuse and domestic violence. *Child abuse & neglect, 76*, 287-296. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2017.11.011>
- Brooks, H., Rushton, K., Lovell, K., McNaughton, R., & Rogers, A. (2019). 'He's my mate you see': a critical discourse analysis of the therapeutic role of companion animals in the social networks of people with a diagnosis of severe mental illness. *Medical humanities, 45*(3), 326-334. <https://doi.org/10.1136/medhum-2018-011633>
- Buchanan, F., Power, C., & Verity, F. (2013). Domestic Violence and the Place of Fear in Mother/Baby Relationships: "What was i afraid of? Of making it worse.". *Journal of interpersonal violence, 28*(9), 1817-1838. <https://doi.org/10.1177/0886260512469108>

- Buck, P. W., & Lavery, A. (2020). Animal-assisted activities for children with autism spectrum disorders: parent insights. *Human-animal interaction bulletin*, 8(1), 78-89. <https://doi.org/10.1079/hai.2020.0001>
- Burton, L. E., Qeadan, F., & Burge, M. R. (2019). Efficacy of equine-assisted psychotherapy in veterans with posttraumatic stress disorder. *Journal of integrative medicine*, 17(1), 14-19. <https://doi.org/10.1016/j.joim.2018.11.001>
- Caetano, R., Field, C. A., & Nelson, S. (2003). Association between childhood physical abuse, exposure to parental violence, and alcohol problems in adulthood. *Journal of interpersonal violence*, 18(3), 240-257. <https://doi.org/10.1177/0886260502250074>
- Cage, J., Kobulsky, J. M., McKinney, S. J., Holmes, M. R., Berg, K. A., Bender, A. E., & Kemmerer, A. (2022). The effect of exposure to intimate partner violence on children's academic functioning: A systematic review of the literature. *Journal of family violence*, 1-16. <https://doi.org/10.1007/s10896-021-00314-0>
- Callaghan, J. E., Fellin, L. C., Mavrou, S., Alexander, J. H., Deligianni-Kouimtzi, V., Papathanassiou, M., & Sixsmith, J. (2023). Part of the family: Children's experiences with their companion animals in the context of domestic violence and abuse. *Journal of family violence*, 1-15. <https://doi.org/10.1007/s10896-023-00659-8>
- Campbell, A. M., Thompson, S. L., Harris, T. L., & Wiehe, S. (2021). Intimate partner violence and pet abuse: Responding law enforcement officers' observations and victim reports from the scene. *Journal of interpersonal violence*, 36(5-6), 2353-2372. <https://doi.org/10.1177/0886260518759653>
- Casanueva, C. E., & Martin, S. L. (2007). Intimate partner violence during pregnancy and mothers' child abuse potential. *Journal of interpersonal violence*, 22(5), 603-622. <https://doi.org/10.1177/0886260506298836>
- Cherniack, E. P. & Cherniack, A.R. (2015). Assessing the benefits and risks of owning a pet. *Canadian medical association journal*, 187 (10), 715-716 <https://doi.org/10.1503/cmaj.150274>
- Chiesa, A. E., Kallechey, L., Harlaar, N., Ford, C. R., Garrido, E. F., Betts, W. R., & Maguire, S. (2018). Intimate partner violence victimization and parenting: A systematic review. *Child abuse & neglect*, 80, 285-300. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2018.03.028>
- Cleary, M., Thapa, D. K., West, S., Westman, M., & Kornhaber, R. (2021). Animal abuse in the context of adult intimate partner violence: A systematic review. *Aggression and violent behavior*, 61. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2021.101676>
- Collins, E. A., Cody, A. M., McDonald, S. E., Nicotera, N., Ascione, F. R., & Williams, J. H. (2018). A template analysis of intimate partner violence survivors' experiences of animal maltreatment: Implications for safety planning and intervention. *Violence against women*, 24(4), 452-476. <https://doi.org/10.1177/1077801217697266>
- Creswell, J.W. (2003). *Research design qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. (2nd ed.). Sage Publications.
- Cunha, D., Leitão, M. E., & Sani, A. I. (2024). Domestic violence victimization risk assessment in children and adolescents: A systematic review. *Social sciences*, 13(5), 259. <https://doi.org/10.3390/socsci13050259>
- Decreto-Lei n.º 69/2014 de 29 de agosto. Maus-tratos a animais de companhia. Assembleia da República, Lisboa, Diário da República nº166/2014, pp.4566-4567. Série I. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/69-2014-56384878>

- Dietz, T. J., Davis, D., & Pennings, J. (2012). Evaluating animal-assisted therapy in group treatment for child sexual abuse. *Journal of child sexual abuse, 21*(6), 665-683. <https://doi.org/10.1080/10538712.2012.726700>
- Edin, K. E., Dahlgren, L., Lalos, A., & Högberg, U. (2010). “Keeping up a front”: narratives about intimate partner violence, pregnancy, and antenatal care. *Violence against women, 16*(2), 189-206. <https://doi.org/10.1177/1077801209355703>
- Falak, N. (2022). Causes and effect of domestic violence against women in Pakistan: an analytical study. *Sustainable business and society in emerging economies, 4*(2), 619-626. <https://doi.org/10.26710/sbsee.v4i2.2465>
- Fine, A. H., Beck, A. M., & Ng, Z. (2019). The state of animal-assisted interventions: Addressing the contemporary issues that will shape the future. *International journal of environmental research and public health, 16*(20), 3997. <https://doi.org/10.3390/ijerph16203997>
- Fitzgerald, A., B. Barrett, R. Stevenson and C. Cheung (2019) ‘Animal maltreatment in the context of intimate partner violence: A manifestation of power and control?’, *Violence against women 25*(15): 1806–28. <https://doi.org/10.1177/1077801218824993>
- Fitzgerald, A. J., Barrett, B. J., Gray, A., & Cheung, C. H. (2022). The connection between animal abuse, emotional abuse, and financial abuse in intimate relationships: Evidence from a nationally representative sample of the general public. *Journal of interpersonal violence, 37*(5-6), 2331-2353. <https://doi.org/10.1177/0886260520939197>
- Fogarty, A., Woolhouse, H., Giallo, R., Wood, C., Kaufman, J., & Brown, S. (2021). Mothers’ experiences of parenting within the context of intimate partner violence: Unique challenges and resilience. *Journal of interpersonal violence, 36*(21-22), 10564-10587. <https://doi.org/10.1177/0886260519883863>
- Forke, C. M., Catalozzi, M., Localio, A. R., Grisso, J. A., Wiebe, D. J., & Fein, J. A. (2019). Intergenerational effects of witnessing domestic violence: Health of the witnesses and their children. *Preventive medicine reports, 15*, 100942. <https://doi.org/10.1016/j.pmedr.2019.100942>
- Galano, M. M., Grogan-Kaylor, A., Clark, H. M., Stein, S. F., & Graham-Bermann, S. A. (2021). Profiles of traumatic stress symptoms in children exposed to intimate partner violence. *Journal of interpersonal violence, 36*(19-20), NP10863-NP10885. <https://doi.org/10.1177/0886260519877938>
- Gaspar, T., & Matos, M. G. (2008). *Qualidade de vida em crianças e adolescentes: Versão portuguesa dos instrumentos KIDSCREEN-52*. Aventura Social e Saúde.
- Gehrke, E. K., Noquez, A. E., Ranke, P. L., & Myers, M. P. (2018). Measuring the psychophysiological changes in combat Veterans participating in an equine therapy program. *Journal of military, veteran and family health, 4*(1), 60-69. <https://doi.org/10.3138/jmvfh.2017-0015>
- Gerardi, F., Santaniello, A., Del Prete, L., Maurelli, M. P., Menna, L. F., & Rinaldi, L. (2018). Parasitic infections in dogs involved in animal-assisted interventions. *Italian journal of animal science, 17*(1), 269-272. <https://doi.org/10.1080/1828051X.2017.1344937>
- Giesbrecht, C. J. (2022). Intimate partner violence, animal maltreatment, and animal safekeeping: findings from a public survey. *Journal of interpersonal violence, 37*(21-22), NP21422-NP21437. <https://doi.org/10.1177/08862605211056899>
- Glenk, L. M., & Foltin, S. (2021). Therapy dog welfare revisited: a review of the literature. *Veterinary sciences, 8*(10), 226. <https://doi.org/10.3390/vetsci8100226>

- Gruhn, M. A., & Compas, B. E. (2020). Effects of maltreatment on coping and emotion regulation in childhood and adolescence: A meta-analytic review. *Child abuse & neglect*, *103*, 104446. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2020.104446>
- Guzmán, E. G., Rodríguez, L. S., Santamarina-Perez, P., Barros, L. H., Giralt, M. G., Elizalde, E. D., ... & Liñan, A. M. (2022). The benefits of dog-assisted therapy as complementary treatment in a children's mental health day hospital. *Animals: an open access journal from MDPI*, *12*(20). <https://doi.org/10.3390/ani12202841>
- Hageman, T. O. N., Langenderfer-Magruder, L., Greene, T., Williams, J. H., St. Mary, J., McDonald, S. E., & Ascione, F. R. (2018). Intimate partner violence survivors and pets: Exploring practitioners' experiences in addressing client needs. *Families in society*, *99*(2), 134-145. <https://doi.org/10.1177/1044389418767836>
- Hamama, L., Hamama-Raz, Y., Dagan, K., Greenfeld, H., Rubinstein, C., & Ben-Ezra, M. (2011). A preliminary study of group intervention along with basic canine training among traumatized teenagers: A 3-month longitudinal study. *Children and youth services review*, *33*(10), 1975-1980. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2011.05.021>
- Hartman, C., Hageman, T., Williams, J., & Ascione, F. (2018). Intimate partner violence and animal abuse in an immigrant-rich sample of mother-child dyads recruited from domestic violence programs. *Journal of interpersonal violence*, *33*, 1030-1047. <https://doi.org/10.1177/0886260515614281>
- Hawkins, R. D., McDonald, S. E., O'Connor, K., Matijczak, A., Ascione, F. R., & Williams, J. H. (2019). Exposure to intimate partner violence and internalizing symptoms: The moderating effects of positive relationships with pets and animal cruelty exposure. *Child abuse & neglect*, *98*, 104166. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2019.104166>
- Hawkins, R. D., Robinson, C., & Brodie, Z. P. (2022). Child-Dog attachment, emotion regulation and psychopathology: The mediating role of positive and negative behaviours. *Behavioral sciences*, *12*(4), 109. <https://doi.org/10.3390/bs12040109>
- Hediger, K., Thommen, S., Wagner, C., Gaab, J., & Hund-Georgiadis, M. (2019). Effects of animal-assisted therapy on social behaviour in patients with acquired brain injury: a randomised controlled trial. *Scientific reports*, *9*(1), 5831. <https://doi.org/10.1038/s41598-019-42280-0>
- Herbert, K., Xi, Q., Feder, G., Gilbert, R., Powell, C., Howarth, E., & Morris, S. (2023). Child maltreatment and parental domestic violence and abuse, co-occurrence and the effect on lifetime outcomes in the avon longitudinal study of parents and children (ALSPAC). *SSM-Population health*, *24*, 101555. <https://doi.org/10.1016/j.ssmph.2023.101555>
- Hlavaty, K., & Haselschwerdt, M. L. (2019). Domestic violence exposure and peer relationships: Exploring the role of coercive control exposure. *Journal of family violence*, *34*, 757-767. <https://doi.org/10.1007/s10896-019-00044-4>
- Holden, G. W. (2003). Children exposed to domestic violence and child abuse: Terminology and taxonomy. *Clinical child and family psychology review*, *6*(3), 151-160. <https://doi.org/10.1023/A:1024906315255>
- Holmes, M. R. (2013). Aggressive behavior of children exposed to intimate partner violence: An examination of maternal mental health, maternal warmth and child maltreatment. *Child abuse & neglect*, *37*(8), 520-530. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2012.12.006>
- Hooker, L., Samaraweera, N. Y., Agius, P. A., & Taft, A. (2016). Intimate partner violence and the experience of early motherhood: A cross-sectional analysis of

- factors associated with a poor experience of motherhood. *Midwifery*, 34, 88-94. <https://doi.org/10.1016/j.midw.2015.12.011>
- Horta, S. (2022). Respostas sociais à violência contra animais de companhia. In: Paulino, M., Horta, S. & Paiva, P.E. (coords), *Animais e pessoas*, 137-150. Factor
- Howell, T. J., Hodgkin, S., Modderman, C., & Bennett, P. C. (2021). Integrating facility dogs into legal contexts for survivors of sexual and family violence: Opportunities and challenges. *Anthrozoös*, 34(6), 863-876. <https://doi.org/10.1080/08927936.2021.1938406>
- Hutchinson, M., Cosh, S. M., & East, L. (2023). Reproductive and sexual health effects of intimate partner violence: a longitudinal and intergenerational analysis. *Sexual & reproductive healthcare*, 35, 100816. <https://doi.org/10.1016/j.srhc.2023.100816>
- Jegatheesan, B., Beetz, A., Ormerod, E., Johnson, R., Fine, A., Yamazaki, K., ... & Choi, G. (2014). The IAHAIO definitions for animal assisted intervention and guidelines for wellness of animals involved in AAI. *IAHAIO white paper*.
- Jalongo, M. R., & Guth, L. J. (2023). Animal-assisted counseling for young children: Evidence base, best practices, and future prospects. *Early childhood education journal*, 51(6), 1035-1045. <https://doi.org/10.1007/s10643-022-01368-5>
- Jouriles, E., Rosenfield, D., McDonald, R., & Mueller, V. (2014). Child involvement in interparental conflict and child adjustment problems: A longitudinal study of violent families. *Journal of abnormal child psychology*, 42, 693-704. <https://doi.org/10.1007/s10802-013-9821-1>
- Jovanović, V. M., Čanković, S., Milijašević, D., Ukropina, S., Jovanović, M., & Čanković, D. (2020). Health consequences of domestic violence against women in Serbia. *Vojnosanitetski pregled*, 77(1). <https://doi.org/10.2298/VSP171130054M>
- Kemp, K., Signal, T., Botros, H., Taylor, N., & Prentice, K. (2014). Equine facilitated therapy with children and adolescents who have been sexually abused: A program evaluation study. *Journal of child and family studies*, 23, 558-566. <https://doi.org/10.1007/s10826-013-9718-1>
- Krause-Parello, C. A., & Friedmann, E. (2014). The effects of an animal-assisted intervention on salivary alpha-amylase, salivary immunoglobulin a, and heart rate during forensic interviews in child sexual abuse cases. *Anthrozoös*, 27(4), 581-590. <https://doi.org/10.2752/089279314X14072268688005>
- Krause-Parello, C. A., & Gulick, E. E. (2015). Forensic interviews for child sexual abuse allegations: An investigation into the effects of animal-assisted intervention on stress biomarkers. *Journal of child sexual abuse*, 24(8), 873-886. <https://doi.org/10.1080/10538712.2015.1088916>
- Kruger, K. A., Trachtenberg, S. W., & Serpell, J. A. (2004). Can animals help humans heal? Animal-assisted interventions in adolescent mental health. *Center for the interaction of animals and society (CIAS) and University of Pennsylvania school of veterinary medicine*, Philadelphia, PA.
- Kulka, T., Padilha, M. D. G. S., & Antunes, M. C. (2020). Effects of domestic violence against women on their children. *Trends in psychology*, 28(2), 287-301. <https://doi.org/10.1007/s43076-020-00013-7>
- Ladny, R. T., & Meyer, L. (2020). Traumatized witnesses: Review of childhood exposure to animal cruelty. *Journal of child & adolescent trauma*, 13, 527-537. <https://doi.org/10.1007/s40653-019-00277-x>
- Lapierre, S. (2010). Striving to be 'good' mothers: abused women's experiences of mothering. *Child abuse review*, 19(5), 342-357. <https://doi.org/10.1002/car.1113>

- Lapierre, S., Côté, I., Lambert, A., Buetti, D., Lavergne, C., Damant, D., & Couturier, V. (2018). Difficult but close relationships: Children's perspectives on relationships with their mothers in the context of domestic violence. *Violence against women, 24*(9), 1023-1038. <https://doi.org/10.1177/1077801217731541>
- Levendosky, A. A., & Graham-Bermann, S. A. (2001). Parenting in battered women: The effects of domestic violence on women and their children. *Journal of family violence, 16*, 171-192.
- Li, S., Ma, X., & Zhang, Y. (2023). Intergenerational transmission of aggression: a meta-analysis of relationship between interparental conflict and aggressive behavior of children and youth. *Current psychology, 42*(36), 32008-32023. <https://doi.org/10.1007/s12144-022-04219-z>
- Liguori, G., Costagliola, A., Lombardi, R., Paciello, O., & Giordano, A. (2023). Human-animal interaction in animal-assisted interventions (AAI) s: Zoonosis risks, benefits, and future directions—A one health approach. *Animals, 13*(10), 1592. <https://doi.org/10.3390/ani13101592>
- Lima, C. M., Silva, P.E., Flores, A.K.S., Nunes, D.M., Silva, T.M.,... & Nobre, M.O. (2020).Intervenções assistidas por animais: Efeitos aos cães terapeutas e seres humanos. *Archives of veterinary science, 25*(3),106-116. <https://doi.org/10.5380/avs.v25i3.69318>
- Liu, M., Xue, J., Zhao, N., Wang, X., Jiao, D., & Zhu, T. (2021). Using social media to explore the consequences of domestic violence on mental health. *Journal of interpersonal violence, 36*(3-4), NP1965-1985NP. <https://doi.org/10.1177/0886260518757756>
- London, M. D., Mackenzie, L., Lovarini, M., Dickson, C., & Alvarez-Campos, A. (2020). Animal assisted therapy for children and adolescents with autism spectrum disorder: Parent perspectives. *Journal of autism and developmental disorders, 50*(12), 4492-4503. <https://doi.org/10.1007/s10803-020-04512-5>
- López-Fernández, E., Palacios-Cuesta, A., Rodríguez-Martínez, A., Olmedilla-Jodar, M., Fernández-Andrade, R., Mediavilla-Fernández, R., ... & Máximo-Bocanegra, N. (2023). Implementation feasibility of animal-assisted therapy in a pediatric intensive care unit: effectiveness on reduction of pain, fear, and anxiety. *European journal of pediatrics, 1-9*. <https://doi.org/10.1007/s00431-023-05284-7>
- Machisa, M., & Shamu, S. (2022). Associations between depressive symptoms, socio-economic factors, traumatic exposure and recent intimate partner violence experiences among women in Zimbabwe: a cross-sectional study. *BMC women's health, 22*(1), 1-14. <https://doi.org/10.1186/s12905-022-01796-w>
- Marques, M. I. D., Cruz, A., Gamito, A. I. F.M., & de Sousa, L. (2021). Bem-estar sócio emocional e intervenções assistidas por cães. *Boletim interfaces da psicologia da UFRuralRJ, 5*, 27-45.
- Matias,A.R.,Santos,G.D. & Almeida,N.(2023). Equine-assisted therapeutic intervention in institutionalized children: Case studies. *International journal of environmental research and public health, 20*, 2846. <https://doi.org/10.3390/ijerph20042846>
- Matsuoka, A., & Sorenson, J. (2023). Inclusive approaches by VAW shelters: Respecting women's choice to be together with companion animals. *Affilia, 38*(3), 466-482. <https://doi.org/10.1177/08861099221097758>
- McConnell, A. R., Paige Lloyd, E., & Humphrey, B. T. (2019). We are family: Viewing pets as family members improves wellbeing. *Anthrozoös, 32*(4), 459-470. <https://doi.org/10.1080/08927936.2019.1621516>
- McDonald, S. E., Collins, E. A., Maternick, A., Nicotera, N., Graham-Bermann, S., Ascione, F. R., & Williams,J. H. (2019). Intimate partner violence survivors'

- reports of their children's exposure to companion animal maltreatment: A qualitative study. *Journal of interpersonal violence*, 34(13), 2627–2652. <https://doi.org/10.1177/0886260516689775>
- McDonald, S. E., Collins, E. A., Nicotera, N., Hageman, T. O., Ascione, F.R., Williams, J. H., & Graham-Bermann, S. A. (2015). Children's experiences of companion animal maltreatment in households characterized by intimate partner violence. *Child abuse & neglect*, 50, 116-127 <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2015.10.005>
- Meers, L. L., Contalbrigo, L., Samuels, W. E., Duarte-Gan, C., Berckmans, D., Laufer, S. J., ... & Normando, S. (2022). Canine-assisted interventions and the relevance of welfare assessments for human health, and transmission of zoonosis: A literature review. *Frontiers in veterinary science*, 9, 899889. <https://doi.org/10.3389/fvets.2022.899889>
- Menon, S. V., Cohen, J. R., Shorey, R. C., & Temple, J. R. (2018). The impact of intimate partner violence exposure in adolescence and emerging adulthood: A developmental psychopathology approach. *Journal of clinical child & adolescent psychology*, 47(sup1), S497-S508. <https://doi.org/10.1080/15374416.2018.1437736>
- Miranda, J. K., De La Osa, N., Granero, R., & Ezpeleta, L. (2013). Maternal childhood abuse, intimate partner violence, and child psychopathology: The mediator role of mothers' mental health. *Violence against women*, 19(1), 50-68. <https://doi.org/10.1177/1077801212475337>
- Muela, A., Azpiroz, J., Calzada, N., Soroa, G., & Aritzeta, A. (2019). Leaving a mark, an animal-assisted intervention programme for children who have been exposed to gender-based violence: A pilot study. *International journal of environmental research and public health*, 16(21), 4084. <https://doi.org/10.3390/ijerph16214084>
- Muri, K., Augusti, E. M., Bjørnholt, M., & Hafstad, G. S. (2022). Childhood experiences of companion animal abuse and its co-occurrence with domestic abuse: evidence from a national youth survey in Norway. *Journal of interpersonal violence*, 37(23-24), NP22627-NP22646. <https://doi.org/10.1177/08862605211072176>
- Murphy, J. L., Voorhees, E. V., O'Connor, K. E., Tomlinson, C. A., Matijczak, A., Applebaum, J. W., ... & McDonald, S. E. (2022). Positive engagement with pets buffers the impact of intimate partner violence on callous-unemotional traits in children. *Journal of interpersonal violence*, 37(19-20), NP17205-NP17226. <https://doi.org/10.1177/08862605211028301>
- Navarro-Mantas, L., de Lemus, S., & Megías, J. L. (2021). Mental health consequences of intimate partner violence against women in El Salvador. *Violence against women*, 27(15-16), 2927-2944. <https://doi.org/10.1177/1077801220978803>
- Nilsson, N. M., Funkquist, E. L., Edner, A., & Engvall, G. (2020). Children report positive experiences of animal-assisted therapy in paediatric hospital care. *Acta paediatrica*, 109(5), 1049-1056. <https://doi.org/10.1111/apa.15047>
- Nordgren, L., & Engström, G. (2014). Animal-assisted intervention in dementia: effects on quality of life. *Clinical nursing research*, 23(1), 7-19. <https://doi.org/10.1177/1054773813492546>
- Orr, C., Kelty, E., Fisher, C., O'Donnell, M., Glauert, R. & Preen, D. B. (2023). The lasting impact of family and domestic violence on neonatal health outcomes. *Birth*, 50(3), 578-586. <https://doi.org/10.1111/birt.12682>
- Orr, C., O'Donnell, M., Fisher, C., Bell, M., Glauert, R. & Preen, D. (2022). School readiness of children exposed to family and domestic violence. *Journal of*

- interpersonal violence*, 37(21-22), NP20428-NP20458. <https://doi.org/10.1177/08862605211050099>
- Paixão, V., de Oliveira, M., & de Sousa Almeida, L. (2015). Atividades assistidas por cães: estudos de caso de alunos com necessidades educativas especiais. *Exedra: Revista científica*, (3), 149-163.
- Parish-Plass, N. (2008). Animal-assisted therapy with children suffering from insecure attachment due to abuse and neglect: A method to lower the risk of intergenerational transmission of abuse?. *Clinical child psychology and psychiatry*, 13(1), 7-30. <https://doi.org/10.1177/1359104507086338>
- Paulino, M. (2016). *Forensic psychology of spousal violence*. Elsevier Academic Press.
- Paul, O. (2023). Social and emotional adjustment, post-traumatic stress disorder, and representations of family relationships: The effects of intimate partner violence on very young children. *European review of applied psychology*, 73(5), 100904. <https://doi.org/10.1016/j.erap.2023.100904>
- Peled, E., & Gil, I. B. (2011). The mothering perceptions of women abused by their partner. *Violence against women*, 17(4), 457-479. <https://doi.org/10.1177/1077801211404676>
- Phillips, A.J.D. & McQuarrie, D. (2008). *Therapy animals supporting kids (TASK) program manual*. American Human Association
- Pinto, R. J., Correia-Santos, P., Levendosky, A., & Jongenelen, I. (2019). Psychological distress and posttraumatic stress symptoms: The role of maternal satisfaction, parenting stress, and social support among mothers and children exposed to intimate partner violence. *Journal of interpersonal violence*, 34(19), 4114-4136. <https://doi.org/10.1177/0886260516674199>
- Poole, J. C., Dobson, K. S., & Pusch, D. (2018). Do adverse childhood experiences predict adult interpersonal difficulties? The role of emotion dysregulation. *Child abuse & neglect*, 80, 123-133. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2018.03.006>
- Powell, L., Edwards, K. M., McGreevy, P., Bauman, A., Podberscek, A., Neilly, B., ... & Stamatakis, E. (2019). Companion dog acquisition and mental well-being: A community-based three-arm controlled study. *BMC public health*, 19, 1-10. <https://doi.org/10.1186/s12889-019-7770-5>
- Reid, K., Jahanfar, S., & Tawil, M. (2022). Health implications of maltreated children exposed to domestic violence. *Journal of public health*, 1-7. <https://doi.org/10.1007/s10389-020-01450-5>
- Richardson, K., Mackenzie, L., Lovarini, M., & Dickson, C. (2022). Occupational therapy incorporating dogs for autistic children and young people: Parent perspectives. *British journal of occupational therapy*, 85(11), 859-868. <https://doi.org/10.1177/03080226221086217>
- Roberts, A. L., Gilman, S. E., Fitzmaurice, G., Decker, M. R., & Koenen, K. C. (2010). Witness of intimate partner violence in childhood and perpetration of intimate partner violence in adulthood. *Epidemiology*, 21(6), 809-818. <https://doi.org/10.1097/EDE.0b013e3181f39f03>
- Rodriguez, K. E., Bibbo, J., & O'Haire, M. E. (2022). Perspectives on facility dogs from pediatric hospital personnel: A qualitative content analysis of patient, family, and staff outcomes. *Complementary therapies in clinical practice*, 46, 101534. <https://doi.org/10.1016/j.ctcp.2022.101534>
- Rosser-Limiñana, A., Suriá-Martínez, R., & Pérez, M. Á. M. (2020). Children exposed to intimate partner violence: Association among battered mothers' parenting competences and children's behavior. *International journal of environmental research and public health*, 17(4), 1134. <https://doi.org/10.3390/ijerph17041134>

- Sani, A. I., Bastos, D., & Dinis, M. A. P. (2021). Child and adolescent multiple victimization and/or polyvictimization: A Portuguese comparative study. *Societies, 11*(4), 1-11, Article 120. <https://doi.org/10.3390/soc11040120>
- Sani, A. I., & Cunha, D. M. M. (2011). Práticas educativas parentais em mulheres vítimas e não vítimas de violência conjugal. *Psicologia: Teoria e pesquisa, 27*, 429-437. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000400006>
- Sani, A. (2008). Mulher e mãe no contexto de violência doméstica. *Ex aequo, 18*, 123-33.
- Santaniello, A., Sansone, M., Fioretti, A., & Menna, L. F. (2020). Systematic review and meta-analysis of the occurrence of ESKAPE bacteria group in dogs, and the related zoonotic risk in animal-assisted therapy, and in animal-assisted activity in the health context. *International journal of environmental research and public health, 17*(9), 3278. <https://doi.org/10.3390/ijerph17093278>
- Sarman, A., & Günay, U. (2023). The effects of goldfish on anxiety, fear, psychological and emotional well-being of hospitalized children: A randomized controlled study. *Journal of pediatric nursing, 68*, e69-e78. <https://doi.org/10.1016/j.pedn.2022.11.012>
- Scandurra, C., Santaniello, A., Cristiano, S., Mezza, F., Garzillo, S., Pizzo, R., ... & Bochicchio, V. (2021). An animal-assisted education intervention with dogs to promote emotion comprehension in primary school children—The federico II model of healthcare zoonthropology. *Animals, 11*(6), 1504. <https://doi.org/10.3390/ani11061504>
- Schmidt, V., Mokrá, M., Demolli, P., Brügggen, M. C., & Möhrensclager, M. (2022). Allergologic pitfalls in animal-assisted interventions. *Allergo journal international, 31*(5), 145-147. <https://doi.org/10.1007/s40629-022-00206-9>
- Schuck, S. E., Johnson, H. L., Abdullah, M. M., Stehli, A., Fine, A. H., & Lakes, K. D. (2018). The role of animal assisted intervention on improving self-esteem in children with attention deficit/hyperactivity disorder. *Frontiers in pediatrics, 6*, 300. <https://doi.org/10.3389/fped.2018.00300>
- Sharma, K. K., Vatsa, M., Kalavani, M., & Bhardwaj, D. (2019). Mental health effects of domestic violence against women in Delhi: A community-based study. *Journal of family medicine and primary care, 8*(7), 2522. [https://doi.org/10.4103/jfmpc.jfmpc\\_427\\_19](https://doi.org/10.4103/jfmpc.jfmpc_427_19)
- Shields, M., Tonmyr, L., Hovdestad, W. E., Gonzalez, A., & MacMillan, H. (2020). Exposure to family violence from childhood to adulthood. *BMC public health, 20*, 1-15. <https://doi.org/10.1186/s12889-020-09709-y>
- Signal, T., Taylor, N., Prentice, K., McDade, M., & Burke, K. J. (2017). Going to the dogs: A quasi-experimental assessment of animal assisted therapy for children who have experienced abuse. *Applied developmental science, 21*(2), 81-93. <https://doi.org/10.1080/10888691.2016.1165098>
- Silva, E. P., Emond, A., & Ludermir, A. B. (2021). Depression in childhood: the role of children's exposure to intimate partner violence and maternal mental disorders. *Child abuse & neglect, 122*, 105305. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2021.105305>
- Simonato, G., Danesi, P., Frangipane di Regalbono, A., Dotto, G., Tessarin, C., Pietrobelli, M., & Pasotto, D. (2020). Surveillance of zoonotic parasites in animals involved in animal-assisted interventions (AAIs). *International journal of environmental research and public health, 17*(21), 7914. <https://doi.org/10.3390/ijerph17217914>

- Sistema de Segurança Interna [SSI] (2024). Relatório Anual de Segurança Interna – RASI 2023. Sistema de Segurança Interna <https://ssi.gov.pt/publicacoes/relatorio-anual-de-seguranca-interna/RASI%202023.pdf>
- Smith, S., Dell, C. A., Claypool, T., Chalmers, D., & Khalid, A. (2023). Case report: A community case study of the human-animal bond in animal-assisted therapy: the experiences of psychiatric prisoners with therapy dogs. *Frontiers in psychiatry*, *14*, 1219305. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2023.1219305>
- Spruin, E., Mozova, K., Franz, A., Mitchell, S., Fernandez, A., Dempster, T., & Holt, N. (2019). The use of therapy dogs to support court users in the waiting room. *International criminal justice review*, *29*(3), 284-303. <https://doi.org/10.1177/1057567719827063>
- Steketee, M., Aussems, C., & Marshall, I. H. (2021). Exploring the impact of child maltreatment and interparental violence on violent delinquency in an international sample. *Journal of interpersonal violence*, *36*(13-14), NP7319-NP7349. <https://doi.org/10.1177/0886260518823291>
- Stubbs, A., & Szoeki, C. (2022). The effect of intimate partner violence on the physical health and health-related behaviors of women: A systematic review of the literature. *Trauma, violence, & abuse*, *23*(4), 1157-1172. <https://doi.org/10.1177/1524838020985541>
- Sullivan, C. M., Nguyen, H., Allen, N., Bybee, D., & Juras, J. (2001). Beyond searching for deficits: Evidence that physically and emotionally abused women are nurturing parents. *Journal of emotional abuse*, *2*(1), 51-71. [https://doi.org/10.1300/J135v02n01\\_05](https://doi.org/10.1300/J135v02n01_05)
- Therapy Dogs International (2024). *Shelters*. Acedido em 23 de março. Disponível em: <https://www.tdi-dog.org/OurPrograms.aspx?Page=Shelters>
- Ugnow, L. S. (2019). The benefits of an animal-assisted intervention service to patients and staff at a children's hospital. *British journal of nursing*, *28*(8), 509-515. <https://doi.org/10.12968/bjon.2019.28.8.509>
- UNICEF. (2019). *Convenção sobre os Direitos da Criança e Protocolos Facultativos*. [https://www.unicef.pt/media/2766/unicef\\_convencao\\_dos\\_direitos\\_da\\_crianca.pdf](https://www.unicef.pt/media/2766/unicef_convencao_dos_direitos_da_crianca.pdf)
- Walden, M., Lovenstein, A., Randag, A., Pye, S., Shannon, B., Pipkin, E., ... & Strickland, M. (2020). Methodological challenges encountered in a study of the impact of animal-assisted intervention in pediatric heart transplant patients. *Journal of pediatric nursing*, *53*, 67-73. <https://doi.org/10.1016/j.pedn.2020.04.017>
- Weir, H., Kaukinen, C., & Cameron, A. (2021). Diverse long-term effects of childhood exposure to intimate partner violence: Development of externalizing behaviors in males and females. *Journal of interpersonal violence*, *36*(21-22), NP12411-NP12435. <https://doi.org/10.1177/0886260519888528>
- Wendt, S., Buchanan, F., & Moulding, N. (2015). Mothering and domestic violence: Situating maternal protectiveness in gender. *Affilia*, *30*(4), 533-545. <https://doi.org/10.1177/0886109915570925>
- White-Lewis, S. (2020). Equine-assisted therapies using horses as healers: A concept analysis. *Nursing open*, *7*(1), 58-67. <https://doi.org/10.1002/nop2.377>
- Winter, S. C., Obara, L. M., & McMahon, S. (2020). Intimate partner violence: A key correlate of women's physical and mental health in informal settlements in Nairobi, Kenya. *PloS one*, *15*(4), e0230894. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0230894>

Wright, E. N., Hanlon, A., Lozano, A., & Teitelman, A. M. (2019). The impact of intimate partner violence, depressive symptoms, alcohol dependence, and perceived stress on 30-year cardiovascular disease risk among young adult women: A multiple mediation analysis. *Preventive medicine, 121*, 47-54. <https://doi.org/10.1016/j.ypmed.2019.01.016>

## **Anexos**

## Anexo A – Declaração da CVP – Delegação de Matosinhos



MATOSINHOS

### DECLARAÇÃO

Declara-se para os devidos efeitos que a Delegação de Matosinhos da Cruz Vermelha Portuguesa encontra-se disponível para o estudo – Benefícios de intervenção assistida por animais no apoio a crianças vítimas de violência doméstica -, e tem conhecimento do protocolo de investigação a ser implementado na Casa Abrigo, com início previsto março de 2024.

15 de dezembro de 2023



Dr. José Pinto  
Adjunto Executivo da Direção

## Anexo B – Pedido de autorização para utilização de instrumentos



Ana Isabel Sani <anasani@ufp.edu.pt>

### Pedido de envio de instrumentos e respetiva autorização para utilização dos mesmos

Tânia Gaspar <p6942@ulusofona.pt>  
Para: Ines da Silva Santos <38224@ufp.edu.pt>  
Cc: Ana Isabel Sani <anasani@ufp.edu.pt>

3 de janeiro de 2024 às 12:05

Estimada Inês Santos

Tem a autorização da equipa portuguesa do grupo Kidscreen para a utilização do instrumento Kidscreen-10 no âmbito da sua dissertação de mestrado, o manual do instrumento está disponível online no site da equipa Aventura Social qualquer questão disponha abraço Tânia Gaspar

No dia quarta-feira, 3 de janeiro de 2024, Ines da Silva Santos <38224@ufp.edu.pt> escreveu:

Bom dia Doutora Tânia Gaspar, o meu nome é Inês da Silva Santos, sou aluna da Universidade Fernando Pessoa, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais e encontro-me a frequentar o mestrado em Psicologia da Justiça: Vítimas de Violência e de Crime. Venho por este meio, pedir-lhe o envio e autorização para a utilização dos respetivos instrumentos: Kidscreen-52 (versão para pais) e Kidscreen-10 (versão para crianças e adolescentes), pois a minha dissertação tem como tema "Benefícios de uma Intervenção Assistida por Animais no Apoio a Crianças Vítimas de Violência Doméstica" e pretendo verificar se existem diferenças nos índices de bem-estar de crianças/adolescentes expostos à violência doméstica integradas em Casa Abrigo pré e pós terapia assistida por animais.  
Melhores cumprimentos,  
Inês da Silva Santos



#### Tania Gaspar

Professora Associada com Agregação

PhD em Psicologia e Gestão

Diretora do Serviço de Psicologia, Inovação e Conhecimento (SPIC)  
Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Investigadora Hei-Lab - Digital Human-Environment Interaction Lab

tania.gaspar@ulusofona.pt

Campo Grande, 376  
1749-024 Lisboa - Portugal  
www.ulusofona.pt

## Anexo C – Parecer Comissão de Ética



UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

*Das conteúdos à alma e  
onichdon(a).*  
*[Signature]*  
*25.01.2024*

Exmo. Senhor  
Prof. Doutor Pedro Reis  
Diretor da FCHS

Nº	Data
FCHS/MPVV – 511/24	23 de Janeiro de 2024

Exmo. Senhor Professor Doutor,

A Comissão de Ética analisou o projeto de Mestrado em Psicologia da Justiça apresentado por Inês da Silva Santos, intitulado "Benefícios de uma Intervenção assistida por Animais no Apoio a Crianças Vítimas de Violência Doméstica".

A Comissão de Ética considera o estudo pertinente. Estão acauteladas todas as questões éticas.

Deste modo, a Comissão de Ética considera nada haver a opor quanto à realização deste projeto.

Com os melhores cumprimentos,

A Presidente da  
Comissão de Ética da UFP

*Inês Lopes Cardoso*  
Inês Lopes Cardoso



FUNDAÇÃO ENSINO E CULTURA "FERNANDO PESSOA"

NIPC. 502 057 602 • Reg. Comercial nº.26 Conservatória do Registo Comercial do Porto

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
Praça 9 de Abril, 349 • 4249-004 Porto • Portugal  
T. +351 22 507 1300\* • <https://www.ufp.pt>  
geral@fundacaofernandopessoa.pt

FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
Rua Carlos de Maia, 296 • 4200-150 Porto • Portugal  
T. +351 22 507 4630\* • <https://www.ufp.pt>  
geral@fundacaofernandopessoa.pt

FACULDADE DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
Praça 9 de Abril, 349 • 4249-004 Porto • Portugal  
T. +351 22 507 1300\* • <https://www.ufp.pt>  
geral@fundacaofernandopessoa.pt

\* (chamada para a rede fixa nacional)

**Anexo D – Consentimento informado para as mães**

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

**“Benefícios de uma Intervenção assistida por Animais no Apoio a Crianças Vítimas de Violência Doméstica”**

**Eu, abaixo-assinado, (nome completo do participante no estudo) -----**  
-----,

compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que serei incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objetivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a minha participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_\_/20\_\_

**Assinatura do participante no**

**projeto:** \_\_\_\_\_

O Investigador responsável:

**Nome:**

**Assinatura:**

Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa

## **Anexo E – Consentimento informado para responsável legal**

### DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

#### **“Benefícios de uma Intervenção assistida por Animais no Apoio a Crianças Vítimas de Violência Doméstica”**

**Eu, abaixo-assinado (nome completo)** -----

-----,

**responsável legal pelo participante no projecto (nome completo)** -----

-----, compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da sua participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que será incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objetivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a sua participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_\_/20\_\_

**Assinatura do Responsável Legal pelo participante no projeto:** \_\_\_\_\_

O Investigador responsável:

**Nome:**

**Assinatura:**

Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa

**Anexo F – Consentimento informado para as crianças**

**DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

(CRIANÇA)

**“Benefícios de uma Intervenção assistida por Animais no Apoio a Crianças Vítimas de Violência Doméstica”**

**Eu, abaixo-assinado, (nome completo do participante no estudo) -----**

-----, compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que serei incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objetivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a minha participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_\_/20\_\_

**Assinatura do participante no projeto:** \_\_\_\_\_

O Investigador responsável:

**Nome:**

**Assinatura:**

Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa

## Anexo G – Protocolo de Cooperação



### PROTOCOLO DE COOPERAÇÃO

A Associação Portuguesa para a Intervenção com Animais de Ajuda Social, adiante designada por ÂNIMAS, com sede na Rua da Alegria, 598, Porto, pessoa coletiva n.º 506 119 718, representada por Catarina Cascais, Vice-Presidente da Direção, com o Cartão de Cidadão n.º 12212323

E

A Delegação de Matosinhos da Cruz Vermelha Portuguesa, adiante designada por 2.º outorgante, Delegação de Matosinhos da Cruz Vermelha Portuguesa, representada por Manuela Machado, Presidente da Direção.

Considerando o interesse mútuo no desenvolvimento de relações de cooperação, celebram o presente protocolo, que se regerá pelas cláusulas seguintes:

#### Cláusula 1.ª

- A ÂNIMAS é uma Associação sem fins lucrativos que visa: Ceder de forma gratuita cães de serviço e cães para pessoas surdas; promover programas de Intervenções Assistidas por Animais; Realizar ações de formação e trabalhos de investigação científica.
- A ÂNIMAS é constituída por uma equipa multidisciplinar que trabalha no sentido de proporcionar aos indivíduos com diversidade funcional um recurso habilitador que aumente o seu nível de independência e de autoestima.

#### Cláusula 2.ª

- A Delegação de Matosinhos da Cruz Vermelha Portuguesa é uma Organização Não – Governamental, sem fins lucrativos que detém vários serviços de atendimento e acolhimento para vítimas de violência doméstica, nomeadamente uma Casa de Abrigo. Paralelamente detém outros serviços, no apoio social, no apoio domiciliário e no socorro pré hospitalar.
- A Casa de Abrigo é constituída por uma equipa multidisciplinar que acolhe e trabalha a autonomização das vítimas mulheres acompanhadas ou não dos seus filhos menores.

#### Cláusula 3.ª

- O presente protocolo tem como objetivo específico a realização de Intervenções Assistidas por Animais que será designado por Projecto Cãofidente:
- As atividades realizar-se-ão com os objetivos de trabalhar questões emocionais das pessoas identificadas pela XXXXX.



Escola Profissional de Economia Social - Rua da Alegria, 598  
4000-037 Porto  
Tlf: 912220814  
animas@animasportugal.org / [www.animasportugal.org](http://www.animasportugal.org)  
NIF: 506 119 718



elBUC  
P.º

Cláusula 4.ª

- a) A Delegação de Matosinhos da Cruz Vermelha Portuguesa terá a responsabilidade de indicar as pessoas que beneficiarão das atividades bem como da indicação do local de desenvolvimento da ação.
- b) A Delegação de Matosinhos da Cruz Vermelha Portuguesa deverá fornecer às Duplas indicadas pela ÂNIMAS uma breve, oralmente, referência do contexto da situação das pessoas.
- c) A Delegação de Matosinhos da Cruz Vermelha Portuguesa indicará uma pessoa responsável por acompanhar as Duplas no decorrer das sessões.
- d) A Delegação de Matosinhos da Cruz Vermelha Portuguesa permitirá, desde que esteja de acordo com o estabelecido internamente na entidade e pela respetiva Comissão de Ética, a elaboração de estudos que permitam monitorizar e avaliar o impacto deste trabalho
- e) A Delegação de Matosinhos da Cruz Vermelha Portuguesa permitirá que o projeto seja divulgado junto da Comunicação Social e facilitará o acesso à mesma, respeitando-se, sempre, os direitos de salvaguarda e proteção da imagem das pessoas, indicando, pelo menos, uma pessoa responsável para ser entrevistada pelos órgãos de comunicação.
- f) A Delegação de Matosinhos da Cruz Vermelha Portuguesa divulgará internamente, por email, o início deste projeto com o objetivo informar toda a comunidade da Matosinhos.
- g) A Delegação de Matosinhos da Cruz Vermelha Portuguesa permitirá o estacionamento de uma viatura nos dias e horários previamente definidos para o desenvolvimento das atividades.

Cláusula 5ª

- a) A ÂNIMAS disponibilizará uma Dupla especializadas em Intervenções Assistidas por Animais que realizarão uma sessão semanal durante o período entendido entre 10 de março de 2024 a 12 de maio de 2024, num total de 10 semanas.
- b) O custo com este projecto é de 450,00€ e será totalmente assumido pela ÂNIMAS no âmbito da sua política de responsabilidade social.
- c) Caso haja alguma impossibilidade da equipa da ÂNIMAS desenvolver uma sessão terá que avisar com a brevidade possível a pessoa responsável da Delegação de Matosinhos da Cruz Vermelha Portuguesa designada para o acompanhamento.
- d) As partes deverão divulgar a realização deste projecto.
- e) As Duplas da ÂNIMAS possuem seguro em contexto de trabalho assegurado pela ÂNIMAS.



Escola Profissional de Economia Social - Rua da Alegria, 598  
4000-037 Porto  
Tlf: 917220814  
animas@animasportugal.org / [www.animasportugal.org](http://www.animasportugal.org)  
NIF: 506.119.718



Cláusula 6ª

- a) As equipas das partes deverão reunir periodicamente e definir estratégias em conjunto.
- b) Em situações de emergência a Dupla da ÂNIMAS assume, sempre, a responsabilidade pelo cão.
- c) A segurança dos pacientes é da responsabilidade da Delegação de Matosinhos da Cruz Vermelha Portuguesa.
- d) Caso, em algum momento, a Dupla da ÂNIMAS considerar que o cão não está em condições deverá interromper a sessão. Cabendo-lhe, apenas a si, a decisão de a finalizar ou realizar um intervalo.
- e) O presente protocolo entrará em vigor na data da sua assinatura, vigorando até à conclusão do mesmo.

Porto, 07 de março de 2024

Pela ÂNIMAS

Catarina Cascais

A Delegação de Matosinhos da Cruz Vermelha Portuguesa

Manuela Machado



Escola Profissional de Economia Social - Rua da Alegria, 598  
4000-037 Porto  
Tlf: 917220814  
[animas@animasportugal.org](mailto:animas@animasportugal.org) / [www.animasportugal.org](http://www.animasportugal.org)  
NIF: 505.119.718

## **Anexo H – Guião de entrevista para as progenitoras**

### Questionário de Caracterização para as Progenitoras:

Idade (atual):

Estado civil:

Nacionalidade:

Escolaridade:

Profissão:

Tempo de permanência na instituição:

Nº de filhos:

Idade dos filhos:

### **Guião de Entrevista semiestruturado para as Progenitoras**

*“Benefícios de uma Intervenção assistida por Animais no Apoio a Crianças Vítimas de Violência Doméstica”*

Esta entrevista tem como objetivo conhecer a opinião das mães das crianças e adolescentes relativamente aos benefícios de uma intervenção assistida por animais em Casa Abrigo. Esta entrevista terá uma duração compreendida entre 15 e 25 minutos e será gravada em suporte de áudio, mediante consentimento informado.

1. O/A seu/sua filho/a alguma vez teve contacto com um animal de estimação?
  - 1.1 Se sim, como descreve a ligação dele/a ao animal?
2. Quais as suas expectativas iniciais quanto à participação do/a seu/sua filho/a nesta intervenção?
3. Pode descrever o que observou durante as sessões de intervenção com os animais?
4. Pode descrever o comportamento do/a seu/sua filho/a durante o período de participação na intervenção?
5. Observou algum tipo de alteração no/a seu/sua filho/a após a intervenção?
6. Como descreve a sua relação como mãe com o seu/sua filho/a nos últimos meses?

Agradecer a participação e dar abertura para outras questões/sugestões.

## Anexo I – Categorias e Subcategorias das Progenitoras acerca dos Benefícios de uma Intervenção Assistida por Animais no Apoio a Crianças Vítimas de Violência Doméstica

### Grelhas de análise: categorias, subcategorias e registo semântico

**Categoria:** Perceções das progenitoras acerca do contacto prévio entre os seus filhos com um animal de estimação

Unidade de Análise		
Subcategoria	Registo Semântico	Contexto
Existência ou inexistência de contacto com animal de estimação	Contacto com cão de estimação (M2, M4, M5, M6)	<p>“ - Sim, teve contacto com um cão que tivemos quando era mais pequeno ” (M2)</p> <p>“ - Sim, lá onde morávamos tinha uma cadela chamada Packi ” (M4)</p> <p>“ - Sim teve, antes de irmos para cá tínhamos uma cadela ” (M5)</p> <p>“ - Sim, já tiveram contacto com animal de estimação em Angola, em casa tínhamos um cachorro ” (M6)</p>
	Outras respostas (M1, M6)	<p>“ - Sim, com ovelhas, cabras, galinhas ” (M1)</p> <p>“ - Só tiveram mesmo contacto com cães de rua ” (M3)</p>
Ligação ao animal	Muito boa ligação (M1, M2, M4)	<p>“ - São como eu, eles amam os animais, têm muito boa ligação tudo o que envolver animais eles gostam muito mesmo ” (M1)</p> <p>“ - A ligação dele com o cão foi muito boa ” (M2)</p> <p>“ - Ele tem muito boa ligação, gosta bastante de cães, ele amava a cadela, dava beijinho, dava abraço, então ele sempre gostou muito, no contexto geral ele gosta ” (M4)</p>
	Boa ligação (M5, M6)	<p>“ - Tem uma boa ligação, é muito meigo com os animais ” (M5)</p> <p>“ - É uma boa ligação, é boa, elas lidavam bem com o cãozinho, cuidavam do cãozinho, quando eu digo cuidavam, davam banho, davam de comer, levavam à veterinária ” (M6)</p>
	Outras respostas (M3)	<p>“ - Se forem cães grandes o mais novo teria medo, agora se forem pequenos já não ” (M3)</p>

**Categoria:** Expectativas iniciais das progenitoras quanto à participação dos seus filhos na intervenção

Unidade de Análise		
Subcategoria	Registro Semântico	Contexto
Expectativas positivas	Trazer felicidade às crianças (M1, M3, M5)	<p>“ - Para eles serem mais felizes porque como eu sei que eles gostam muito de animais e a gente veio para cá e eles não tinham esperava vê-los mais alegres (...)” (M1)</p> <p>“ - Esperava mesmo que viessem aqui fazer brincadeiras, trazer alegria e que corresse tudo bem” (M3)</p> <p>“ - Quando soubemos que ia haver uma intervenção assistida por animais foi uma alegria para eles, então a minha expectativa foi que ficassem mais felizes e criassem um vínculo especial com os animais” (M5)</p>
	Para não sentirem falta dos animais (M1)	“ (...) eles sentiam muito a falta do contacto com os animais por isso também esperava que com a intervenção não sentissem tanta falta” (M1)
	Para ter mais interesse pelos animais (M6)	“ - Como você sabe ele é autista, a minha expectativa era que ele tivesse um pouco mais de interesse pelo cão (...)” (M6)
Expectativas negativas	Receio dos animais (M4, M6)	<p>“ (...) estava com um pouco de medo porque o outro cãozinho que o meu filho estava habituado era menor, mas para mim foi muito positivo para ele ver que existem vários tipos de cães, então ele pode ter oportunidade de conhecer outras raças (...) eu achei muito válida a experiência” (M4)</p> <p>“ - Ao princípio estava com receio, pensei que os cães como são grandes e o cachorro que tínhamos era pequenininho que elas iam sentir um certo medo mas não aconteceu, logo à priori na primeira experiência aqui que tiveram com o cachorro foi boa, interagiram bem” (M6)</p>

**Categoria:** Observações das progenitoras durante as sessões de intervenção com os animais

Unidade de Análise		
Subcategoria	Registo Semântico	Contexto
Descrição dos cães	Porte do animal (M1, M4)	<p>“ (...) achei muito interessante o facto de ao longo das sessões terem trazido diferentes tipos de cães, especialmente aquele grandão” (M1)</p> <p>“ (...) vocês fizeram tipo um rodízio, trazendo animais de vários tamanhos e no geral eu acho que isso foi muito positivo” (M4)</p>
	Caraterísticas do animal (M4, M5, M6)	<p>“ (...) o animal tinha um instinto muito protector, os cães têm esse instinto protector e as crianças, pelo menos a maioria que eu vi se sentiram muito à vontade” (M4)</p> <p>“ (...) o cãozinho foi muito meigo com todas as crianças, elas estavam muito tranquilas, já por isso se diz que os cães são os melhores amigos do Homem” (M5)</p> <p>“ (...) eles estavam muito bem treinados então tudo foi muito bem feito, todas as sessões com o cão e as crianças e até com os adultos, achei muito gratificante” (M6)</p>
Atividades	Jogos (M1, M3, M6)	<p>“ (...) acredita que eles estão dormindo e de vez em quando dormindo eles falam ervilha não sei quê pega a bola pega a bola, estão sonhando com o que fizeram com a cadelinha no programa” (M1)</p> <p>“ (...) houve muita brincadeira, os jogos eram interessantes para as crianças especialmente quando as ensinaram a fazer truques com o cão” (M3)</p> <p>“ (...) houve jogos com o cachorro, um jogo foi esconder os biscoitos e as minhas filhas foram escondendo o alimento que depois foi encontrado pelo cachorro e correu bem, gostei eu como mãe e elas também gostaram da intervenção” (M6)</p>
Comportamento do/s filho/s	Comportamento emocional (M1, M5, M6)	<p>“ (...) via-se mesmo a alegria deles no olhar mesmo, aquele brilho de estar ali no meio do animal, aquele contacto que eles não tinham e voltaram a ter, era uma alegria total sempre que viam o cão eles pulavam de alegria” (M1)</p> <p>“ (...) ele ficava sempre muito feliz quando chegava o dia de vir cá os animais” (M5)</p> <p>“ As minhas filhas ficavam muito tranquilas durante as intervenções, uma delas está a acabar o projeto para terminar a escola e ela tem andado muito ansiosa mas nesses momentos conseguia distrair-se um pouco” (M6)</p>

	Comportamento motor (M2, M3, M4)	<p><i>“ (...) o meu filho não parava, queria sempre muito participar em tudo o que estavam a fazer, sempre agarrado à cadela ervilha, gostou muito não a queria largar” (M2)</i></p> <p><i>“A minha mais velha é mais quietinha não brinca tanto, mas o meu mais novo ficava muito irrequieto, estava sempre atrás da ervilha ou de outro cãozinho sempre a querer dar biscoitos, a brincar era uma animação ali” (M3)</i></p> <p><i>“ (...) poucas vezes ele parou em si nessas intervenções devido à sua agitação motora (...)” (M4)</i></p>
	Comportamento social (M2, M5)	<p><i>“ (...) acho que estas sessões ajudaram a que o meu filho comunicasse mais com os outros” (M2)</i></p> <p><i>“ (...) o meu filho é bastante tímido então na minha opinião durante as sessões ele sentiu-se mais à vontade e relacionou-se mais também com as outras crianças” (M5)</i></p>
Participação do/s filho/s	Muito participativo/s (M1, M2, M6)	<p><i>“ (...) foram muito participativos, estão sempre em cima do animal estão sempre ali brincando e estou sempre a dizer não faça muita força que isso não é um bichinho de peluche isso é um animal está vivo, parece que eles estão brincando ali com um boneco sei lá” (M1)</i></p> <p><i>“ (...) foi muito participativo, queria sempre fazer tudo” (M2)</i></p> <p><i>“ (...) elas participaram muito bem, foram muito participativas, em todos os jogos elas mostravam-se sempre muito interessadas” (M6)</i></p>
	Outras respostas (M4)	<p><i>“ (...) eu não posso obrigar ele a interagir mais, tem que ser com calma, mas eu achei que ele foi bem com a relação ou o contacto com o animal, claro que não foi igual às outras crianças mas dentro das limitações dele foi bem válido” (M4)</i></p>

**Categoria:** Observações das progenitoras após a intervenção com os animais

Unidade de Análise		
Subcategoria	Registo Semântico	Contexto
Alterações no comportamento do/s filho/s	Mais felizes (M1, M2, M5, M6)	<p>“ – Ah estão muito mais contentes, estavam mais tristes antes porque não tinham animais, como eles cresceram praticamente sempre no meio dos animais, das ovelhas, das cabras anãs, das galinhas e pronto dos animais ali do campo, aqui não tinham nada, viram o cão e pa vi logo aquele brilhinho ali nos olhos ai muito lindo (...)” (M1)</p> <p>“ (...) ele ficava muito feliz depois das sessões por ter estado com o cão” (M2)</p> <p>“- Alterou completamente, ele parecia estar sempre infeliz até o cão aparecer, depois disso foi uma alegria” (M5)</p> <p>“ (...) elas depois de terminarem as atividades ficavam felizes por aquilo tudo que aconteceu” (M6)</p>
	Menos ansiosos (M6)	<p>“ (...) a ansiedade delas diminuiu substancialmente, elas eram meninas muito ansiosas e isto ajudou muito eu acho” (M6)</p>
	Inexistência de alterações (M3, M4)	<p>“ – Eles já eram assim animados então não mudou muita coisa” (M3)</p> <p>“- Não observei alterações porque ele ficou muito assim... ele tem estado com muita agitação motora então ele ficava o tempo todo para lá e para cá para lá e para cá, às vezes ele parava e olhava para o cão mas não era, ele não tinha um foco em si no animal, o foco dele era estar para lá e para cá, para lá e para cá” (M4)</p>
Alterações nos relacionamentos	Relacionamento entre mãe e filho/s (M1, M2, M6)	<p>“- A intervenção fez com que ficássemos ainda mais próximos, às vezes acontecia alguma coisa e eu não podia estar ali com eles, mas é porque a gente cá tem tarefas que a gente tem que fazer dentro do horário, então eles qualquer coisa chamavam logo mãe vem aqui e eu corria (...) eu ficava ali admirando eles, sorrindo, brincando, ah depois quando precisavam de mim corriam mãe vem cá vem cá e eu saia correndo” (M1)</p> <p>“ (...) ele saía da intervenção e vinha a correr contar-me tudo o que se tinha passado, foi muito bom nesse sentido, ajudou a falarmos mais” (M2)</p> <p>“ (...) ajudou também na aproximação entre nós as três, eram momentos em que partilhávamos muito entre nós” (M6)</p>
	Relacionamento entre	<p>“ (...) ela e a irmã interagiam muito mais, conversavam sobre o que aconteceu lá, então</p>

	irmãos (M6)	<i>ajudou muito na aproximação entre as duas (...)</i> ” (M6)
Dificuldades após a intervenção	Saudades dos animais (M1, M3)	<p>“ (...) a última vez que viu a ervilha, o meu filho foi chorando ali à sala, mãe a ervilha não vem mais e eu então porquê? Já acabou mãe ela já não vem mais e chorando, chorando desesperado e eu aí filho não chora ela volta” (M1)</p> <p>“ (...) Eu tenho estado a gostar muito, mas a parte da despedida é que é complicado, porque o meu mais novo depois não quer que ela vá embora e fica ali a chorar tenho que o acalmar, as saudades...” (M3)</p>
Intervenção assistida por animais	Implementação do programa em Casa Abrigo (M2, M3, M4, M5)	<p>“ – Acho que o programa devia ser mesmo implementado porque é bom para as crianças e elas gostam muito dos animais, principalmente dos cães, os miúdos gostam, acho que isso é muito bom para eles” (M2)</p> <p>“ (...) este projecto devia ser implementado ia dar assim uma animação constante às crianças” (M3)</p> <p>“ – Eu acho que deve ser implementado este programa, é muito bom esse contacto com animais sabe, as crianças adoram e eles acabam aprendendo assim, os animais têm sempre alguma coisa a ensinar, principalmente os cachorros, a questão da lealdade e entre outras coisas, eu acho muito importante esse contacto com as crianças, é diferente e vale muito a pena eu acho, na minha opinião”(M4)</p> <p>“ – Acho que este programa devia de ser implementado, acho que seria benéfico para as mães e para as crianças” (M5)</p>
	Adoção de animal de estimação para Casa Abrigo (M1, M6)	<p>“ - Uma coisa, uma sugestão minha porque eu vi a diferença deles, o antes e o depois, o antes porque eles não tinham animal nenhum cá e depois desde que começou a vir os cães, faz muita diferença mesmo então o que é que eu sugeria, porque é que numa Casa Abrigo não se adotava, nem que fosse aqueles cãesinhos pequeninos chiuwawua ou yorkshire terrier para ter na própria Casa Abrigo para as crianças cuidarem, darem água, banho, acho que era uma coisa interessante para eles terem responsabilidade desde pequenos” (M1)</p> <p>“ (...) Era muito bom que as Casas Abrigo tivessem um animal de estimação, ia ser ótimo para as crianças e mesmo para nós mães” (M6)</p>